



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**FÍSICA UFJF/UFV**

**João Paulo Fernandes Soares**

**O DOCE AMARGO SABOR DO ENVELHECIMENTO:  
EXPERIÊNCIAS CORPORAIS, GERACIONAIS E DE GÊNERO**

Juiz de Fora  
2014

**JOÃO PAULO FERNANDES SOARES**

**O DOCE AMARGO SABOR DO ENVELHECIMENTO:  
EXPERIÊNCIAS CORPORAIS, GERACIONAIS E DE GÊNERO**

Dissertação apresentada ao PPGEF –  
Mestrado em Educação Física da  
Faculdade de Educação Física da  
Universidade Federal de Juiz de Fora,  
como parte dos requisitos para obtenção  
do título de Mestre em Educação Física.  
Área de concentração: Movimento  
Humano e Cultura.

**Orientadora: Professora Doutora Ludmila Nunes Mourão**

Juiz de Fora  
2014

SOARES, J. P. F.

O Doce Amargo Sabor do Envelhecimento: experiências corporais geracionais e de gênero / João Paulo Fernandes Soares. - 2014.  
128 f.:il.

Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

1. Envelhecimento.    2. Vivências corporais.    3. Gênero

JOÃO PAULO FERNANDES SOARES

**O DOCE AMARGO SABOR DO ENVELHECIMENTO:  
EXPERIÊNCIAS CORPORAIS, GERACIONAIS E DE GÊNERO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014, pela Banca Examinadora composta por:

---

Professora Doutora Ludmila Nunes Mourão (Orientadora)  
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

---

Professor Doutor Anderson Ferrari  
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

---

Professor Doutor Edmundo de Drummond Alves Júnior  
Universidade Federal Fluminense – UFF

**O DOCE AMARGO SABOR DO ENVELHECIMENTO:  
EXPERIÊNCIAS CORPORAIS, GERACIONAIS E DE GÊNERO**

**“De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição de conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?”**

**Michel Foucault**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me mostrar saídas e novas entradas nos momentos tortuosos de minha vida.

A minha esposa, Susana, exemplo de otimismo, alegria e cumplicidade, pelos conselhos dados, pela paciência nos momentos de ausência e pelo amor e amizade incondicionais em minha trajetória.

A meu filho, Mateus, meu porto seguro nos momentos mais difíceis, pela alegria constante. Saiba que você foi o melhor presente que Deus poderia ter me dado, minha maior motivação em prosseguir.

Aos meus queridos pais, Letícia e João, pelo exemplo de vida e pelas orações e apoio, mesmo a distância.

Aos meus irmãos, Júnia, Nilton e Letícia, por serem referências positivas em minha vida e por estarem torcendo sempre pelo meu sucesso.

Ao meu segundo pai, Vicente, e a minha segunda mãe, Aparecida, pela confiança, preocupação, incentivo e pela fé inabalável em seu genro.

À professora Ludmila, pelo exemplo de generosidade, alegria, otimismo e foco. Você me mostrou que exercer liderança é agregar, compartilhar, motivar e proporcionar às pessoas confiança em si mesmas. Tudo isso com seu jeito doce e sereno de ser. Obrigado por sempre acreditar em mim.

À Faculdade Governador Ozanam Coelho, FAGOC, na figura do diretor geral e amigo, Marcelo Andrade, por acreditar em meu processo de qualificação e pelo apoio concedido em meu mestrado.

Ao meu querido amigo Eraldo, pelo apoio nas ausências e por acreditar em meu potencial sempre.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFJF/UFV, pela oportunidade em fazer parte deste grupo.

À família GEFSS, pela amizade e leitura atenciosa dos textos que compõem esta dissertação.

Aos sempre professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Física UFV/UFJF Eliana Ferreira e Carlos Coelho, pela oportunidade em partilhar reflexões e pelas relevantes contribuições acadêmicas realizadas em suas disciplinas.

Aos professores Anderson Ferrari e Edmundo Drummond pela atenção dispensada nas diversas etapas deste trabalho de pesquisa e pela dedicação na leitura e nas contribuições realizadas.

Finalmente, gostaria de agradecer a minhas interlocutoras, que gentilmente permitiram, através do convívio e de seus relatos, partilhar um pouco de suas trajetórias de vida, seus anseios, dúvidas, motivações, conflitos, alegrias e sonhos. Muito obrigado por descentrarem meu olhar sobre o envelhecimento e por compartilharem um pouco de suas histórias neste trabalho.

## **RESUMO**

Esta pesquisa buscou identificar e compreender as motivações para a permanência de um grupo de idosos que participam do Projeto Vida Ativa (PVA) de atividade física e as consequências dessa decisão nas relações sociais desses sujeitos. Além desse objetivo, buscou-se compreender como é possível, através das vivências corporais, refletir sobre gênero, feminilidades e empoderamento feminino na velhice. Nesse sentido, fez-se necessário expor as experiências geracionais e os modos de subjetivação vivenciados no PVA. Esta pesquisa qualitativa se caracteriza como um estudo antropológico de cunho etnográfico, que teve como marco teórico os referenciais dos estudos em antropologia social e urbana. As técnicas foram a observação sistemática das aulas e eventos do PVA e entrevistas realizadas com um grupo de oito sujeitos, sendo cinco alunas e um aluno do PVA, além da professora e da estagiária do projeto. A pesquisa de campo ocorreu no município de Ubá/MG, durante nove meses, no período de março a novembro de 2013. As motivações das idosas e do idoso para a continuidade no PVA passam pela reconstrução dos projetos individuais e da construção de um projeto coletivo na velhice. Os laços de sociabilidade e reciprocidade são marcantes nas relações estabelecidas. As experiências geracionais vivenciadas expõem conflitos geracionais e apropriações simbólicas mútuas das unidades geracionais presentes no PVA. As experiências de gênero deixam claro que o PVA é um espaço predominantemente feminino e que o grupo de interlocutoras demonstra construir diversas estratégias para que esse espaço permaneça dessa forma. A presença dessas mulheres nesse espaço é constantemente negociada com seus grupos familiares, que assumem valor simbólico central nas construções identitárias dessas idosas. Assim, a polissemia dos modos de subjetivação presentes no PVA aponta para a multiplicidade e heterogeneidade das experiências dos sujeitos na velhice.

**PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento, vivências corporais, gênero.**

## **ABSTRACT**

This research sought to identify and understand the reasons for the persistence of a group of seniors who participate in PVA - project for physical activity – and the consequences of that decision in the social relations of these subjects. Beyond this goal, we sought to understand the possibility of reflecting on gender, femininity and female empowerment in old age through bodily experiences. Accordingly, it was necessary to expose the generational experiences and modes of subjectivity experienced in PVA. This qualitative research is characterized as an anthropological ethnographic study that had as reference the theoretical framework of studies on social and urban anthropology. The techniques were the systematic observation of classes and events of PVA and interviews with a group of eight subjects, five students and a PVA student, as well as teacher and the intern in the project. The fieldwork took place in Uba/MG, for nine months, from March to November 2013. The motivations of older and elderly to continue in PVA are based on the reconstruction of individual projects and the construction of a collective project in old age. The ties of sociality and reciprocity are striking in that relationship. The generational experiences expose generational conflicts and mutual symbolic appropriations of generational units present in PVA. The experiences of gender make clear that PVA is a female-dominated space and the group of interlocutors demonstrates various strategies to build that space remains that way. The presence of these women in this space is constantly negotiated with their family groups, who take central symbolic value in the identity constructions of these elderly. Thus, the multiple meanings of the modes of subjectivity present in PVA points to the multiplicity and heterogeneity of the subjects experiences in old age.

**KEYWORDS: Aging, bodily experiences, gender.**

# O DOCE AMARGO SABOR DO ENVELHECIMENTO: EXPERIÊNCIAS CORPORAIS, GERACIONAIS E DE GÊNERO

## Sumário

1. APRESENTAÇÃO .....	7
1.1. Objetivos da Pesquisa .....	9
2. PERCURSO METODOLÓGICO .....	10
2.1. O projeto vida ativa e o grupo de informantes da pesquisa .....	10
2.2. Método e técnicas de pesquisa.....	13
2.3. A observação sistemática e o caderno de campo: armadilhas do campo empírico .....	16
3. ARTIGO 1: “Se precisar, a gente mesmo dá aula”: lazer, políticas públicas, organização e participação comunitária de idosos .....	18
3.1. Introdução .....	18
3.2. O Lazer como fenômeno cultural e as Políticas Públicas de Lazer .....	19
3.3. O Projeto Vida Ativa: a transição para uma política pública municipal .....	21
3.4. Organização comunitária de idosos e as descontínuas políticas públicas de lazer .....	22
3.5. Projetos que se cruzam na construção de um projeto coletivo .....	24
3.6. Considerações finais: projetos em construção .....	28
3.7. Referências Bibliográficas .....	29
4. ARTIGO 2: Envelhecimento, cuidado de si e o discurso da terceira idade ativa: experiências geracionais e processos de subjetivação.....	32
4.1. Introdução .....	32
4.2. Saberes e sabores o envelhecimento: os cuidados de si como condição contemporânea .....	34
4.3. Entre permanências e modismos: a construção do conceito de terceira idade .....	36
4.4. Experiências geracionais e modos de subjetivação .....	39
4.5. Considerações finais .....	48
4.6. Referências Bibliográficas .....	49

5. ARTIGO 3: GÊNERO E ENVELHECIMENTO: vivências corporais e construção de feminilidades.....	53
5.1. Introdução .....	53
5.2. “Bendito é fruto entre as mulheres”: nuances da participação masculina no PVA.....	55
5.3. Mulheres empoderadas? Valor família e as feminilidades em construção.....	61
5.4. Considerações finais .....	64
5.5. Referências Bibliográficas .....	65
6. CONCLUSÕES.....	69
7. ANEXOS.....	71
ANEXO I .....	71
ANEXO II.....	73
ANEXO III .....	75
ANEXO IV .....	76
ANEXO V.....	77
ANEXO VI.....	117
ANEXO VII.....	123

## **Lista de abreviaturas**

CEP – Comitê de Ética e Pesquisa

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS – Organização Mundial da Saúde

PELC – Programa Esporte e Lazer da Cidade

PMU – Prefeitura Municipal de Ubá

PPGEF – Programa de Pós Graduação em Educação Física

PVA – Projeto Vida Ativa

SUS – Sistema Único de Saúde

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFV – Universidade Federal de Viçosa

# 1. APRESENTAÇÃO

A experiência do envelhecimento na contemporaneidade apresenta-se como um processo cultural multifacetado e plural, com presença de vários discursos explicativos desse momento da vida dos sujeitos em sociedade. Dentre eles, podemos citar o discurso gerontológico, precursor do envelhecimento ativo, que busca evidenciar os pressupostos para a busca do “bom” envelhecimento, em contraposição aos aspectos referentes ao envelhecimento senescente, que passa a figurar como desdobramento indesejado, devendo ser constantemente evitado no processo de envelhecimento.

Essa perspectiva é divulgada por diversas instituições de saber poder que ressignificam as interpretações sobre o processo de envelhecer, evidenciando um processo de reprivatização da velhice, em que os sujeitos são, em última instância, responsáveis pelo seu próprio envelhecimento, bem como os desdobramentos desse processo.

Nesse contexto, a busca por vivências corporais pelos sujeitos ocuparia lugar de destaque neste momento histórico dos debates sobre o envelhecimento? A inserção em projetos de atividade física, oriundos de políticas públicas sociais, poderia configurar-se em oportunidade de ampliação das redes de sociabilidade? Que discursos permeiam as intervenções dos profissionais atuantes nessas iniciativas governamentais? Como os sujeitos ressignificam esses espaços de sociabilidade?

Antes de aprofundarmos essas questões norteadoras, gostaria de pontuar algumas inquietações pessoais que resultaram neste estudo, que refletem sobre o envelhecimento, compreendendo-o como um processo plural, polissêmico e inexorável de nossa existência social, o qual é condicionante e condicionado pelas posições de geração, gênero, classe social, etnia, dentre outros aspectos identitários e de identificação dos sujeitos.

Minha relação com os grupos de idosos iniciou-se no curso de graduação em Educação física, na Universidade Federal de Viçosa, no ano de 2003, onde cursava o quarto período e havia conseguido minha primeira vaga de estágio, a ser desenvolvida em um projeto de hidroginástica.

Naquele momento, vi a possibilidade de refletir sobre as lacunas em minha formação acadêmica, bem como minhas limitações pedagógicas em lidar com pessoas idosas, já que, como boa parte dos acadêmicos de Educação Física, eu estava fortemente ligado ao discurso institucional da juventude, difundido pelas vivências corporais

ligadas ao esporte de alto rendimento, foco da maioria das disciplinas do currículo acadêmico<sup>1</sup>.

Permaneci nesse projeto de extensão por dois anos e seis meses, o qual – confesso – foi uma das experiências acadêmicas mais significativas, na medida em que pude compreender mais sobre o envelhecimento, principalmente sobre a participação dos grupos de idosos nas vivências corporais. Quais seriam as motivações desses sujeitos? Como lidar com um grupo heterogêneo de pessoas no que se refere às vivências corporais? Como reorientar a prática pedagógica dos professores e estagiários envolvidos? Tais questões levam, em inúmeros momentos, a visões estigmatizantes, preconceituosas, homogeneizantes, e devem ser problematizadas.

Outro ponto que chamava atenção era o número quase inexistente de homens matriculados no projeto de atividade física e, paralelamente, a dificuldade em atrair esse grupo para a prática de vivências corporais no espaço público, de forma individual e ou coletiva, o que, em certa medida, reflete uma realidade geracional ampla.

Outra experiência profissional que contribuiu para a realização desta pesquisa foi a atuação como coordenador de um dos núcleos do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC), em Ubá/MG, no ano de 2010. Em tal núcleo, que estava situado em um bairro de classes populares, tínhamos dois grupos de mulheres idosas que vivenciavam ginástica na perspectiva da animação cultural<sup>2</sup>.

Nessa experiência pedagógica estreitei minha relação com pessoas idosas e me aproximei de suas trajetórias de vida e das formas como as vivências corporais eram significadas nesse processo de apropriação do espaço público e busca de ampliação dos laços de sociabilidade. No entanto, observei que, para a participação no projeto, as negociações familiares eram constantes, tanto no caso daquelas ligadas ao trabalho doméstico, quanto do cuidado com os integrantes da família, obrigações médicas e religiosas.

No ano de 2011, houve o encerramento desse programa, e a Prefeitura Municipal de Ubá assumiu os núcleos, mantendo as atividades que atendiam os idosos. O PELC, então, é renomeado como Projeto Vida Ativa (PVA), e as intervenções são iniciadas no fim do primeiro semestre de 2011. A princípio, o núcleo localizado no bairro Industrial

---

<sup>1</sup> Nota-se, pois, nesse curso de graduação, a existência de discussões e iniciativas que cotemplavam trabalhos de extensão universitária e pesquisas com grupos de idosos, permeadas pelo discurso do envelhecimento ativo. Entretanto, estas eram reduzidas e pontuais, quando comparadas ao universo total de intervenções extensionistas e iniciativas de pesquisa nesse contexto.

<sup>2</sup> Sobre o conceito de Animação Cultural, ver MELO, V. A. . **A animação cultural: conceitos e propostas**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

torna-se o único que possui um público expressivo de participantes remanescentes do PELC.

No mesmo período, estabeleço contato com a professora responsável por essas atividades na transição dos projetos, que assume a coordenação do PVA com a meta de ampliar a área de abrangência dessa política pública municipal.

A partir dessa relação e da inserção como observador neste núcleo, percebo que as alunas do PVA foram decisivas no processo de transição e manutenção desse projeto e que tal grupo configura-se no mais antigo a realizar vivências corporais em projetos sociais na cidade de Ubá.

Com essa percepção, foram organizados os pressupostos de uma pesquisa que investigasse essa rede de sociabilidade criada e recriada por esse grupo de mulheres praticantes de atividade física, no bairro Industrial, que agrega diferentes formas de vivenciar e gerir a velhice.

Nesse sentido, este estudo busca identificar as motivações para a permanência dessas mulheres idosas no PVA, assim como avaliar os desdobramentos dessa decisão em suas relações sociais. Busca, ainda, responder aos seguintes questionamentos: de que formas as posições geracionais e de gênero se articulam e se combinam na sociabilidade produzida nesse contexto cultural? Como é possível, através das vivências corporais, refletir sobre a construção de feminilidades, empoderamento e as relações de gênero no envelhecimento na contemporaneidade?

Com a intenção de buscar respostas a essas questões norteadoras, a organização desta dissertação se deu em três artigos temáticos, cada um com sua especificidade, mantendo, contudo, como eixo temático central, as reflexões sobre as experiências geracionais e de gênero na velhice.

### **1.1. Objetivos da Pesquisa**

O primeiro artigo – “‘Se precisar, a gente mesmo dá aula’: lazer, políticas públicas, organização e participação comunitária de idosos” – surge do investimento em reconstruir aspectos da história recente das políticas públicas de lazer no município de Ubá, Minas Gerais, via discursos das mulheres que vivenciaram esse processo, a partir de seus protagonismos na transição do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) para o Projeto Vida Ativa (PVA), foco empírico deste estudo. Buscamos compreender as motivações para a continuidade das vivências corporais deste grupo de mulheres e

um homem, no processo de transição entre projetos. Algumas pistas permitiram inferir que tais motivações foram movidas por um processo de autonomia e empoderamento das mulheres, que assumiram a gestão do projeto e se organizaram para sua continuidade.

O segundo artigo – “Envelhecimento, cuidado de si e o discurso da terceira idade ativa: experiências geracionais e processos de subjetivação” – buscou refletir as experiências geracionais e os processos de subjetivação vivenciados por essas mulheres no contexto do PVA, mediante as vivências corporais realizadas em grupo. Partimos da premissa de que as intervenções com esse grupo de mulheres são planejadas e implementadas institucionalmente com base no discurso gerontológico do envelhecimento ativo, precursor do conceito da terceira idade contemporâneo. Em um processo relacional, buscou-se a compreensão de como tais discursos são ressignificados pelo grupo.

No terceiro artigo – “Gênero e Envelhecimento: vivências corporais e construção de feminilidades” – analisamos as relações de gênero vivenciadas pelo grupo e buscamos compreender em que medida essas vivências expõem aspectos da sociabilidade produzida nesse contexto, resultando em alternâncias de poder entre as integrantes do grupo em outros espaços de sociabilidade, construindo, assim, suas feminilidades na velhice.

Cabe, agora, iniciar a exposição dos pressupostos teóricos e metodológicos que nortearam esta pesquisa.

## **2. PERCURSO METODOLÓGICO**

### **2.1. O projeto vida ativa e o grupo de informantes da pesquisa**

O Projeto Vida Ativa (PVA) contava, no período que compreende os meses de março a novembro de 2013<sup>3</sup>, durante o qual se realizou esta pesquisa, com um grupo de aproximadamente trezentas e cinquenta pessoas matriculadas<sup>4</sup>, distribuídas em 10 bairros da cidade de Ubá<sup>5</sup>, Minas Gerais. Esses bairros têm em comum o fato de serem

---

<sup>3</sup> Os dados acerca do PVA foram obtidos a partir da entrevista com a coordenadora do projeto e a análise das fichas de inscrição e presença dos núcleos, que foram disponibilizadas ao pesquisador.

<sup>4</sup> Neste grupo, a porcentagem de mulheres é de 88,8% do total, sendo 11,2% a porcentagem de homens no total de matriculados. Deste total, 318 pessoas (91%) têm idades iguais ou superiores aos 60 anos.

<sup>5</sup> O município de Ubá fica localizado na mesorregião da Zona da Mata mineira, a 297 km da capital Belo Horizonte e a 110 km de Juiz de Fora. Tem como principal atividade econômica a produção moveleira.

de classes populares e estarem localizados em diversas regiões da cidade, como pode ser visualizado na figura abaixo:

Figura 1 – Mapa da cidade de Ubá/MG, com a distribuição dos núcleos do PVA



Nesse universo analítico, foi determinado, como local para a pesquisa de campo, o núcleo do PVA no bairro industrial, que conta com 32 pessoas matriculadas<sup>6</sup>, 31 mulheres e 1 homem. Esse bairro foi escolhido por ser o primeiro local em que foram desenvolvidas as ações do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) com foco no público de idosos e por tais ações terem sido mantidas na transição para o Projeto Vida Ativa (PVA). Somando esses períodos, teremos aproximadamente 5 anos de projetos sociais de atividade física e lazer funcionando nesse bairro.

Em entrevista, a professora que acompanha esse grupo desde o início das atividades indicou uma rede de interlocutores composta de 5 alunas e 1 aluno, que assumiram, segundo ela, papéis de liderança e protagonismo na transição dos projetos, mobilizando e mantendo o grupo unido nesse momento histórico, o que foi fundamental para a manutenção das intervenções do atual PVA. Além desse grupo de 6 idosos, a professora e a estagiária do PVA fizeram parte do grupo entrevistado, totalizando 8 interlocutores. Segue, no quadro abaixo, uma breve caracterização do grupo.

---

Possui uma população de 101.519 habitantes. Desse total, 50.258 são homens e 51.261 são mulheres. A população é predominantemente urbana: 97.636 pessoas residem na área urbana e 3.883 pessoas na área rural. A população com idade igual ou superior a 60 anos é de 11.063 pessoas, ou seja, 10,9% da população do município. Desse total, a população masculina com 60 anos ou mais é de 4.953 pessoas. A população feminina com 60 anos ou mais é de 6.110 pessoas (IBGE, 2010).

<sup>6</sup> Deste total, 28 pessoas (87,5 %) do grupo tem idades iguais ou superiores aos 60 anos.

Quadro 1 – Caracterização do grupo de interlocutoras da pesquisa

<b>NOME<sup>7</sup></b>	<b>IDADE / ANO DE NASCIMENTO</b>	<b>ATUAÇÃO, ESTRUTURA FAMILIAR E TEMPO PARTICIPAÇÃO NO PVA</b>
Ana Paula	42 anos – 1971	Educadora Física; coordenadora e professora; atua no PVA há 3 anos
Camila	20 anos – 1993	Estudante de Educação Física; estagiária PVA; Atua no PVA há 1 ano e seis meses
Leandra	71 anos – 1942	Trabalho doméstico Casada - 4 filhos e 2 netos Participa do projeto há 5 anos
Bruna	70 anos – 1943	Trabalho doméstico Casada - 8 filhos e 12 netos Participa do projeto há 5 anos
Mariana	63 anos – 1950	Aposentada Casada – 2 filhos e 2 netos Participa do projeto há 5 anos
Renata	56 anos – 1957	Trabalho doméstico Casada - 1 filho Participa do projeto há 5 anos
Adriana	67 anos – 1946	Trabalho doméstico Casada – 5 filhos e 7 netos Participa do projeto há 3 anos
Fernando	73 anos – 1940	Aposentado Casado - 1 filha Participa do projeto há 5 anos

Nota-se que o grupo converge em alguns pontos, como a faixa etária, já que boa parte do grupo é nascida nas décadas de 40 e 50. A interlocutora Renata é a mais jovem do grupo, no entanto afirma compartilhar aspectos simbólicos do grupo de idosos, em que ela se identifica como “idosa”, como o restante de suas colegas de PVA.

Esse grupo foi socializado na região rural de Ubá, que, nas décadas anteriores a 1980, era a maior região do município e tinha na agropecuária as maiores atividades produtivas. A alteração do quadro sócioeconômico da cidade se dá na segunda metade da década de 1980, com o advento das fábricas de móveis, que forçam a urbanização e a migração das pessoas para a cidade. O bairro industrial é um dos primeiros desse novo momento histórico e foi nele que boa parte das interlocutoras viveu sua juventude e construiu seus grupos familiares. Esse bairro, no qual as políticas públicas de lazer para idosos se desenvolvem há mais tempo na cidade, constituiu o campo empírico desta pesquisa<sup>8</sup>.

Sem a pretensão de esgotar a caracterização de nosso grupo de interlocutoras, vamos neste momento apresentar os aspectos metodológicos da pesquisa de campo.

<sup>7</sup> Os nomes das interlocutoras desta pesquisa serão resguardados por questões éticas e, ao serem expostos no texto, serão utilizados nomes fictícios.

<sup>8</sup> Este trecho faz parte do caderno de campo da pesquisa, elaborado a partir dos relatos das interlocutoras.

## 2.2. Método e técnicas de pesquisa

Os procedimentos metodológicos e as técnicas de coleta de dados representam os elementos que compõem o planejamento desta pesquisa. Com o intuito de pontuar algumas diferenciações conceituais entre metodologia, métodos e técnicas de pesquisa em ciências sociais, Demo (1995) entende a metodologia de um estudo qualitativo como um terreno amplo de teorização, problematização e compreensão da realidade social. Métodos e técnicas seriam as formas como essa realidade empírica é captada. Um engloba o outro e ambos se relacionam de forma interdependente (DEMO, 1995).

Dessa forma, esta pesquisa qualitativa<sup>9</sup> se caracteriza como um estudo antropológico de cunho etnográfico, tendo como marco teórico os referenciais dos estudos em antropologia social e urbana (GEERTZ, 1997; 1989; MAGNANI, 2009; 2005; 2004; 2002; 1996; SILVA, 2011; 2000; VELHO, 2013; 2004; 2002).

Tal método de pesquisa se justifica na medida em que se estabelece uma convivência mais próxima com os interlocutores, na constante busca de aproximações das subjetividades desses sujeitos, acessando, mesmo que de forma limitada e contingenciada, suas visões de mundo<sup>10</sup>.

Sobre a escolha desse método, principalmente com relação aos possíveis problemas e imponderáveis presentes do campo de pesquisa, Geertz (1989) é esclarecedor:

[...] o etnógrafo enfrenta, quando não está trabalhando em aspectos mais automatizados da coleta de dados, uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas as outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, ficando o etnógrafo com a função de primeiramente apreender e depois apresentar os significados. (GEERTZ, 1989, p.7).

Portanto, realizar um estudo etnográfico é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos (GEERTZ, 1989).

Para esse autor, a etnografia compreende vários momentos, mas cabe-lhe, sobretudo, não só “estabelecer relações, selecionar interlocutores, transcrever textos,

---

<sup>9</sup> Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética e pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora, com código de aprovação número: 10497413.7.0000.5147. O parecer consubstanciado deste processo consta nos anexos dessa dissertação.

<sup>10</sup> A categoria visão de mundo é compreendida, nos termos de Geertz (1989, p. 93), como: “o quadro que os sujeitos de uma determinada cultura elaboram das coisas como elas são na simples realidade, seus conceitos de natureza, de si mesmos, de aspectos da sociedade em que vivem”.

levantar genealogia, mapear campos, manter um diário” (GEERTZ, 1989, p. 15), mas realizar um esforço intelectual, mediante a realização de uma descrição densa.

Durante o período de minha inserção no campo de pesquisa, foram realizadas, como técnicas de coleta de dados, observações sistemáticas, com registros em caderno de campo<sup>11</sup>, das aulas do PVA. Essa inserção ocorreu no período de março a novembro de 2013.

Foram realizadas 8 entrevistas temáticas individuais<sup>12</sup>. A relevância da técnica de entrevista reside na possibilidade de se trabalhar com a experiência individual e ampliar para entradas no espaço pessoal subjetivo, supondo uma sequência menos factual dos acontecimentos da história de vida e mais vinculadas a alternativas diversas, que revelam as narrativas pessoais, por meio de impressões, sentimentos e sonhos (MEIHY, 2005).

Ampliando essa visão, Bosi (1994) afirma que a memória não se constitui somente de lembranças individuais, mas sociais, além de possuir o cenário nacional, político, econômico, festas e trabalhos, sendo que, na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas “refazer, reconstruir, repensar, com imagem e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55).

Para os propósitos desta pesquisa, importa destacar não o processo cognitivo de rememorar ou esquecer, mas a possibilidade em se tornar a experiência social de constituição de subjetividades desse grupo de interlocutoras como objeto de estudo.

Assim, para a elaboração dos roteiros de entrevista temática individual, foram utilizados os preceitos da história oral temática<sup>13</sup>, que prevê a objetividade no processo de elaboração e realização das entrevistas. Segundo Meihy (2005), por partir de um assunto específico e previamente estabelecido:

A história oral temática se compromete com o esclarecimento ou a opinião dos entrevistados sobre algum evento definido. A objetividade, portanto é direta [...]. Detalhes da história pessoal do narrador interessam na medida em que revelem aspectos úteis à compreensão da temática central do estudo. (MEIHY, 2005, p. 162).

---

<sup>11</sup> Os registros obtidos no caderno de campo compõem o processo de descrição e análise deste estudo, e serão cotejados com os registros das entrevistas temática individuais e a bibliografia.

<sup>12</sup> Os roteiros de entrevistas temáticas individuais passaram por processo de validação por ocasião da qualificação do projeto de pesquisa no PPGEF da Universidade Federal de Juiz de Fora, ocorrida em maio de 2013 e constam nos anexos desta dissertação.

<sup>13</sup> Cabe ressaltar que a história oral temática será utilizada como técnica e não como método, visto que o método de observação participante guarda diferenciações relevantes da história oral (MEIHY, 2005; DEBERT, 1986).

Dessa forma, as questões dos roteiros de entrevista realizados com o grupo de interlocutoras, alunas do PVA, foram elaboradas e encadeadas a partir dos eixos temáticos dos artigos, em consonância com os objetivos gerais traçados para este trabalho de pesquisa, em que foram evidenciadas as experiências individuais e coletivas na transição PELC/PVA; a sociabilidade produzida no contexto do PVA a partir das posições geracionais e de gênero; e as experiências de gênero e empoderamento feminino na velhice.

O roteiro de entrevista da professora do PVA e da estagiária foi elaborado a partir de três subtemas complementares ao do grupo de alunas do PVA, a saber: percurso histórico e transição do PELC/PVA; discursos que embasam o trabalho pedagógico no PVA; e as visões institucionais sobre as vivências corporais no envelhecimento.

As entrevistas foram previamente agendadas com as interlocutoras e realizadas nas dependências do PVA, nas residências de algumas interlocutoras e na Divisão de Esportes da Prefeitura Municipal de Ubá (PMU).

No momento desse contato, foram expostos os objetivos da pesquisa, que foram repetidos nos momentos antecedentes à entrevista, além de todos os detalhes sobre os princípios éticos da pesquisa e a confidencialidade dos dados. Após a autorização para gravação, as entrevistas foram realizadas e os termos de consentimento livre e esclarecido<sup>14</sup> (TCLE) foram lidos e assinados pelas interlocutoras. As transcrições das entrevistas foram realizadas e arquivadas<sup>15</sup>.

Na fase de análise dos dados, utilizou-se a técnica de categorização dos dados para identificação das categorias nativas (VELHO, 2013; 2004; 2002) e elaboração de unidades de análise (MAGNANI, 2009), relevantes no processo de captação de significados que o grupo estudado atribui às suas vivências no contexto sociocultural em que estão inseridos. Paulatinamente, esse material analítico foi cotejado com o material oriundo do caderno de campo e com o referencial teórico pertinente no processo de análise.

---

<sup>14</sup> Os TCLEs deste estudo foram embasados no modelo proposto pelo comitê de ética e pesquisa da UFJF, disponível no site: <http://www.ufjf.br/comitedeetica/> e constam nos anexos desta dissertação.

<sup>15</sup> Tais dados empíricos constam nos anexos desta dissertação.

### **2.3. A observação sistemática e o caderno de campo: armadilhas do campo empírico**

Este estudo foi realizado no município de Ubá, Minas Gerais, mais especificadamente em um bairro de classes populares<sup>16</sup>, o Bairro Industrial, um dos locais onde são desenvolvidas as ações<sup>17</sup> do PVA.

A pesquisa de campo foi iniciada, mediante o trabalho de observação sistemática<sup>18</sup>, na primeira semana de março 2013 e foi finalizada em novembro do mesmo ano.

Será apresentado, a seguir, um trecho do caderno de campo, com algumas considerações sobre o processo de entrada no campo de pesquisa, bem como as primeiras impressões registradas.

Ao me lançar no trabalho de campo, tinha como única certeza as dificuldades que encontraria em buscar a compreensão dos significados que esse grupo de mulheres idosas atribuía ao envelhecimento e às vivências corporais nesse momento de suas vidas.

Alguns pontos nesse conjunto de limitações, como aspectos geracionais e de gênero, destoavam de meu grupo pesquisado, evidenciando um ponto que até então nunca havia imaginado ser um problema: minha posição de pesquisador. Essa tríade poderia me limitar em realizar uma descrição densa do contexto cultural que me propus a investigar, pelo fato de não conseguir acessar os significados simbólicos dos processos e vivências dos sujeitos.

Noto, pois, que os contatos iniciais com minhas interlocutoras, gênero e geração não foram limitantes; no entanto, a posição de pesquisador resultou em um misto de desconfiança e admiração. No primeiro dia da pesquisa de campo, a professora que atua no PVA me apresentou ao grupo e ressaltou minha posição de pesquisador. Vi no rosto de minhas interlocutoras as questões: “Será que ele veio avaliar o projeto? O que ele quer saber do nosso grupo? O que ele quer saber de nós?” Amenizo esse sentimento

---

<sup>16</sup> O conceito de classe social utilizado neste estudo é o proposto por Bourdieu (2005), que amplia a visão economicista, que foca a análise das classes sociais predominantemente em aspectos econômico e aponta a classe social como um grupo de sujeitos que partilham aspectos simbólicos de um determinado campo social, com gostos, aspirações, opiniões sobre determinados temas sociais e, uma posição econômica na estrutura social semelhante. (BOURDIEU, 2005).

<sup>17</sup> As intervenções do PVA ocorrem às segunda, quartas e sextas feiras, das 7:00h às 9:00h. As atividades desenvolvidas são aulas de ginástica, alongamento e dança.

<sup>18</sup> Durante estas observações, aspectos foram focados, a saber: relações que se estabelecem entre as alunas de faixas etárias diferenciadas, entre as alunas, a professora e estagiários, relações de gênero estabelecidas no interior de grupo e a dinâmica das aulas.

com uma breve apresentação do projeto de pesquisa, ressaltando que o que me leva até aquele contexto é justamente a vontade de captar o que representam para elas as vivências corporais realizadas em grupo.

Sinto que sou invisível a partir desse momento. Minha posição de pesquisador me torna um elemento indesejável ou no mínimo desnecessário para o grupo. “Enquanto caminhávamos sem destino, incertos, ansiosos, dispostos a agradar, as pessoas pareciam olhar através de nós [...]” (GEERTZ, 1989, p. 185). Esse trecho expõe o sentimento que tive nas primeiras incursões no campo para as observações. É como se as pessoas “olhassem através de mim”, sem realmente me ver.

O exercício de alteridade, na tentativa de ver o mundo pelos olhos das outras pessoas, é relevante neste momento, na medida em que busquei compreender o que minha presença representava para o grupo. Concluí que minha vontade em captar e descrever significados culturais, na busca da ampliação do conhecimento sobre os grupos pesquisados, era um anseio do pesquisador, e não das minhas interlocutoras, que, nesse contexto, continuavam buscando algo nas vivências corporais, e que essa busca tem relevância em suas trajetórias de vida.

O rio continuaria seu curso e seria necessário encontrar um espaço para mergulhar. Nesse sentido, em uma de minhas conversas com a professora Ana Paula, tento uma atitude de aproximação com minhas interlocutoras. Resolvo me transformar em um aluno desse mesmo projeto que investigo, vivenciando as experiências corporais com o grupo. Tal atitude evitou que a posição de pesquisador continuasse a me “invisibilizar” para o grupo, tornando os contatos e falas burocratizadas e superficiais<sup>19</sup>.

Pude, assim, buscar, mesmo que de forma limitada, a compreensão dos aspectos simbólicos que permeiam as subjetividades dessas interlocutoras.

A partir da exposição de alguns desafios encontrados no processo de pesquisa, passaremos agora à exposição dos três artigos temáticos que compõem esta dissertação.

---

<sup>19</sup> Este trecho faz parte de registros do caderno de campo da pesquisa.

### **3. ARTIGO 1: “Se precisar, a gente mesmo dá aula”: lazer, políticas públicas, organização e participação comunitária de idosos**

#### **3.1. Introdução**

O título deste artigo origina-se do discurso de uma interlocutora da pesquisa de campo, a Renata<sup>20</sup>, aluna de um projeto social de lazer para idosos, que, sob a possibilidade de interrupção das vivências corporais partilhadas por seu grupo, expõe sua intenção de assegurar a continuidade desse espaço de sociabilidade. Sem adentrar a discussão sobre a “autoridade científica” dessa intenção, um ponto pode ser ressaltado: a mobilização e a organização desse grupo emergem nesse contexto, expondo o protagonismo dos sujeitos envolvidos nessa trama cultural.

Nesse sentido, as necessidades dos grupos sociais por vivências de lazer e as discussões acadêmicas sobre as políticas públicas e ações governamentais sobre esse setor de direitos sociais vêm aumentando e se qualificando na atualidade brasileira, inclusive com programas de pós-graduação com linhas de pesquisa específicas sobre a temática (GOMES et al., 2012).

Como fenômeno cultural, o lazer se complexifica sobremaneira quando tentamos compreender os significados das experiências corporais dos sujeitos e grupos sociais em seu cotidiano, sendo tais manifestações relevantes para os entendimentos de uma determinada cultura, visto que, em seu tempo de lazer, os sujeitos criam e recriam possibilidades para realizações enquanto grupo social identitário (MELO, 2008),

Nessa perspectiva, é necessário, na atualidade brasileira, compreender o lazer como uma dimensão da cultura (GOMES 2008), que, como tal, constrói, reproduz e ressignifica estereótipos, preconceitos e processos discriminatórios de gênero, geração, etnia, classe social, ou qualquer aspecto que delimite uma identidade “destoante” do que é normalizado pelas instituições sociais (GOELLNER et al., 2011).

Assim, buscamos investigar, nesta pesquisa<sup>21</sup>, as experiências de um grupo de mulheres idosas relacionadas ao processo de transição entre o Programa Esporte e Lazer

---

<sup>20</sup> O nomes dos interlocutores desta pesquisa serão resguardados por questões éticas e, ao serem expostos no texto, serão utilizados nomes fictícios.

<sup>21</sup> Este artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla, fruto da dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, intitulada: “O doce amargo sabor do envelhecimento: experiências corporais, geracionais e de gênero”, que buscou compreender as experiências geracionais e de gênero vivenciadas por um grupo de mulheres que se relacionam no contexto de um projeto social de lazer para idosos, o projeto Vida Ativa (PVA). Esta

da Cidade (PELC) e o Projeto Vida Ativa (PVA), no município de Ubá<sup>22</sup>, Minas Gerais, e analisar em que medida a decisão de permanecer no PVA baliza seus projetos de vida na velhice.

### **3.2. O Lazer como fenômeno cultural e as Políticas Públicas de Lazer**

No Brasil, temos como marco histórico inicial para o entendimento do lazer como campo de intervenção profissional as décadas de 1920 e 1930, com o surgimento das primeiras “praças de esporte” e “centros de recreio” (GOMES, 2000). As proposições que tinham o lazer como foco de intervenção foram amplamente influenciadas pelas experiências norte-americanas e europeias, onde:

(...) as atividades “recreativas”, predominantemente atividades físicas, eram entendidas como forma de manutenção da saúde e recuperação da força de trabalho, dimensões importantes para um país que se industrializava e sentia os impactos desse processo, principalmente na organização das cidades, que cresciam rapidamente e de forma desordenada. (MELO, 2008, p. 2).

Em seu percurso histórico, o campo do lazer se torna multidisciplinar, principalmente nas propostas de intervenção profissional.

Assim, a trajetória das intervenções profissionais no campo do lazer foi marcada por múltiplos saberes; no entanto, devido à associação direta entre o lazer e as práticas corporais e esportivas, o campo profissional da educação física assume um protagonismo nesse campo de saberes (STOPPA et al., 2013). Concomitantemente, aponta-se para a necessidade de intervenções embasadas por saberes profissionais diversificados<sup>23</sup> (TARDIF, 2002), que seriam acessados na formação universitária, em que tais demandas refletem um aprofundamento de iniciativas criadas e difundidas no âmbito das universidades, a partir da década de 1980, mediante a organização de grupos de pesquisa e eventos científicos multidisciplinares, que tinham o lazer como temática central (MELO, 2008).

---

pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora (CEP/UFJF), sob o número de protocolo de aprovação: 10497413.7.0000.5147.

<sup>22</sup> O município de Ubá fica localizado na mesorregião da Zona da Mata mineira, a 297 km da capital, Belo Horizonte, e a 110 km de Juiz de Fora. Tem como principal atividade econômica a produção moveleira. Possui uma população de 101.519 habitantes. Desse total, 50.258 são homens e 51.261 são mulheres. A população é predominantemente urbana: 97.636 pessoas residem na área urbana e 3.883 pessoas na área rural. A população com idade igual ou superior a 60 anos é de 11.063 pessoas, ou seja, 10,9 % da população do município. Desse total, a população masculina com 60 anos ou mais é de 4.953 pessoas. A população feminina com 60 anos ou mais é de 6.110 pessoas (IBGE, 2010).

<sup>23</sup> Os saberes profissionais são aqueles que se constituem em conhecimentos implementados e adquiridos nas instituições de ensino superior, que formam professores e profissionais de diversas áreas de conhecimento (TARDIF, 2002).

A partir dessa produção que se amplia, com inúmeras obras publicadas em diversas áreas de saber, fica evidente também o aumento da demanda por parte da população em geral, por iniciativas governamentais que pudessem ampliar o acesso às vivências de lazer. Entretanto, segundo Menicucci (2006), apesar de a Constituição Federal Brasileira ter reafirmado o status de direito do lazer, não foram definidos os meios pelos quais esse direito seria garantido, sendo que, para sua concretização e a de outros direitos sociais, há a necessidade da ação governamental através de políticas públicas<sup>24</sup>.

Nesse sentido, a prática esportiva e as vivências de lazer são compreendidas como direito social, e hoje se observa um aumento das demandas por ações e projetos sociais de inclusão social neste setor de direitos (RODRIGUES; DARIDO; PAES, 2013).

Tais demandas culminam na elaboração, em 2003, via Ministério do Esporte, através da Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer (SNDEL), do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC). O programa é justificado por pretender atuar na redução da desigualdade de acesso ao esporte e ao lazer por parcela significativa da população brasileira. Seus objetivos centrais são ampliar, democratizar e universalizar o acesso à prática e ao conhecimento do esporte recreativo e de lazer, integrando suas ações às demais políticas públicas, favorecendo o desenvolvimento humano e a inclusão social (BRASIL, 2008).

A disponibilização de recursos orçamentários para a elaboração e execução dos projetos é realizada através de edital público. Assim, prefeituras e estados podem pleitear o apoio governamental em suas iniciativas, que devem estar alinhadas à proposta e diretrizes do Programa<sup>25</sup> (VIEIRA, et. al., 2011).

A partir desse cenário, o PELC foi implantado em novembro de 2006 no município de Ubá/MG e, a partir dos resultados apresentados ao Ministério do Esporte, o convênio foi renovado por mais duas edições (2008-2009 / 2010-2011).

Em sua terceira e última edição, de abril de 2010 a abril de 2011, as ações do PELC/Ubá foram transferidas para a gestão da Prefeitura Municipal de Ubá, que assumiu, através da Divisão de Esporte, atualmente vinculada à Secretaria de Educação,

---

<sup>24</sup> O conceito de políticas públicas utilizado neste estudo aponta que estas são as formas de intervenção do Estado com o objetivo de assegurar e garantir direitos, sejam eles civis, políticos e ou sociais (CUNHA; CUNHA, 2002).

<sup>25</sup> O PELC tem como diretrizes a auto-organização comunitária, o trabalho coletivo, a intergeracionalidade, o fomento e difusão da cultura local, a intersetorialidade e o respeito à diversidade cultural e a inclusão social (FIGUEIREDO; ALMEIDA, 2009).

as ações dos referidos núcleos. Nessa edição, as atividades foram desenvolvidas em dois núcleos<sup>26</sup>, sendo atendido um total de 1.165 pessoas<sup>27</sup>.

No período compreendido entre os meses de abril a setembro de 2011, foi realizado o que denominamos de transição das atividades do Projeto PELC para o PVA, com consequentes problemas no que se refere à remuneração de professores e estagiários e ao local das aulas, que foram alterados em virtude do fim do convênio com o Ministério do Esporte. Esse período de transição na história dos projetos será um dos focos analíticos deste artigo.

### **3.3. O Projeto Vida Ativa: a transição para uma política pública municipal**

Em setembro de 2011, é lançado oficialmente pela Prefeitura Municipal de Ubá o Projeto Vida Ativa (PVA), que tem entre seus objetivos continuar as ações realizadas com a população idosa, que estavam estruturadas nos antigos núcleos do PELC/Ubá. O foco das ações volta-se para vivências corporais como a ginástica localizada, os exercícios de alongamentos e a dança. Atualmente, o PVA é gerido pela Divisão de Esporte, vinculada à Secretaria de Educação. As intervenções são desenvolvidas em 10 bairros de classes populares<sup>28</sup>, tendo, no período compreendido de março a novembro de 2013, aproximadamente 350 pessoas matriculadas.

Dentre os alunos do bairro Industrial, destaca-se um grupo remanescente do PELC/Ubá, composto atualmente por 31 mulheres e 1 homem que vivencia as práticas corporais da ginástica, do alongamento e da dança há aproximadamente 5 anos.

A partir da entrevista da professora Ana Paula, também remanescente do PELC/Ubá, foi estabelecida a rede de interlocutores que participaram da pesquisa<sup>29</sup>. Tal

---

<sup>26</sup> Estes núcleos estavam localizados em dois bairros de classes populares, sendo que um deles foi escolhido para o desenvolvimento de nossa pesquisa de campo.

<sup>27</sup> De acordo com os dados obtidos na coordenação geral desta gestão do PELC/Ubá, deste total, 658 indivíduos estão na faixa etária dos 7 aos 17 anos; 47, dos 18 aos 24 anos; 249, dos 25 aos 59 anos; e 211 beneficiários têm 60 anos ou mais.

<sup>28</sup> O conceito de classe social utilizado neste estudo é o proposto por Bourdieu (2005), que amplia a visão economicista, a qual foca a análise das classes sociais predominantemente em aspectos econômicos e aponta a classe social como um grupo de sujeitos que partilham aspectos simbólicos de um determinado campo social, com gostos, aspirações, opiniões sobre determinados temas sociais e uma posição econômica na estrutura social semelhante (BOURDIEU, 2005).

<sup>29</sup> O grupo de interlocutores da pesquisa é composto de 8 sujeitos: 5 alunas e 1 aluno, que participam dos projetos de atividade física para idosos há aproximadamente 5 anos. Todos são de classes populares e residem no bairro Industrial, local onde ocorreu a pesquisa de campo. As idades são de 76, 71, 70, 67, 63, 57 anos. A professora tem 42 e a estagiária, 20 anos. No grupo, 4 alunas são donas de casa e dois são aposentados. A professora é graduada em Educação Física e a estagiária cursa o mesmo curso de formação.

grupo exerceu, segundo Ana Paula, centralidade e protagonismo no período da transição entre o PELC/Ubá e o atual PVA<sup>30</sup>.

### **3.4. Organização comunitária de idosos e as descontínuas políticas públicas de lazer**

Na busca da compreensão das motivações para a continuidade das vivências corporais do grupo de idosas, interlocutores da pesquisa, em uma política pública de lazer e das formas como essa permanência orienta a construção de projetos de vida dessas mulheres, emergem sujeitos e processos históricos determinantes para essa reflexão.

Nesse contexto, cabe apontar as relações descontínuas entre o grupo de alunas idosas e os profissionais que atuavam no período anterior à entrada da professora Ana Paula no PELC/Ubá. Como nos relatam as interlocutoras, as alternâncias de professores e constantes ausências apresentavam-se como desafio para o grupo, dada a sua interferência na continuidade das vivências corporais.

Aí vinham algumas das meninas e ficavam lá na frente marcando os exercícios para gente. Eram as meninas do próprio grupo que davam aula para a gente não parar. Aí a gente esperou até voltar os professores. Porque o professor saía, e ficava uns dois, três meses sem professor. Teve uma época que ficou o fim do ano todo e o principio do ano foi embora também e a gente continuando ali... Daqui a pouco apareceu a Ana Paula... Veio e já tá com a gente há um bom tempo. (Bruna, aluna PVA, 70 anos).

Foi uma época meio entranha, porque a gente já estava acostumada com um, ai entrou o outro. Então, a gente sentiu a falta de alguns, mas foi a mesma coisa, porque são todos iguais. Teve uma época que a gente ficou um tempo sem professor, tinha dia em que o professor não vinha, ai a gente mesmo juntava e ia, fazia, caminhava, a gente inventava e fazia a ginástica. (Mariana, aluna PVA, 63 anos).

Esses relatos descrevem um momento da história do grupo de alunas no PVA. A trajetória desse grupo foi marcada pela descontinuidade em suas vivências corporais no contexto dos projetos de atividade física. A partir dessa experiência, Renata, Bruna e Mariana mencionam as estratégias utilizadas pelo grupo para que, independentemente da presença institucional de um professor, as relações entre os sujeitos do grupo fossem preservadas.

---

<sup>30</sup> As aulas do PVA no bairro Industrial ocorrem às segundas, quartas e sextas-feiras, no período da manhã. As vivências corporais realizadas são a ginástica, os exercícios de alongamento e a dança. Tais intervenções ocorrem em dois locais no interior de um clube de futebol amador, localizado no referido bairro.

Quando parou, a gente mesmo continuava aqui dando alongamento uma para a outra. A gente segurou. A gente mesmo chegava, alongava e passava para as outras. Realmente eu dei alongamento várias vezes aqui. Eu falava: assim gente, vamos fazer, vamos embora e a gente ia, fazia um (exercício), fazia outro (exercício) até acabar o horário. (Renata, aluna PVA, 56 anos).

Renata, a mais jovem do grupo, toma para si a responsabilidade da professora na execução de exercícios diversos que foram repassados ao grupo de alunas. O que pode à primeira vista soar como um risco para o grupo apresenta-se como salutar estratégia de conexão intergrupar e demonstra os aspectos simbólicos das vivências corporais, que, longe de uma visão funcionalista do movimento humano, faz parte do universo simbólico que promove a união do grupo e dá sentido às vivências corporais realizadas no projeto.

Em fevereiro de 2010, com a entrada da professora Ana Paula, os problemas de descontinuidade e ausência são sanados. No entanto, com o advento do término da edição do PELC, em abril de 2011, outros problemas se anunciam, trazendo novos desafios para o grupo.

É recorrente, no relato da professora, o ato de rememorar o período de interrupção do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) e a transição para o Projeto Vida Ativa (PVA):

Então, quando o PELC acabou, eu me lembro que nós fomos até a prefeitura, para tentar com o prefeito um projeto para manter a melhor idade. Era um grupo de várias pessoas com um número grande de participantes e, na época, o prefeito nos atendeu e falou: “Olha, o objetivo desses projetos, assim que vêm para a cidade, é justamente implantar a ideia da atividade física na comunidade. Quando o projeto acaba, seria interessante para a comunidade se ela mesma mantivesse essa ideia e procurasse algum recurso”. Então, ele falou: “No momento não tem, mas vamos ver para frente”. Então, quando eu saí e comuniquei para elas, elas mesmas tiveram a ideia: e se nós ajudássemos você com um valor de transporte para vocês continuarem vindo aqui três vezes na semana, dar aula pra gente e tal. Durante esse tempo era dessa forma. (Ana Paula, professora PVA, 42 anos).

A partir desse pacto entre a professora e as alunas, a continuidade das atividades é tida pelo grupo como uma conquista, que, de acordo com algumas falas, foi motivada por um processo de empoderamento dessas mulheres, que encontraram nessas vivências corporais, entre outras finalidades, modos de reconstruírem seus projetos individuais.

A gente se organizou sim, isso foi na época que acabou o contrato da professora, mas nós não queríamos que parasse a aula, então cada um contribuiu um pouquinho, para ela continuar, até ela formar de novo outro contrato. (Leandra, aluna PVA, 71 anos).

O conceito de empoderamento pode ser definido aqui como “os mecanismos pelos quais os sujeitos tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomam consciência de suas habilidades e competências para produzir, criar e gerir” (COSTA, 1998, p. 7). Tal processo não é inacabado e sim dinâmico, repleto de alternâncias de poder. A postura social dessas mulheres faz emergir o significado que o grupo atribuía às relações vivenciadas nesse espaço de sociabilidade.

Trata-se de um caso de organização comunitária, visto que, segundo Ana Paula, essas pessoas se organizaram para que as ações não finalizassem ante o término do convênio com o Ministério do Esporte, arcando, elas mesmas, com o pagamento do trabalho da professora. Após o início das ações do PVA, o convênio com a prefeitura de Ubá/MG voltou a incorporar a remuneração da professora ao PVA<sup>31</sup>.

O exercitar-se em grupo, nesse contexto, é locus privilegiado para a reelaboração dos projetos individuais, os quais, no momento do encontro, apresentam coerência entre si e podem ser concebidos como um projeto coletivo. Quais são as características desse projeto coletivo? Tal projeto foi fortalecido mediante o processo de organização do grupo?

A seguir, abordaremos nosso entendimento sobre a categoria analítica projeto na perspectiva de Gilberto Velho (2013; 2004).

### **3.5. Projetos que se cruzam na construção de um projeto coletivo**

Um dos pontos centrais que buscamos elucidar neste artigo reside na compreensão das experiências de um grupo de mulheres na transição de projetos e analisar em que medida a decisão de permanecer no PVA baliza seus projetos de vida na velhice.

Sobre a categoria “projeto”, Velho (2013) traz a centralidade dos sujeitos na compreensão dessa categoria, que está atrelada à noção de biografia:

A consciência e valorização de uma individualidade singular, baseada em uma memória que dá consistência à biografia, é o que possibilita a formulação e condução de projetos. Portanto, se a memória permite uma visão retrospectiva mais ou menos organizada de uma trajetória e biografia, o projeto é a antecipação no futuro dessas trajetórias e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização de meios através dos quais esses poderão

---

<sup>31</sup> De acordo com informação obtida com a professora Ana Paula, o processo de remuneração realizado pelas alunas durou oito meses e compreendeu o período de transição entre os projetos PELC e PVA.

ser atingidos. (...) São visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória. (VELHO, 2013, p. 65).

A partir dos relatos das interlocutoras, sem negar a heterogeneidades de suas experiências individuais, podemos constatar biografias que convergem e demonstram algumas experiências em comum, como a vivência de um único casamento duradouro, a maternidade, as obrigações com o trabalho doméstico e os cuidados com a família.

Tais biografias não contemplavam as vivências corporais de forma individual ou coletiva nas demais fases de suas vidas, vindo a fazer parte delas apenas na velhice.

Agora foi a primeira vez que fiz exercício. O exercício que eu fazia quando era jovem era trabalhar na roça. Capinava, plantava, colhia... Isso que era minha atividade. Não tinha esta coisa de exercício... Não tinha nem escola. (Leandra, aluna PVA, 71 anos).

Não, nunca fiz exercício. Minha vida de mocinha foi só trabalhar... Só trabalhar... E depois, casei muito nova. Quando eu ainda estava com minha mãe, eu trabalhava na roça e em serviço de casa... Depois me puseram na casa de família para poder trabalhar. Então eu não tive tempo para ir à aula, eu não estudei... Eu leio hoje, graças a Deus, e assino meu nome, mas aprendi sozinha. (Bruna, aluna PVA, 70 anos).

Não, quando eu era mais nova e morava na roça, o exercício nosso era puxar enxada, nosso exercício era esse. Estes exercícios que fazem hoje não existiam na roça não, estas ginásticas que tem hoje não. A gente brincava, ia numa reza, mas esse tipo de exercício não tinha. (Renata, aluna PVA, 56 anos).

É a primeira vez. Antes, o meu exercício era trabalhar na roça (Adriana, aluna PVA, 67 anos).

Ao rememorar suas experiências em outros momentos de suas trajetórias de vida, as mulheres abrem possibilidade para a compreensão do contexto sócio cultural em que foram socializadas (BOSI, 1994). Tais trajetórias foram marcadas pelas experiências convergentes e se apropriaram de aspectos simbólicos semelhantes de uma geração de mulheres que, em sua juventude, foi subjetivada para aprender o trabalho da roça e doméstico e, posteriormente, casar e assumir as responsabilidades da organização do trabalho doméstico e da família. Observa-se que a educação escolar e as vivências corporais não fizeram parte do universo dessas mulheres, que agora experimentam o gosto por tais experiências corporais.

Assim, o início das vivências corporais no projeto de atividade física se apresenta como divisor nos projetos individuais das idosas. Os olhares perspectivos se alteram e os sujeitos começam a experimentar relações e sensações que até então não se

conheciam. A partir do início dessa experiência corporal, há a construção de um espaço de sociabilidade e ajuda mútua intergrupal que se organiza nos encontros para a vivência da ginástica, dos exercícios de alongamento e da dança, e se estende para outros espaços e momentos de sociabilidade.

Todo ano a gente faz uma confraternização. Quando é aniversário da professora, a gente faz alguma coisa. Costuma fazer de 2 a 3 vezes no ano. Cada um participa com um prato. Cada um faz uma coisinha e leva. (Leandra, aluna PVA, 71 anos).

Eu encontro com algumas alunas que até já se afastaram. Tem uma reunião que eu vou toda segunda-feira na igreja – as legionárias. Aí eu participo e tenho colegas. Mas tem muitas que já se afastaram daqui. Elas vinham aqui também, mas aí elas se afastaram. Agora eu também já estou indo para a hidroginástica e ficando até mais tarde... Aí eu tenho contato com elas. (Bruna, aluna PVA, 70 anos).

Tal percepção é compartilhada pela professora Ana Paula.

(...) uma aula dessas estimula não só aquele momento ali, mas outros, porque a partir daquele momento elas começam também a ter grupos, combinam entre elas, até mesmo para ir a uma missa. Outro dia uma delas fez um café e chamou uma turma na casa dela. (Se) uma fica às vezes com problema de saúde, todas ali se unem para fazer uma visita. Tem festa no bairro e aquela comunicação é maior e, assim, o fator social para essa turma melhora demais. (Ana Paula, professora PVA, 42 anos).

A categoria “sociabilidade” emerge nos discursos. Podem-se identificar duas subcategorias: sociabilidade nos momentos das aulas do PVA e sociabilidade em momentos fora do PVA. Sobre a primeira subcategoria, os discursos trazem nuances dessa sociabilidade nos momentos do ritual que envolve a participação nas aulas do PVA, que compreende os encontros para o deslocamento para o local das aulas, as relações que se estabelecem antes, durante e depois das aulas, até mesmo no retorno desses sujeitos para suas casas. Nos relatos acima, a subcategoria “sociabilidade fora do PVA” fica exposta e se desdobra em vários encontros, que têm como espaços privilegiados a igreja e as residências das interlocutoras, entre outros.

A partir desse processo, o prazer nas relações que se estabelecem ressignifica os projetos individuais, que, agora, dão sustentação para um projeto coletivo. Cabe, contudo, identificar as nuances desse projeto coletivo e suas ligações com a continuidade das vivências, assim como o que motiva o grupo a continuar.

Muitas ali, quando precisam faltar uma semana, se você pergunta, elas falam: “Nossa, senti falta demais, meu corpo sentiu falta, minha cabeça sentiu falta da atividade física. Então, eu acho que é isso, elas gostam, sentem bem, já sentiram que a atividade física faz falta para elas. Mas o que eu escuto delas é que aquilo ali é uma terapia para elas... Aquele momento é uma terapia, é um momento que elas saem de casa, é um

momento que elas se encontram umas com as outras... Então, eu acho que essa parte é que fala bem alto. (Ana Paula, professora PVA, 42 anos).

O termo “terapia” é utilizado pela professora e representa um momento próprio em que se afastam do trabalho doméstico e de apoio familiar. Esse processo evidencia-se nos relatos das interlocutoras.

Traz de bom é o físico da gente e também o encontro com as amigas, com as colegas. Então, a gente gosta de uma prosa, conta caso depois e vai assim. (Leandra, aluna PVA, 71 anos).

Porque agente encontra com as colegas e conversa. É uma hora que a gente passa assim, que desliga da casa da gente, do dia a dia, da rotina. Eu acho que o que é importante pra gente é isso... Só da gente vir aqui e conversar um pouquinho... Se a gente está com a cabeça ruim, a gente melhora... É isso. (Bruna, aluna PVA, 70 anos).

Ah, é muito bom! Quando a gente está aqui, não está lembrando de nada, de problema nenhum, de nada. Quando a gente está aqui a gente conversa com as colegas, a gente ri. Então, a mente da gente não pensa em nada... Eu, pelo menos, sou assim... Quando eu estou aqui no projeto, é uma maravilha, a gente brinca, conversa, é uma atividade muito boa. (Renata, aluna PVA, 56 anos).

Os momentos em que as idosas se relacionam umas com as outras são oportunidades de reconstrução de seus projetos individuais, de prazer, que têm como pano de fundo um cuidado de si e a relação com o outro, nas conversas, nos conselhos, nos desejos e nos sonhos. Tal resignificação dos projetos individuais dá margem à construção de um projeto coletivo, que tem como maior motivação a continuidade das experiências em grupo.

Alves (2012) nos traz que o sentido dos projetos é sempre intersubjetivo, ele não existe no vazio, mas na relação com projetos de outros sujeitos: “É um meio de comunicação, um instrumento de negociação da realidade entre os sujeitos” (p. 270).

Sem dúvida, um sujeito pode ter mais de um projeto, mas, em princípio, existe um principal ao qual estão subordinados os outros que o têm como referência. De forma aparentemente paradoxal em uma sociedade complexa e heterogênea, a multiplicidade de motivações e a própria fragmentação sociocultural, ao mesmo tempo em que produzem quase uma necessidade de projetos, trazem a possibilidade de contradição e de conflito. Por isso mesmo, o projeto é dinâmico e é permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do sujeito. (VELHO, 1994, p. 104).

O aspecto dinâmico dos projetos reflete os encontros dos projetos das alunas e da professora no PVA. A relação que se estabelece entre estes sujeitos encoraja as idosas a seguirem em frente e fortalece o grupo.

Como citado anteriormente, o prazer, o carinho e o cuidado na atividade corporal dão sentido e valor ao trabalho da professora, o que pode ser materializado, dentre outras situações, no processo de organização do grupo, para arcar com os custos dessa profissional no momento da transição entre os projetos PELC e PVA. Sobre tal relação, algumas de nossas interlocutoras assim se manifestaram:

A satisfação de estar lá era o que fazia que a gente levantasse da cama e trabalhasse, porque a gente recebia muito mais em troca, porque elas são super carinhosas... Elas te veem assim como uma pessoa importante na vida delas por conta não só da atividade física, mas também pelo fato social, que muitas ali precisam desse contato, de estarem umas com as outras. (Ana Paula, professora PVA, 42 anos).

Então, com ela também é a mesma relação. Mesma coisa de ser aluna também... Tudo igual ali, não tem separação. (Leandra, aluna PVA, 71 anos).

A Ana Paula toda vida foi muito boa, muito amiga da gente. Dá muita atenção pra todo mundo, não separa ninguém. A gente vê que ela trata todo mundo de um jeito só. Ela é excelente professora. (Bruna, aluna PVA, 70 anos).

A relação é ótima, ela é muito boa, atenciosa. Tem paciência com os mais velhos e atenção, muita atenção. (Mariana, aluna PVA, 63 anos).

Tais relatos apresentam aspectos relevantes da relação entre as alunas e a professora, a qual, a partir dessas relações, agrega e mantém a coesão do grupo. A professora faz parte desse projeto coletivo e protagoniza, em conjunto com as alunas, o processo de continuidade do PVA no bairro Industrial, apesar das limitações materiais e espaciais.

### **3.6. Considerações finais: projetos em construção**

A compreensão, mesmo que limitada, das trajetórias de vida dessas interlocutoras evidencia, para esses sujeitos, a relevância cultural das vivências corporais experimentadas em grupo. O PVA se torna, nesse processo, um espaço de sociabilidade central para o encontro e o estabelecimento das redes desses sujeitos.

Os projetos individuais, que até então eram construídos primordialmente por um projeto familiar, são dinamicamente alterados e mediados pelas sensações de prazer que as práticas corporais e as relações sociais proporcionam. Sem negar aqui os conflitos

existentes no interior do grupo, mas, compreendendo que até mesmo estes, são propulsores dessas relações e dos encontros entre os sujeitos.

A alteração dos projetos abre espaço na vida das idosas para um cuidado de si, antes vislumbrado de forma limitada pelas interlocutoras, visto que os cuidados eram direcionados quase que exclusivamente para os integrantes do grupo familiar. Esse olhar perspectivo individual apresenta-se como um processo de subjetivação que altera constantemente as visões de mundo desses sujeitos.

Nesse sentido, quando pensamos nas motivações para a continuidade dessas vivências corporais em grupo, apesar de todos os contratempos e processos contrários, fica claro que os laços de reciprocidade, sejam eles dentro ou fora do espaço do PVA, apresentam-se como motivação central para esse grupo.

O protagonismo desses sujeitos no processo de continuidade abre espaço para refletirmos sobre as descontinuidades das políticas públicas de lazer. Tais processos impactam as experiências dos sujeitos nesses espaços e podem interromper as relações entre alunos e professores, bem como entre os próprios alunos, caso os sujeitos, através de um processo de organização comunitária, não assumam as responsabilidades para a continuidade das atividades.

Assim, refletir a construção de novos projetos individuais a partir dessas experiências é compreender que tais sujeitos fazem parte de um projeto coletivo de envelhecimento, que passa pelas vivências corporais, pelo contato com o outro, mediado por um processo de alteridade característico do grupo e que, apesar de todas as limitações, perpetua-se e amplia-se constantemente.

### 3.7. Referências Bibliográficas

ALVES, A. Diferenças geracionais, gênero e sexualidade. In: STREY, M. N. et al. **Gênero e ciclos vitais: desafios, problematizações e perspectivas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

ALVES JÚNIOR, E. D. Lazer, Idosos e aposentados: o projeto prev-quebras. In: MELO, V. A.; ALVES JÚNIOR, E. D.; BRÊTAS, A. (Orgs.). **Lazer e cidade: reflexões sobre o Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Shape, 2008.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 3 a 26.

BRASIL. **Manual de orientações para implementação do Programa Esporte e Lazer da Cidade**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

COSTA, A. A. **As donas no poder: mulher e política na Bahia**. Salvador: NEIM/UFBA e Assembleia Legislativa da Bahia, 1998.

FIGUEIREDO, P. O. F. N; ALMEIDA, D. F. Educação e formação dos trabalhadores do Programa Esporte e Lazer da Cidade. In: ALMEIDA et al. (Orgs.). **Política, lazer e formação**. Brasília: Thesaurus, 2010.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

\_\_\_\_\_. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 33-141.

GOELLNER, S. et al. Políticas de esporte e lazer de inclusão social. In: ISAYAMA, H. F. et al. (Orgs.). **Gestão de políticas de esporte e lazer: experiências, inovações, potencialidades e desafios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

\_\_\_\_\_. **Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer**. Porto Alegre: Ministério do Esporte e UFRGS, 2009.

GOMES, C. L. et al. Políticas públicas de lazer: pesquisando a temática no contexto de cinco mestrados latino-americanos. **Licere**, Belo Horizonte, Editora UFMG, v. 5, n. 4, dez. 2012.

\_\_\_\_\_. Lazer e descanso. In: **Anais do IX Seminário “O Lazer em Debate”**. São Paulo: USP, 2008.

\_\_\_\_\_. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

IBGE Cidades. **Brasil**. Disponível em: [www.ibge.gov.br/cidades](http://www.ibge.gov.br/cidades). Acesso em: 15 out. 2013.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, v. 32, 2009.

\_\_\_\_\_. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.

\_\_\_\_\_. O velho e bom caderno de campo. **Sexta Feira**, São Paulo, n.1, 1997.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo, 2005.

MELO, V. A. **Esporte e lazer: conceitos, uma introdução histórica**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

\_\_\_\_\_. Estudos do lazer: um panorama. In: MELO, V. A.; ALVES JÚNIOR, E. D.; BRÊTAS, A. (Orgs.). **Lazer e cidade: reflexões sobre o Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Shape, 2008.

\_\_\_\_\_. **A animação cultural: conceitos e propostas**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

\_\_\_\_\_. **Lazer e minorias sociais**. São Paulo: IBRASA, 2003.

MENICUCCI, T. Políticas públicas de lazer: questões analíticas e desafios políticos. In: ISAYAMA, H.; LINHARES, M. A. (Orgs.). **Sobre lazer e política: maneira de ver, maneiras de fazer**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

RODRIGUES, H. A.; DARIDO, S. C.; PAES, R. R. O esporte coletivo no contexto dos projetos esportivos de inclusão social: contribuições a partir referencial técnico tático e sócio educativo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 2, 2013.

SILVA, V. G. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

STOPPA et al. A produção do conhecimento da área do lazer: uma análise sobre a revista *Licere: atuação profissional*. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 3, 2013.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VELHO, G. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VIEIRA, L. H. et. al. **Estudos sobre a gestão do Programa Esporte e Lazer da Cidade**. Brasília: Editora Ideal, 2011.

## **4. ARTIGO 2: Envelhecimento, cuidado de si e o discurso da terceira idade ativa: experiências geracionais e processos de subjetivação**

### **4.1. Introdução**

Os entendimentos, representações e significados construídos sobre o processo de envelhecimento na contemporaneidade<sup>32</sup> são diversos e possuem divergências epistemológicas.

As conceituações que ressaltam os aspectos “positivos” da velhice expõem ser essa fase da vida dos sujeitos um momento para a ampliação do tempo de lazer e, conseqüentemente, das experiências de sociabilidade oriundas de sua rede de relacionamentos sociais, mesmo que de forma limitada e contingenciada.

Entretanto, as reflexões sobre o tempo de lazer de idosos devem ter clara a heterogeneidade desse grupo social, em que uma minoria consegue efetivar, a partir da aposentadoria, uma ampliação do tempo e das vivências de lazer. Paralelamente, boa parte do grupo de idosos, por conta de necessidades financeiras ou por dificuldade em se desvincular da lógica do trabalho, continua a trabalhar informalmente, com cargas horárias semelhantes às dos tempos da ativa (MELO, 2003).

Há vertentes discursivas, inspiradas no texto de Simone de Beauvoir, “A Velhice: realidade incômoda”, publicado no Brasil na década de 1970, que buscam quebrar a “conspiração do silêncio”, imposta ao tema da velhice, apontando os preconceitos e estigmas sociais que a população idosa vivencia em suas relações sociais a partir de representações depreciativas difusas na sociedade sobre o processo de envelhecimento e a limitação na compreensão das especificidades, necessidades e direitos<sup>33</sup> deste grupo social cada vez mais extenso<sup>34</sup> e heterogêneo na sociedade brasileira (DEBERT, 2012).

---

<sup>32</sup> O conceito de contemporaneidade utilizado neste estudo aponta os aspectos dinâmicos e instáveis desse tempo histórico, em que os sujeitos são compelidos a constantemente repensarem suas referências e inserções sociais (GIDDENS, 1991).

<sup>33</sup> A lei 10.741/03, o chamado Estatuto do Idoso, expõe e regulamenta os direitos das pessoas com idade igual ou superior aos sessenta anos. Apesar de avanços, tal legislação encontra limitações culturais para ser efetivada, no que se refere à ineficiência na fiscalização do cumprimento do texto legal, com conseqüente prejuízo para a população idosa.

<sup>34</sup> De acordo com censo demográfico 2010, a população brasileira é de 190.755.799 habitantes. Desse total, a população com 60 anos ou mais é de 20.590.599 pessoas, correspondendo a 10,8% da população total (IBGE, 2010).

Assim, a experiência do envelhecimento nas sociedades complexas<sup>35</sup> contemporâneas apresenta-se como um processo cultural multifacetado e plural, com presença de vários discursos explicativos deste momento da vida dos indivíduos em sociedade.

Nesse sentido, o conceito de experiência<sup>36</sup> que será utilizado neste estudo compreende serem as experiências as formas como os sujeitos se constituem, são subjetivados e dessubjetivados em uma determinada cultura e tempo histórico (FOUCAULT, 2012).

A partir desse contexto, buscamos, neste artigo<sup>37</sup>, refletir sobre as experiências geracionais e os processos de subjetivação construídos por um grupo de 6 idosos, 5 mulheres e 1 homem, no Projeto Vida Ativa (PVA) na cidade de Ubá<sup>38</sup>, Minas Gerais. Além dessa questão, buscamos analisar os discursos que embasam as intervenções nesse espaço, bem como as apropriações e ressignificações discursivas realizadas pelos sujeitos.

Tais entendimentos trazem novas perspectivas sobre a experiência do envelhecimento desse grupo e possibilitam a compreensão das experiências geracionais construídas nesses processos relacionais.

---

<sup>35</sup> O conceito de sociedades complexas utilizado é abordado em conformidade com Velho (2004), que entende complexidade a partir da heterogeneidade cultural, via uma coexistência, harmoniosa ou não, de uma pluralidade de tradições cujas bases podem ser ocupacionais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.

<sup>36</sup> Sobre estudos empíricos que utilizaram o conceito de subjetivação como categoria analítica central, ver FERRARI, Anderson (Org.), **A potencialidade do conceito de experiência para a educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.

<sup>37</sup> Este artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla, fruto da Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora intitulada “O doce amargo sabor do envelhecimento: experiências corporais, geracionais e de gênero”, que buscou compreender as experiências geracionais e de gênero vivenciadas por um grupo de mulheres que se relacionam no contexto de um projeto social de lazer para idosos, o Projeto Vida Ativa (PVA). Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora (CEP/UFJF), sob o número de protocolo de aprovação: 10497413.7.0000.5147.

<sup>38</sup> O município de Ubá fica localizado na mesorregião da Zona da Mata mineira, a 297 km da capital, Belo Horizonte, e a 110 km de Juiz de Fora. Tem como principal atividade econômica a produção moveleira. Possui uma população de 101.519 habitantes. Desse total, 50.258 são homens e 51.261 são mulheres. A população é predominantemente urbana: 97.636 pessoas residem na área urbana e 3.883 pessoas na área rural. A população com idade igual ou superior a 60 anos é de 11.063 pessoas, ou seja, 10,9 % da população do município. Desse total, a população masculina com 60 anos ou mais é de 4.953 pessoas. A população feminina com 60 anos ou mais é de 6.110 pessoas (IBGE, 2010).

## **4.2. Saberes e sabores o envelhecimento: os cuidados de si como condição contemporânea**

Como lócus privilegiado dos discursos explicativos do processo de envelhecimento na contemporaneidade, podemos situar os discursos médico, geriátrico e gerontológico como sendo os mais influentes, na medida em que se articulam constantemente com o discurso midiático e o senso comum, impulsionando as demandas políticas (DEBERT, 1997).

Foucault (2011) nos traz que o discurso não é simplesmente aquilo que se manifesta ou oculta, é também aquilo que é objeto de desejo: “(...) o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas e dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (p. 10).

Nesse sentido, a gerontologia, apesar de ser uma área multidisciplinar de conhecimentos, não apresenta postulados consensuais. Alves (2004) aponta duas correntes teóricas distintas de grande influência no conceito atual de envelhecimento:

A primeira teoria, conhecida como teoria do desengajamento, defende que um envelhecimento “normal” implica a diminuição progressiva dos papéis sociais do indivíduo e a redução de suas interações sociais, transformando a natureza de suas relações com o mundo social. Elas deveriam priorizar mais os laços afetivos em detrimento de outros tipos de relações mais funcionais. Ao fim desse processo de desengajamento progressivo, o indivíduo atingiria um novo estado de equilíbrio psicológico. A segunda teoria denomina-se teoria da atividade e defende que um envelhecimento bem sucedido deve compensar perdas de certos papéis e habilidades pela intensificação de outros. Trata-se de fomentar naqueles que envelhecem uma atitude voluntarista, que consiste em manter um nível elevado de engajamento em atividades diversificadas, estreitando ao máximo os laços sociais de toda sorte. (ALVES, 2004, p. 14).

No sentido exposto acima, os saberes médico e gerontológico são constantemente apropriados pelo senso comum, gerando uma ampla produção, que abrange desde manuais de autoajuda a artigos em sites na internet e revistas semanais, dentre outras publicações. Como desdobramentos, nota-se:

Uma série de serviços voltados para clientela e para aqueles que querem se adiantar aos efeitos do envelhecimento, fazendo atividades preventivas, como cuidados alimentares e físicos. Essa disseminação de conhecimentos fragmentados visando prevenção e cuidado afetam em grande parte os corpos de homens e mulheres [...]. (MORAES, 2011, p. 433).

O cuidado de si torna-se irresistível na contemporaneidade e baliza os processos de subjetivação dos sujeitos em diversos momentos sociais, independentemente das

identidades e identificações sociais. Já o cuidado de si na velhice está em correlação estreita com o discurso e a prática médica.

Na cultura de si, o aumento do cuidado médico foi claramente traduzido por certa forma, ao mesmo tempo particular e intensa, de atenção com o corpo. Essa atenção é bem diferente daquilo que foi a valorização do vigor físico, numa época em que a ginástica, o treinamento esportivo e militar faziam parte integrante da formação do homem livre. (FOUCAULT, 2011, p. 59).

Envelhecer passa a ser visto como um processo manipulado e controlado pelos sujeitos, gerando discursos que valorizam o autocontrole individual sobre o corpo, em uma forma de autogestão do envelhecimento, ou, como nos traz Debert (2012), um processo de reprivatização da velhice.

Essa intensa relação consigo mesmo é marcada e embasada por uma postura social caracterizada por três aspectos: atitude individualista pelo valor absoluto atribuído ao indivíduo com relação ao grupo social; valorização da vida privada, mediante as relações familiares, interesses patrimoniais dentre outros; e intensidade das relações consigo, ou seja, das formas pelas quais se é chamado a tomar a si próprio como objeto de conhecimento, mediante diversas práticas de si (FOUCAULT, 2011). Cabe ressaltar que as nuances desse individualismo como postura social podem se entrecruzar, criando vínculos, entretanto estes não são constantes nem necessários.

Esse processo de longo alcance histórico culmina no desenvolvimento daquilo que se poderia chamar:

Uma cultura de si, na qual foram intensificadas e valorizadas as relações de si para consigo (...) nela, se encontra dominada pelo princípio segundo o qual é preciso ter cuidados consigo; é nesse princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática, na ideia segundo a qual se deve aplicar-se a si próprio, ocupar-se consigo mesmo (...). Este princípio será válido para todos, todo o tempo e durante toda a vida. (FOUCAULT, 2011, p. 49).

A cultura de si é, na contemporaneidade, mediada e difundida por inúmeras práticas e vivências que exaltam a necessidade dos cuidados de si. Podemos apontar os cuidados com o corpo como os regimes alimentares, os exercícios físicos sem excesso, as cirurgias plásticas de motivação estética, dentre outras, e vivências que enaltecem outros campos subjetivos como a leitura, as meditações, as orações, as vivências associativas com grupos que buscam aspectos da sociabilidade. Esse repertório de práticas é amplo e deve ser buscado incessantemente pelos sujeitos.

Para a reflexão sobre esses processos de incorporação dos discursos sobre o envelhecimento, cabe trazer o conceito de subjetividade.

A subjetividade uma produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro. Nesse caso, o outro pode ser compreendido como o outro social, mas também como a natureza, os acontecimentos, as invenções, enfim, aquilo que produz efeitos nos corpos e nas maneiras de viver. Tais efeitos difundem-se por meio de múltiplos componentes de subjetividade que estão em circulação no campo social. Por isso mesmo, a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social. (MANSANO, 2009, p. 111).

O conceito de subjetividade está estreitamente ligado aos modos e processos de subjetivação, que são formas pelas quais, através da incorporação das relações de poder com os outros em uma determinada cultura, os seres se tornam sujeitos (FOUCAULT, 1992).

Os modos de subjetivação podem tomar as mais diferentes configurações, as quais “cooperam para produzir formas de vida e formas de organização social distintas e mutantes” (MANSANO, 2009, p.114).

Assim, como refletir as formas de contingenciamento sofridas pelas mulheres do PVA em seus modos de subjetivação? De que formas os discursos institucionais são apropriados e ressignificados em suas experiências geracionais?

A partir dessas questões, podemos discutir, de forma ampliada, os conceitos de envelhecimento e terceira idade, que se apresentam como desdobramentos dessa cultura de significação difusa na contemporaneidade.

#### **4.3. Entre permanências e modismos: a construção do conceito de terceira idade**

Até não muito tempo atrás, existia uma maneira pré-fabricada de ser velho, tal como havia uma maneira pré-fabricada de se jovem. Hoje em dia nenhuma das duas funciona mais. Houve um grande conflito a respeito do que é permissível - e uma grande revolução. Não obstante, será que um homem de setenta anos de idade ainda deve continuar a envolver-se com o aspecto carnal da comédia humana? Ser desavergonhadamente um velho nada monástico, ainda suscetível às excitações humanas? Não é essa condição que outrora era simbolizada pelo cachimbo e pela cadeira de balanço. Talvez ainda seja uma espécie de afronta para muita gente você não se pautar pelo antigo relógio da vida. Tenho consciência de que não posso contar com o respeito virtuoso dos outros adultos. Mas o que é que eu posso fazer quando constato que, pelo menos no meu caso, nada, nada se aquieta, por mais a gente envelheça? (ROTH, 2006, apud MORAES, 2011, p. 427).

O trecho acima demonstra a incapacidade dos conceitos ou das teorias científicas em apreender a complexidade da vida concreta dos sujeitos em sociedade. A reflexividade desses conhecimentos reflete e influencia as subjetividades dos sujeitos,

no entanto as ressignificações fazem parte da dinâmica e abrem espaço para subversões dos tipos ideais criados a partir dos conhecimentos produzidos nos campos acadêmicos.

Padrões culturais são relativizados e questionados, trajetórias individuais são refeitas e a incerteza do futuro social se torna o modelo no processo de negação do determinismo social até então concebido aos sujeitos que envelhecem.

Nesse sentido, quando se discutem as construções conceituais sobre o envelhecimento no meio acadêmico<sup>39</sup>, é necessário pontuar de que lugar se está falando. Conceitos como velhice, envelhecimento, idoso e terceira idade vêm à tona e são tratados como sinônimos, alguns identificando processos, outros sujeitos e grupos, sem, no entanto, apresentar uma discussão teórica aprofundada sobre eles (CAMARANO, 2004).

Bourdieu (1983) traz que conceitos como juventude, infância e velhice são arbitrariamente construídos socialmente a partir da associação dos sujeitos a uma idade cronológica, em um processo de cronologização da vida social. Nesse sentido, o conceito de terceira idade compõe essa dinâmica e enseja representações, apresentando-se como a “nova forma” de envelhecer.

Retornando às teorias gerontológicas no processo de problematização do conceito de terceira idade, podemos contextualizar a teoria da atividade como precursora e embasadora do movimento ativista ou do envelhecimento ativo. Tal arcabouço teórico, construído pelo entrecruzamento de postulados de diversos sistemas peritos (GIDDENS, 1991), inaugura uma “nova” forma de compreensão do processo de envelhecimento mediante a construção social do conceito de terceira idade, que tem relevantes desdobramentos e influências na reestruturação da reflexão sobre a velhice de forma global, com reflexos na sociedade brasileira (ALVES JÚNIOR, 2008; 2004).

A terceira idade é o resultado de uma geração que “envelheceu em condições superiores às da geração anterior em termos de cuidados de saúde, de acesso à educação e de bem-estar material” (MORAES, 2011, p. 434).

Dessa forma, a experiência do envelhecimento torna-se, nesse contexto, um processo universal, homogêneo e homogeneizante, em que as diferenças específicas de classe social, etnia, geração e gênero são minimizadas à medida que aspectos

---

<sup>39</sup> As conceituações geralmente se baseiam na proposta da Organização Mundial da Saúde (OMS), que classifica da seguinte forma o processo de envelhecimento: dos 45 aos 59 anos: meia idade; dos 60 aos 74 anos: idosos; dos 75 aos 90 anos: velhos; e acima de 90 anos: indivíduos muito velhos (OMS, 2005).

“universais” biológicos, psicológicos e sociais do processo de envelhecimento dão a tônica dos estudos no campo da gerontologia (DEBERT, 1994).

Tal fase, apesar de homogeneizadora, passa a ser vista como oposta ao conceito de velhice senescente, dominante no discurso médico em boa parte do século XX, quando o envelhecimento configura-se como um tempo de debilitação de inúmeras funções, dependência social e restrita possibilidade de desenvolvimento pessoal.

O discurso institucional sobre o conceito de terceira idade ativa vai na contramão do envelhecimento senescente ou inativo e expõe esse tempo social como “locus privilegiado” para a realização pessoal em diversas esferas da vida social, sejam elas ligadas às práticas corporais e vivências de lazer, à busca do conhecimento científico nas universidades para a terceira idade e à ampliação das redes de sociabilidade (ALVES JÚNIOR, 2008; DEBERT, 2012; 1999). Sobre tal assertiva, Melo (2003) expõe que tais representações podem levar a um processo de glamourização da velhice, na medida em que

Tenta-se imputar a tal fase da vida uma condição de privilégio, de “feliz idade”, de a “melhor idade”, a “idade de ouro” [...]. Não se trata de colocar o idoso em contraposição ao não idoso, mas respeitar e especificidade de cada idade, de cada momento da vida. (MELO, 2003, p. 59).

São comuns as reflexões que relativizam este discurso sobre a terceira idade:

Não estou entre os que fazem o elogio irrestrito de uma fase da vida em que até o prefixo é traçoeiro [...] Mas também não acho que é o pior dos tempos [...] Nem sempre é a idade que faz a vida feliz ou infeliz, mas a cabeça, assim como o que faz mal à saúde é a doença não a idade. (VENTURA, 1998 *apud* MELO, 2003, p. 60).

Outro desdobramento desse discurso é o processo de reprivatização da velhice, que atribui à boa gestão desse momento da vida como uma responsabilidade individual, o que gera, em última instância, um processo de culpabilização dos sujeitos pelos desvios realizados do padrão proposto (DEBERT, 2008).

Contextualizando esse processo de responsabilização individual pela “boa” gestão do envelhecimento, observa-se, na atualidade brasileira, um aumento considerável na oferta de políticas públicas voltadas para diversos grupos sociais, em específico os grupos de idosos, chamados de grupos da terceira idade.

Tais ações têm como marco histórico a década de 1990, em que a velhice passa a ter visibilidade e motivar ações em termos de políticas sociais e projetos diversos com foco no público de idosos, inaugurando a “era da terceira idade”, a partir da entrada, de forma incisiva, do discurso gerontológico no país, das alterações demográficas, das

mudanças no mercado de trabalho e aposentadorias, das legislações específicas de proteção aos idosos, dentre outros fatores sociais (MORAES, 2011).

Essas iniciativas são implementadas por setores privados e públicos, sendo que, neste último, através de ações governamentais via políticas públicas, elaboradas e efetivadas pelos Ministérios e Secretarias específicos. Dessa forma, compreendemos o Projeto Vida Ativa (PVA) como um componente desse processo histórico de gestão da velhice, em que práticas discursivas são construídas e difundidas entre os interlocutores envolvidos nesse contexto.

#### **4.4. Experiências geracionais e modos de subjetivação**

As percepções dos sujeitos sobre os eventos e processos vivenciados no decorrer do tempo expõem uma necessidade:

(...) identificar em sua memória acontecimentos passados, e de construir mentalmente uma imagem que os associe a outros acontecimentos mais recentes, ou que estejam em curso. Em outras palavras, a percepção do tempo exige centros de perspectivas. (ELIAS, 1998, p. 33).

Bosi (1994) afirma que o ato de rememorar não se restringe a lembranças individuais, mas sociais, e possui o cenário nacional, político, econômico, festas e trabalhos, sendo que, na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas “refazer, reconstruir, repensar, com imagem e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho” (BOSI, 1994, p. 55).

A partir dos relatos das interlocutoras desta pesquisa, o processo de rememorar o início das experiências corporais no projeto de atividade física vem através da indicação médica e da reflexividade dos conhecimentos que foram apropriados a partir desses discursos:

É, até pela idade, eu comecei a fazer umas caminhadas... E assim começou. Aí apareceu este alongamento e disseram que era bom para a saúde da gente. Para mim foi bom... a pressão controlou. (Fernando, aluno PVA, 73 anos).

Foi o problema de saúde e o problema de ficar sozinha demais também. A gente sempre encontra com alguém e é bom. (Bruna, aluna PVA, 70 anos).

Eu vim e comecei porque é muito bom para a saúde. Depois que eu comecei, eu melhorei muito mesmo, sabe? Minha pressão melhorou. (Adriana, aluna PVA, 67 anos).

O que motivou foi que, às vezes, a gente ficava desaminada em casa. Eu fiquei uns tempos deprimida. Então, os médicos me orientaram a fazer as

atividades, o alongamento, que melhora a mente da gente. Porque era bom e realmente foi bom mesmo. (Renata, aluna PVA, 56 anos).

É que eu estava sentindo muita dor. Daí eu passei no médico e ele falou para eu fazer hidroginástica ou uma coisa física. Aí, como a minha cunhada faz, eu comecei a vir. Melhorou meu modo de conviver com as pessoas. A gente fica mais popular. (Adriana, aluna PVA, 67 anos).

A categoria “saúde” emerge nos relatos, expondo aproximações com uma representação da saúde em que há uma latente oposição à doença, que representa ameaça constante na velhice e deve ser atenuada e evitada.

Moulin (2008) apresenta o processo de medicalização dos corpos e explana como o discurso médico se torna central na ingerência da vida social dos sujeitos na contemporaneidade:

A medicina promulga regras de comportamento, censura os prazeres, aprisiona os cotidianos em uma rede de recomendações, tendo como justificativa o progresso de seus conhecimentos sobre o funcionamento do organismo e a vitória sem precedentes que reivindica sobre as enfermidades, atestada pelo aumento regular na longevidade. (MOULIN, 2008, p. 15).

A saúde e a doença começam a ser vistas como lados de uma mesma moeda. “Se a palavra-chave do século XVIII era a felicidade e a do século XIX, a liberdade, a do século XX é a saúde.” (COURTINE; VIGARELO, 2008, p. 18).

Assim, diversas técnicas e práticas corporais são realizadas; além disso, a utilização de medicamentos controlados, as alterações na dieta, a realização de exercícios físicos e as estratégias para evitar as doenças e atenuar as marcas corporais do envelhecimento são priorizadas. Paralelamente, os relatos trazem outro aspecto que compõe a categoria nativa saúde: as experiências prazerosas de sociabilidade e ampliação das redes de relacionamento. Assim, a busca pela saúde na velhice para esse grupo passa não apenas pelas vivências dos exercícios em grupo, mas este se apresenta como lócus para a promoção das relações entre os sujeitos.

Outro desdobramento discursivo é a incorporação reflexiva pela professora Ana Paula do discurso gerontológico do envelhecimento ativo.

A gente trabalhava não só com alongamento e atividades para a melhor idade, mas também com as atividades para crianças e, durante aquele ano de 2010, eu permaneci no PELC. Depois, o projeto teve seu término. Eu e um outro amigo que trabalhávamos juntos resolvemos manter a melhor idade, o alongamento e, na época, a dança também (...) Quando o PELC iniciou, ele já tinha dentro do cronograma dele as atividades para a melhor idade e, desde que eu comecei a faculdade, para mim, a melhor idade sempre foi a menina dos meus olhos. Já entrei com aquela vontade imensa de desenvolver este trabalho com elas e encontrei o Renato, que

dava aulas de dança e também focava muito na melhor idade... Na dança para a melhor idade. Então, essa parceria deu certo. Eu, com o alongamento e a ginástica e ele, com a dança. Mas sempre gostei de trabalhar com a melhor idade, já entrei na faculdade com esse foco. (Ana Paula, professora PVA, 42 anos).

A categoria “melhor idade” emerge e expõe uma visão de mundo que exalta a velhice como uma fase da vida privilegiada para as experiências prazerosas. Continuando, a interlocutora aponta as motivações para a continuidade das experiências com o grupo.

Eu acho isso muito importante, mas prazer para mim é como eu te falei, a menina dos meus olhos é a melhor idade e, porque eu sempre achei assim, eu percebi assim, como minha avó, as pessoas mais velhas chegavam numa certa idade e aposentavam, ou ficavam sós dentro de casa ou vendo uma televisão ou naquela expectativa de esperar um filho ou um parente buscar para dar uma voltinha. Eu sempre achei isso muito triste, porque a pessoa vai ficando mais velha, não quer dizer que ela não tenha condições de ir e vir, e, uma aula dessas estimula não só aquele momento ali, mas outros, porque a partir daquele momento ali elas começam também a ter grupos, combinam entre elas, até mesmo para ir a uma missa. (Ana Paula, professora PVA, 42 anos).

Esse relato remete às suas experiências geracionais familiares, onde emerge uma idealização homogeneizadora sobre os sujeitos idosos, que seriam privados das relações sociais na velhice, e, a partir das experiências de um “estilo de vida ativo”, tais redes de sociabilidade poderiam ser reestabelecidas.

Entretanto, as visões de mundo das interlocutoras desta pesquisa sobre o envelhecimento trazem as nuances dos olhares perspectivos deste grupo sobre esse processo, que é perpassado por uma cultura de si.

Cada dia que passa é um dia de vida que não volta mais. Uma das coisas positivas que eu acho é a saúde. Envelhecer com saúde é muito bom... Agora, se ficar, também inválido, aí, eu prefiro a morte. É porque eu sei que a gente fica sofrendo e sofre quem está tomando conta. (Leandra, aluna PVA, 71 anos).

Envelhecimento eu acho é assim que a gente não pode se entregar muito né. Tem que estar sempre procurando alguma coisa pra fazer, porque se a gente se entregar e ficar quietinha dentro de casa, quem vai ficar na solidão é a gente... E eu já me sinto assim, mais solitária, porque não gosto muito de sair; então, eu me sinto solitária. A gente vai envelhecendo e vai sentindo que vai ficando mais sozinho. (Bruna, aluna PVA, 70 anos).

A gente vai envelhecendo, mas se a mente estiver bem, a gente não está envelhecendo, a gente está se motivando. Porque a gente não sente que está envelhecendo. Eu por exemplo, às vezes eu olho e digo: estou com 56 anos, mas na minha mente eu não sinto que eu estou velha, não... A gente não sente que está envelhecendo. (Renata, aluna PVA, 56 anos).

Eu acho que a gente vai ficando mais velho, a gente não tem mais animação de fazer as coisas, por exemplo, a ginástica. Tem dia que a gente sente dificuldade para poder vir e eu acho que as pessoas mais novas têm mais força, a gente, velho, está sem força. Teve dia que eu fazia a ginástica e, quando ia fazer os trabalhos da casa, eu estava toda doendo. Depois melhorou, normalizando... Mas parece que é mais por causa da idade da gente. Porque eu acho que os novos vêm e não sentem. Eu mesmo, quando era mais nova eu podia andar daqui até o Santa Isabel que eu não sentia nada, dor nas pernas, não sentia nada. Ai, quando eu começo, eu sinto dor nas pernas, mas depois vai melhorando. Eu acho que quando a gente vai ficando velho muda tudo. Você trabalha e, rapidinho, já está cansada, sentindo cansaço. Quando você está novo é diferente, você trabalha, trabalha e trabalha e não sente que está cansado e a gente na velhice sente geralmente muita cansaço. (Adriana, aluna PVA, 67 anos).

Estes relatos apontam para a polissemia dos modos de subjetivação na velhice, que sinalizam para diversos modos de vivenciar o envelhecimento. Tal processo é quase sempre associado a alterações corporais, evidenciadas nas alterações e perdas nas habilidades sofridas por seus corpos na velhice.

Estes olhares retrospectivos rememoram momentos em suas juventudes em que o vigor físico e a disposição para o trabalho (geralmente doméstico) eram satisfatórios, o que não ocorre na velhice. Esses processos de perdas trazem uma preocupação que emerge dos relatos: a dependência dos familiares para as atividades cotidianas e a falta de “autonomia” para cuidar de si mesmo.

Tais interlocutoras têm uma estrutura familiar semelhante, em que os filhos não residem mais em suas casas, mantendo uma intimidade a distância (DEBERT, 2012). Os parceiros, por conta de um misto de necessidade financeira e dificuldades em se desvincular do universo do trabalho, permanecem durante o dia em suas ocupações conseguidas após suas aposentadorias. A partir dessa configuração, outra categoria emerge dos relatos: a solidão.

A preocupação em ficar só e os males advindos dessa condição devem ser policiados. Segundo Elias (2001), apenas o ser humano entre os seres vivos sabe que vai morrer, e essa perspectiva de finitude traz, a experiência da solidão social aos sujeitos que estão mais próximos desse processo. Assim, a proteção dessa finitude é alvo de investimento de inúmeras técnicas pelos sujeitos no decorrer da história (ELIAS, 2001). Há, portanto, necessidade da adoção dos cuidados de si, que são, para este grupo, ações para evitar a solidão social, imposta pela conformação de suas estruturas familiares, mediante a construção de novas redes de sociabilidade e no processo de atenuar as marcas do envelhecimento.

Sobre o investimento nos corpos dessas mulheres, observamos que apenas uma de nossas interlocutoras não alterou a cor de seus cabelos através do tingimento, técnica para encobrir os cabelos brancos, marca do envelhecimento que expõe a idade cronológica aproximada dos sujeitos.

Segundo Goffman (1988), as identidades virtual e social real são parte dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão. Assim, essas mulheres manipulam suas identidades sociais reais com a adoção destas técnicas, distanciando-se da identidade virtual de idosa.

Enquanto um estranho está a nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído (...). Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande. Algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real. O termo estigma será usado como referência a um atributo depreciativo (...). O estigma é então, na realidade um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo. (GOFFMAN, 1988, p.13).

Ainda segundo o autor, as técnicas de ocultamento de símbolos de estigma ocorrem ao mesmo tempo de um processo relacionado, o uso de desidentificadores. “O estigma e o esforço para escondê-lo, encobri-lo ou ameniza-lo fixam-se como parte da identidade pessoal dos sujeitos.” (GOFFMAN, 1988, p. 76).

Outro ponto que demonstra a incorporação dos cuidados de si é a utilização do vestuário para a prática do exercício físico, como bermudas e camisas de cores diversificadas e tecido sintéticos que delineiam seus corpos. Essas práticas se apresentam como forma de partilhar de aspectos simbólicos contemporâneos de pertencimento a um grupo que se exercita e cuida de seu corpo de forma permanente<sup>40</sup>.

O que se sabe é que os membros de uma categoria de estigma particular tendem a reunir-se em pequenos grupos sociais cujos membros derivam todos da mesma categoria, estando esses próprios grupos sujeitos a uma organização que os engloba em maior ou menor medida. E observa-se também que quando ocorre que um membro da categoria entra em contato com outro, ambos podem modificar o seu trato mútuo, devido a crença que pertencem ao mesmo grupo. (GOFFMAN, 1988, p. 32).

Essas experiências em grupo evidenciam conflitos e partilhas geracionais realizados pelos sujeitos no PVA, em que os gostos e disputas por ritmos e músicas no decorrer das aulas se apresentaram como marcantes na pesquisa de campo.

---

<sup>40</sup> Esta reflexão faz parte do caderno de campo da pesquisa.

Sobre o conceito de geração, Mannheim (1993; 1982) expõe em seu texto sobre o problema sociológico das gerações e o aspecto relacional e historicamente situado desse conceito. Assim, os sujeitos partilham aspectos simbólicos e se relacionam com outros sujeitos de gerações distintas, construindo seu tempo histórico.

A situação de classe<sup>41</sup> e a situação geracional<sup>42</sup> (o pertencimento mútuo a anos de nascimento próximos) têm em comum – como consequência de uma posição específica ocupada pelos indivíduos por ela atingidos no espaço de vida sócio histórico, a limitação desses indivíduos a um determinado campo de ação e de acontecimentos possíveis, produzindo, dessa forma, uma forma específica de viver e de pensar uma forma específica de intervenção no processo histórico (MANNHEIM, 1982, p. 62).

Nessa conceituação, a categoria “geração” é dividida em três subcategorias: posição geracional, unidade geracional e conexão geracional (MANNHEIM, 1993; 1982), que, a partir de sua análise em conjunto, expõe os aspectos dinâmicos, instáveis e contínuos das mudanças geracionais na contemporaneidade.

A posição geracional é compreendida como a possibilidade dos sujeitos, por convergirem em uma geração, de partilharem experiências comuns. Não basta ter nascido em uma mesma época, o que expõe uma posição geracional comum é a possibilidade de vivenciar e significar de forma semelhante às experiências vivenciadas em um determinado tempo histórico.

A conexão geracional pressupõe um vínculo concreto entre sujeitos pertencentes a posições geracionais semelhantes ou diferentes.

Uma conexão geracional se constitui através da participação dos indivíduos que pertencem à mesma posição geracional, ou de posição geracional distinta, em um destino coletivo comum assim como da partilha de conteúdos que estão relacionados de alguma forma. (MANNHEIM, 1982, p.87).

A unidade geracional apresenta-se como convergências das experiências concretas dos sujeitos, que podem se aproximar com relação à faixa etária e atuam nos processos de constituição de grupos sociais concretos.

Nota-se nessa conceituação que as idades cronológicas dos sujeitos, central nas análises sociológicas sobre o processo de envelhecimento (DEBERT, 2012), compõem

---

<sup>41</sup> O conceito “situação de classe” aproxima-se do conceito de classe social proposto por Bourdieu (2005), que conceitua “classe social” como um grupo de sujeitos que partilham aspectos simbólicos de um determinado campo social, com gostos, aspirações, opiniões sobre determinados temas sociais e uma posição econômica na estrutura social semelhante (BOURDIEU, 2005).

<sup>42</sup> Complementando esta citação, cabe apontar não só as situações de classe e geracional, mas também as situações étnicas e de gênero, que, em conjunto, contingenciam as experiências dos sujeitos em sociedade.

o conjunto de aspectos reflexivos; no entanto, dão margem aos aspectos subjetivos de partilha simbólica dos sujeitos em suas experiências.

Assim, as experiências geracionais do nosso grupo de interlocutores dizem respeito aos modos como cada sujeito, a partir de suas posições geracionais e nas conexões geracionais construídas no contexto do PVA, partilham, convergem, conflitam e são subjetivados nestas experiências.

Essa estagiária lá é que dá aula de dança também. A dança dela não serve pra nós não. Ela é muito jovem, nós somos muito idosos. Então nós não temos o pique que ela tem... aí fica difícil. A aula, pra acompanhar ela na aula de dança, não dá. (Leandra, aluna PVA, 71 anos).

No início foi bem difícil, porque todo mundo estranha uma professora novinha, aí elas diziam: é muito novinha, não vai dar certo. Aí o tempo foi passando e tal eu fui buscando novos estilos de música para dar aula de dança. Deu uma briga danada, porque eu queria mostrar outros tipos de dança que não fosse só o forró, e elas brigaram comigo, falaram que não era para mudar porque elas estavam acostumadas com outro professor que só trabalhava o forró. Ele focava mais no forró. Eu não, eu estou buscando outros estilos de música, não só forró, porque forró elas já sabem, outros estilos de músicas que elas não sabem, mas também não tirando o forró. Eu não tiro. Aqui eu sempre dou as aulas com as mesmas músicas para poder sempre trabalhar a mesma coordenação motora até eu ver que melhorou; aí eu mudo as músicas e vou colocar outros estilos para trabalhar com outros estilos, sempre monto dessa forma. (Camila, estagiária PVA, 20 anos).

Os relatos expõem perspectivas e modos de subjetivação diferenciados sobre a vivência da dança no PVA. As interlocutoras Leandra e Camila trazem um conflito latente na apropriação de aspectos simbólicos geracionais, que tem a dança como lócus de prazer e disputas.

Leandra, a partir de seu olhar retrospectivo, rememora outro momento histórico do PVA em que um professor trabalhava “as nossas músicas. Músicas do nosso tempo”, que seriam os forrós e os sertanejos de raiz. Noto que essa visão saudosista (HENNING, 2013), marcante na visão de mundo de nossa interlocutora, não é partilhada por outras integrantes do grupo, que vivenciam aulas de dança que têm os ritmos chamados “modernos” e de “gente nova” como foco.

As intervenções observadas em nossa pesquisa de campo eram ritualizadas, e os ritmos compunham esse processo. Geralmente, nos momentos que antecedem as aulas de ginástica, alguns ritmos eram executados. Tais músicas eram interrompidas durante a aula, e o aparelho era novamente ligado para as aulas de dança, ministradas pela estagiária Camila. Nesse momento da transição para a aula de dança, o grupo de

aproximadamente trinta pessoas ficava reduzido a dez. Renata, a mais jovem do grupo de interlocutoras, traz um discurso mediador ao buscar explicar o desinteresse do grupo.

Se tem dança, eu fico sim... Sem dança, eu fico até o final. Eu gosto muito da dança. Eu falo assim: “Vamos pôr um forró para estas mulheres animarem mais, porque vai gente embora, porque ficam só aquelas músicas novas...” Assim, eu falo com ela (estagiária): “Vamos botar uns forrós, eu vou trazer um CD de forró para o pessoal animar mais, para elas ficarem”. Fica pouca gente na aula de dança, porque não tem forró. Se tivesse forró muita gente ficava, porque já está acostumada. São as músicas de forró que nós, mais idosas – somos mais idosas porque passou de cinquenta (anos) – já não gostamos desse negócio de músicas novas que tocam em festas. Eu e minha família, a gente vai em muito aniversário e tem uns forrós, a gente dança. Agora, se pôr esse negócio de funk ou estes outros sertanejos, é só a minha sobrinha que dança, que pula lá no meio. Então, o pessoal quer outras músicas. (Renata, aluna PVA, 56 anos).

A dança apresenta-se para o grupo como elemento constitutivo de suas posições geracionais, e os aspectos simbólicos de identificação são partilhados. No entanto, notam-se posturas diferenciadas das interlocutoras no que se refere à incorporação dos ritmos chamados “modernos”. Apesar de suas preferências pelas “músicas antigas”, Renata participa e partilha com a estagiária e com as alunas que permanecem a vivência dos ritmos “novos ou de jovem”. Ela se identifica como idosa e interpreta o desinteresse do grupo que não participa das aulas de dança.

A recusa em participar da aula por uma parte expressiva das alunas apresenta-se como um modo de expressar as divergências em compartilhar aspectos simbólicos de sujeitos de outra posição geracional. Nessa conexão geracional, conflitos surgem e modos de subjetivação são construídos, portanto há a incorporação e trocas entre os sujeitos em posições geracionais diferenciados.

Sobre esses conflitos, a estagiária expõe uma estratégia utilizada em outro núcleo do PVA em comparação ao núcleo Industrial, foco de nossa pesquisa de campo.

As músicas sou eu mesmo quem escolho. Lá no CRAS eu tenho um tipo de plano de aula e aqui eu tenho outro tipo de plano de aula. Lá tem tanto terceira idade como meia idade. Aí eu diferencio: primeira turma é a terceira idade e a segunda turma é a meia idade. Aí o que acontece, é: a terceira idade eu foco muito no forró porque sempre pedem o forró, e a meia idade ela faz ginástica aeróbica, é um axé. É sempre assim, uma aula mais movimentada. Porque elas falam que gostam de suar, elas gostam de suar. Aí eu dou umas atividades para elas lá. Aqui é mais movimentos repetidos. Lá eu posso variar os movimentos, lá que elas gostam de movimento. Aqui não, aqui é mais repetição de movimentos. Elas sempre focam... Quanto mais movimentos repetidos para elas aqui melhor, e elas gostam demais da conta é do forró. Agora que eu estou buscando outros tipos de dança, elas estão mais pra lá do que pra cá, mas elas estão aceitando aos poucos. Algumas já estão dançando, coloca a música elas já começam a dançar porque já sabem o ritmo... Mas é tranquilo. (Camila, estagiária PVA, 20 anos).

Essa estratégia expõe e diferencia as metodologia de trabalho a partir de uma classificação prévia com base na idade cronológica, em que os sujeitos são agrupados nas categorias “meia idade” e “terceira idade”, e as intervenções seriam diferenciadas a partir de potencialidades e limitações homogêneas do grupo.

Essa divergência com relação a aspectos pedagógicos das aulas é apontada pela professora Ana Paula como um problema relevante no PVA.

Em alguns bairros, os estagiários chegaram e começaram a dar uma aula de alongamento e ginástica muito forçada, meio pesada para a turma. Tanto que eu tive uma dificuldade com eles no início e tive de mostrar para eles que a aula tem que ser coletiva e que tem pessoas de várias idades. Eles têm que atender a todos. Então, você não pode passar, mesmo que tenha uma aluna lá que tem uma condição melhor, para, uma resistência melhor, você tem que manter a aula para o foco da melhor idade. Então eu tive que passar para eles alguns exercícios e pedir para tirar outros, para respeitar, mesmo, a individualidade deles, só que focando mais na melhor idade. (Ana Paula, professora PVA, 42 anos)

Nota-se que o grupo de estagiários, pertencentes a uma unidade geracional diferenciada das alunas do PVA, atua a partir de suas referências do que deva ser um trabalho pedagógico adequado ao grupo. O distanciamento dessas visões de mundo, expostas através das conexões geracionais entre alunas, estagiários e professora, expõe a categoria relações geracionais como central nas reflexões sobre as relações sociais no PVA.

Ali tem pessoas na faixa dos quarenta, cinquenta anos. São mulheres que não têm tempo de ir para uma academia, trabalham muito e são da região. Assim, fica pertinho e elas podem ir, é rápido e no período da manhã, bem cedinho; e também é uma questão de ser gratuito, elas não têm que dispor de nenhum dinheiro pra fazer essa aula de ginástica... Por ser muito cedo, algumas nessa faixa etária conseguem ir, porque a maior parte está trabalhando e às vezes algumas saem dali dez para as oito para poder chegar no trabalho (...).Na verdade, algumas pensam assim: “É um alongamento para a melhor idade, mas tem pessoas mais novas também e nós... Elas também acompanham ali... Eu tento colocar atividade pra elas de uma forma que atenda a todas – as de quarenta, as mais velhas – para ter essa integração entre elas. (Ana Paula, professora PVA, 42 anos).

Aqui eu acho que todo mundo é igual. Pra mim não tem diferença não. Convivo tanto com as mais novas quanto com as mais velhas. É uma relação boa. (Bruna, aluna PVA, 70 anos).

Aqui tem pessoas idosas e até gente de quarenta e poucos anos. Aqui não tem problema não, ninguém reclama, não tem nada a ver não. Só o tipo da dança, que tem umas mais novas que já gostam destas músicas mais agitadas, nós já gostamos do forró. Da minha idade pra cá, sessenta e poucos anos, tem uma aqui de oitenta. Aquela senhora ali tem oitenta anos ela não gosta dessas coisas não. A filha dela é que gosta... Agora, se fosse um forrozinho, ela já dançaria um pouco. Por exemplo, a dona Nadir, que faleceu, gostava de dançar um forró. (Renata, aluna PVA, 56 anos).

Esse espaço social de experiências geracionais conjuntivas (MANNHEIM, 1993; 1984) apresenta-se como local onde se relacionam quatro unidades geracionais distintas, que partilham, negam, ressignificam e se apropriam do universo simbólico construído a partir dessas conexões geracionais.

Esses relatos expõem limitações na atuação pedagógica com grupos geracionais diferenciados, na medida em que os aspectos simbólicos dessas gerações são relegados como secundários e a categoria idade cronológica orienta as ações nesses espaços. Outro ponto limitante seria a elaboração dos planejamentos a partir da visão de mundo e geracional dos professores e estagiários, que se distanciam, nesse contexto, das visões de mundo e geracionais das interlocutoras.

O processo de descentrar o olhar (MAGNANI, 2009) na busca da compreensão das aspirações dos alunos, em um exercício contínuo de alteridade,<sup>43</sup> faz-se necessário no processo de preparação para a atuação com os grupos de idosos. Essa aproximação das experiências geracionais pode ser utilizada como lócus de partilha e trocas simbólicas entre os sujeitos de unidades geracionais diferenciadas.

Assim, este artigo, escrito em conjunto com as interlocutoras desta pesquisa, expõe os desafios de refletir sobre algumas experiências geracionais e modos de subjetivação na velhice. O processo de pesquisa expôs suas limitações ao buscarmos compreender os significados presentes nas visões de mundo dos sujeitos sobre aspectos simbólicos geracionais, a partir da premissa de estarmos em posições geracionais diferenciadas dos sujeitos pesquisados. Sem a pretensão de finalizar o processo de análise, serão expostos os apontamentos finais deste artigo.

#### **4.5. Considerações finais**

O PVA se apresenta como lócus privilegiado para as relações geracionais vivenciadas por sujeitos em múltiplas unidades geracionais. Conflitos e partilhas são categorias marcantes e demonstram modos de subjetivação em que esses sujeitos vem se constituindo constantemente.

A categoria “terceira idade” ou “melhor idade”, presente no discurso institucional, expõe uma apropriação reflexiva do discurso gerontológico do

---

<sup>43</sup> O processo de alteridade é compreendido como o esforço em compreender a visão de mundo do outro a partir de seus olhares, compreendendo os aspectos únicos e relativos das experiências sociais dos sujeitos em um determinada cultura (LAPLANTINE, 2000).

envelhecimento ativo, que direciona as ações pedagógicas nesse contexto. Apesar da força simbólica desses discursos, tais classificações são construídas socialmente de forma arbitrária. Os conceitos, palavras e outros componentes discursivos devem ser historicamente situados, e seus aspectos transitórios, expostos.

Nessa trama cultural, aspectos simbólicos ligados ao cuidado de si emergem mediante os cuidados com a saúde, pelo investimento nos corpos para atenuar e ocultar as marcas do envelhecimento, que, segundo as interlocutoras, apresenta-se como momento complexo e propenso à experiência da solidão.

A complexidade simbólica presente nas relações dos sujeitos idosos, suas visões retrospectivas e perspectivas da vida são contextualizadas historicamente e trazem as nuances da velhice, em que se faz necessário evidenciar a heterogeneidade e individualidade das experiências dos grupos de idosos nessa fase de suas vidas.

Desta forma, a polissemia dos modos de subjetivação aponta para a diversidade dos modos de envelhecer na contemporaneidade.

#### 4.6. Referências Bibliográficas

ALVES, A. M. Diferenças geracionais, gênero e sexualidade. In: STREY, M. N., et al. **Gênero e ciclos vitais: desafios, problematizações e perspectivas.** Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

\_\_\_\_\_. **A dama e o cavaleiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALVES JÚNIOR, E. D. Lazer, idosos e aposentados: o projeto prev-quebras. In: MELO, V. A. ; ALVES JÚNIOR, E. D; BRÊTAS, A. (Orgs.). **Lazer e cidade: reflexões sobre o Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Shape, 2008. p.149-162.

\_\_\_\_\_. **Pastoral do envelhecimento ativo.** Tese de Doutorado em Educação Física. Rio de Janeiro: UGF, 1994.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 3-26.

\_\_\_\_\_. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CAMARANO, A. A. **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CORBIN, A. et al. **História do corpo: as mutações do olhar. O século XX.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. Identificar: traços, indícios, suspeitas. In: CORBIN, A. et al. **História do corpo: as mutações do olhar. O século XX.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DEBERT, G. G. Gênero e terceira idade. **Revista Estudos Feministas.** v. 2, n. 3, 1994. Disponível em: <www.periodicos.ufsc.br>. Acesso em: 14 maio 2012.

\_\_\_\_\_. A Invenção da terceira idade e a articulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** v. 12, n. 34, 1997. Disponível em: <www.anpocs.org.br/portal/publicacoes>. Acesso em: 15 maio 2012.

\_\_\_\_\_. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** São Paulo: Edusp, 2012.

\_\_\_\_\_. Problemas relativos a história de vida e história oral. In: CARDOSO, R. (Org.). **A aventura antropológica. Teoria e pesquisa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DELEUZE, G. **Foucault.** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

ELIAS, N. **Sobre o tempo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. **A solidão dos moribundos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FERRARI, A. (Org.). **A potencialidade do conceito de experiência para a educação.** Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres.** 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012. p. 7-45.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 3: o cuidado de si.** 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1992.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

\_\_\_\_\_. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 33-141.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC 1988.

HENNING, C. E. “Meu tempo é agora!” e “No meu tempo, antigamente...”. Temporalidades e sensibilidades geracionais entre homens maduros com práticas sexuais homoeróticas na cidade de São Paulo. **Anais 37º Encontro Anual da ANPOCS**, 2013.

IBGE Cidades. **Brasil**. Disponível em: <[www.ibge.gov.br/cidades](http://www.ibge.gov.br/cidades)>. Acesso em: 15 out. 2013.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, v.32, 2009.

\_\_\_\_\_. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.

\_\_\_\_\_. O velho e bom caderno de campo. **Revista Sexta Feira**, São Paulo, n.1, 1997.

MANNHEIM, K. O problema sociológico das gerações. In: FORACHI, M. M. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1982.

\_\_\_\_\_. El problema de las generaciones. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, n. 62, 1993.

MANSANO, S. R. V. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 8, n. 2, 2009.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo, 2005.

MELO, V. A. **Lazer e minorias sociais**. São Paulo: IBRASA, 2003.

MOULIN, A. M. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, Alain et al. **História do corpo**: As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MORAES, A. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In: PRIORE, M. D.; AMANTINO, M. **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 427-452.

NOVAES, J. V. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. In: PRIORE, M. D.; AMANTINO, M. **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 477-506.

SILVA, V. G. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

VELHO, G. **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. **Individualismo e cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **A utopia urbana:** um estudo de antropologia social. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. **Projeto e metamorfose:** antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VENSON, A. M.; PEDRO, J. M. Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia. **História oral**, v. 15, n. 2, 2012.

## 5. ARTIGO 3: GÊNERO E ENVELHECIMENTO: vivências corporais e construção de feminilidades

### 5.1. Introdução

Refletir sobre as experiências de gênero na velhice expõe a complexidade, instabilidade e dinamismo da contemporaneidade. Apesar das divergências presentes nos saberes elaborados sobre a categoria gênero, existem consensos que foram construídos nas ciências sociais, que concebe tal categoria como construção social arbitrária, historicamente situada e, dessa forma, constantemente ressignificada pelos sujeitos em suas culturas.

Nesse sentido, o conceito de experiência<sup>44</sup> que será utilizado neste estudo compreende serem as experiências as formas como os sujeitos se constituem, são subjetivados e desubjetivados em uma determinada cultura e tempo histórico (FOUCAULT, 2012).

O primeiro ponto de reflexão levantado é a impossibilidade de se conceber uma interpretação universal sobre as construções e representações de gênero em sociedades e períodos históricos diferentes (PEREIRA, 2004). É certo, pois, que as trajetórias de vida e as representações generificadas da realidade social sempre ocorreram, entretanto, como cada sujeito vivencia esses caminhos, é balizado e contingenciado através das relações sociais de poder estabelecidas (NICHOLSON, 2000).

Sem perder de vista o caráter relacional da categoria “gênero” e como esta abarca outros marcadores identitários como geração, etnia e classe social, buscamos, neste artigo<sup>45</sup>, compreender como os marcadores identitários de geração e gênero se articulam na sociabilidade construída no Projeto Vida Ativa. De que modo são construídas as feminilidades nesse contexto? Que lugares as vivências corporais em

---

<sup>44</sup> Sobre estudos empíricos que utilizaram o conceito de subjetivação como categoria analítica central, ver FERRARI, Anderson (Org.). **A potencialidade do conceito de experiência para a educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.

<sup>45</sup> Este artigo faz parte de uma pesquisa, fruto da Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, intitulada “O doce amargo sabor do envelhecimento: experiências corporais, geracionais e de gênero”, que buscou compreender as experiências geracionais e de gênero vivenciadas por um grupo de mulheres que se relacionam no contexto de um projeto social de lazer para idosos, o projeto Vida Ativa (PVA). Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora (CEP/UFJF), sob o número de protocolo de aprovação: 10497413.7.0000.5147.

grupo ocupam nesse processo? Há alternâncias, modificações e subversões de poder nas relações sociais dessas mulheres em seus espaços de sociabilidade?

Um dos interesses norteadores em realizar o presente estudo surge da experiência vivenciada ao coordenar um dos núcleos do PELC/Ubá no ano de 2010, em que, a partir das observações sistemáticas do trabalho realizado com as pessoas no bairro, pudemos constatar as limitações pedagógicas em se ampliar as possibilidades de vivências corporais nas oficinas propostas.

A inclusão dos diversos grupos de idosos era dificultada pela visão preconcebida que tinham sobre as atividades oferecidas no projeto, pois acreditavam que estas eram destinadas a determinado gênero e geração, dificultando a participação de outros grupos.

Um exemplo diz respeito ao número de mulheres nas oficinas de ginástica e dança, que representavam maioria do grupo. Algumas alunas relatavam a relutância dos homens, geralmente maridos ou filhos, em participar dessas vivências, por acreditarem serem estas “femininas”, ficando eles restritos à participação em oficinas esportivas, nos eventos, nos jogos de cartas, damas, gamão ou apenas contemplando a realização das atividades por outros grupos.

A partir desse quadro, pode notar o quanto tais vivências corporais eram generificadas e generificadoras, enquanto as ações pedagógicas realizadas pouco contribuíam para a ampliação das vivências corporais dos sujeitos, tornando-se, em grande parte das ocasiões, vivências reprodutoras de um lugar social “adequado” a cada gênero e a cada geração.

O contexto exposto torna-se uma tendência e é compartilhado no Projeto Vida Ativa (PVA), foco analítico deste estudo, em que um grupo de 31 mulheres e 1 homem vivencia a ginástica, os exercícios de alongamento e a dança.

Corroborando com o estudo de Goellner et al. (2009), em que os autores apontaram a necessidade de compreender como a temática da inclusão de gênero vem sendo tratada no interior de programas sociais de esporte e lazer, em que as diferenças de gênero e geração ocuparão centralidade na análise.

Tais marcadores identitários não são estanques e sim dinâmicos, entrecruzando-se e formando uma rede em que podem incidir sobre um mesmo sujeito ou grupo social (LOURO, 2000). Tal processo apresenta-se nos dados empíricos da pesquisa de campo deste estudo e será exposto a seguir.

## 5.2. “Bendito é fruto entre as mulheres”: nuances da participação masculina no PVA

O envelhecimento feminino é mais evidenciado socialmente, devido ao fato de grande parte do público dos programas públicos e privados de atividades e vivências para o público idoso, além das universidades da terceira idade, ser predominantemente feminino<sup>46</sup>. Esse processo é considerado, de forma ampla, como uma tendência à feminização da velhice (MORAES, 2011; DEBERT, 1994).

Tal processo apresenta-se no PVA, o qual, no período da pesquisa de campo, contava com 350 pessoas matriculadas. Desse total, 88,8% eram mulheres e 11,2%, homens<sup>47</sup>. Especificamente no bairro Industrial, campo empírico desta pesquisa, contávamos com 31 mulheres e 1 homem participando da ginástica, dos exercícios de alongamento e da aula de dança.

Algumas questões do nosso roteiro de entrevista buscaram captar as visões de mundo<sup>48</sup> dos interlocutores sobre a reduzida presença de homens idosos no PVA.

É, essa parte aí eu nem sei bem informar por que os homens não vêm... De repente é porque tem muita mulher aqui. Eu, mesmo, sempre trabalhei no meio de mulher e acostumei... Eu trabalhava em escola e era só mulher e eu de homem... E assim eu fui acostumando. (Fernando, aluno PVA, 73 anos).

É porque tem homem que não gosta de se misturar com as mulheres, tem vergonha (...). Mas eu acho que os homens deveriam participar também. Aqueles que não trabalham mais fora deveriam participar. (Leandra, aluna PVA, 71 anos).

É, é mais difícil sim. O homem às vezes acha que participar de uma aula dessas é coisa de mulher... Tem um pouco de machismo nisso, mas em outros bairros nós temos outros homens participantes. Ali, só temos um, que é o senhor Fernando, que vai com a esposa. A esposa às vezes não vai e ele vai. Ele não falta. Então eu acho que é um pouco da cultura mesmo, de que alongamento é coisa só para mulher (...). Acho que é mesmo um pouco de machismo ainda, de achar que é o super-homem. (Ana Paula, professora PVA, 42 anos).

As experiências de gênero vivenciadas no PVA demonstram que, a partir dos aspectos performativos e relacionais da categoria gênero (LOURO, 2012), modos de

---

<sup>46</sup> A participação dos homens nas universidades para a terceira idade e em projetos destinados ao público de idosos não ultrapassa os 30%, sendo que, em parte considerável destes, gira em torno de 10% ou até na ausência completa de homens nesses espaços de sociabilidade (DEBERT, 1994).

<sup>47</sup> Tais informações foram obtidas a partir da análise documental das fichas de inscrição e listas de presença, cedidas pela coordenação do PVA.

<sup>48</sup> O conceito de visão de mundo pode ser compreendido como “o quadro que os sujeitos de uma determinada cultura elaboram das coisas como elas são na simples realidade, seus conceitos de natureza, de si mesmos, de aspectos da sociedade em que vivem” (GEERTZ, 1989, p. 93).

subjetivação ocorrem nesse espaço de sociabilidade, construindo feminilidades e masculinidades na velhice a partir dos encontros e relações de poder entre os sujeitos.

Ao rememorar suas motivações para a vivência da ginástica com um grupo de trinta e uma mulheres, Fernando faz emergir aspectos simbólicos da construção do modelo de masculinidade da maioria dos homens de sua unidade geracional (MANNHEIM, 1993, 1982), que passa por um modelo de virilidade que exalta as práticas eróticas heterossexuais, a coragem, a agressividade controlada e valores como honestidade, respeito à família e o distanciamento das mulheres nos momentos de lazer. Esse modelo demonstra sua força simbólica a partir dos discursos dos parceiros de nossas interlocutoras que se negam a participar dessas vivências (HENNING, 2013).

Fernando se distancia desse modelo quando aponta aspectos de sua trajetória de vida que o aproximam desse grupo de mulheres. Estes tratam do espaço de trabalho em que ele foi subjetivado a partir de suas trocas e relações com as mulheres nesse espaço. A categoria “acostumar com as mulheres” traz uma visão de que a vivência só é possível a partir do momento em que aspectos simbólicos das mulheres idosas idealizadas pelo interlocutor são apropriados, reduzindo os estranhamentos nas relações de gênero desse grupo.

Segundo Scott (1990, p.14), “as diferenças de gênero são o primeiro modo de dar significado às relações de poder numa sociedade”, o que leva a crer que, na maioria das culturas, observam-se as construções sociais hierarquizantes baseadas nas diferenças de gênero percebidas entre os indivíduos.

Dessa forma, o conceito de gênero<sup>49</sup>, como exercício analítico, trouxe a possibilidade da ampliação desses olhares, na medida em que se propõe a reelaborar criticamente, bem como apontar arbitrários culturais que permeiam as relações dos sujeitos, fundadas em diferenças anatômicas percebidas, em uma determinada cultura (SCOTT, 1990).

Nesse sentido, o conceito de gênero é definido como:

Condição social através da qual nós nos identificamos como masculinos e femininos. Não é algo natural que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os sujeitos a partir daquilo que se identifica como masculino e feminino. (GOELLNER et al., 2009, p.11).

---

<sup>49</sup> O termo “gênero” foi introduzido na década de 1970, na tentativa de refrear o então avassalador determinismo biológico, no sentido de distinguir formas culturalmente específicas de masculinidade e feminilidade de “sexos biológicos, construídos com cromossomos, fisiologias e anatomias”. (SCHIEBENGER, 2001, p. 31).

A utilização do conceito de gênero traz a discussão, e, no caso, as premissas da hierarquização dos sujeitos para processos sociais historicamente construídos. Tal categoria expressa o entendimento de que o determinismo biológico ou a diferença sexual fornece um modelo limitado e insuficiente para compreender os processos e problemas sociais decorrentes das relações e diferenciações de gênero em uma cultura (ORTNER, 2006).

Ampliando esse conceito, Butler (2003) busca não conceber o gênero como uma interpretação cultural das diferenças sexuais, e sim um pano cultural que precede os indivíduos, ou seja, pré-estabelecido culturalmente, a partir de símbolos culturais estruturados em aspectos relacionados aos processos culturais de construção das masculinidades ou feminilidades, em que os sujeitos têm restritas possibilidades de subversão desses códigos. Para ela, deve-se repensar o processo pelo qual uma norma cultural é assumida, apropriada e adotada (BUTLER, 2003).

Tais processos de construção das feminilidades e masculinidades ficam evidenciados nas falas das interlocutoras, em que o binarismo masculino e feminino – bem como as representações das posições sociais permitidas para cada sujeito – é central.

Nesse sentido, Debert (1994) traz o caráter relacional e performático do gênero ao problematizar o processo de envelhecimento, que, segundo a autora, é demarcado por diferenças de gênero explícitas e latentes.

A reduzida presença de homens no PVA também é vista por outras interlocutoras a partir dos relatos abaixo.

Os homens são muito desanimados! Eles ficam caminhando ai, ao invés de vir, ficam caminhando ali. Tinha que vir pra cá. Hoje tinha um vizinho meu ali eu disse: “vem pra cá desenferrujar”. Mas tá, uma hora eu vou e não vem nada. (Mariana, aluna PVA, 63 anos).

Os homens são desanimados, por exemplo, esses homens que caminham aqui no bairro, eles não têm coragem de chegar aqui na ginástica e no alongamento. Eles já preferem caminhar no campo. O senhor Fernando é o único que fica sozinho aqui no meio das mulheres. Ele é gente boa demais. Ele fica ai e não desanima não. Ele está vendo que a atividade é boa para ele. Aqui ele se sente bem. Se ele não se sentisse bem, ele não estava no meio de nós. (Renata, aluna PVA, 56 anos).

É, os homens também podiam vir, meu marido, por exemplo, eu chamo direto, e ele diz: “Eu não vou não, lá não tem homem...”. Eu digo: “Tem sim, tem um, agora tem dois com você”. Ai ele fala: “Deixa ver, se aumentar mais eu vou”. Quer dizer que acha chato ter muita mulher e um, dois homens só. Podia ter mais homens, seria melhor. (Adriana, aluna PVA, 67 anos).

A categoria “desanimados” emerge quando as interlocutoras se referem aos homens que se negam a participar das aulas de ginástica e dos exercícios de alongamento com o grupo de mulheres do PVA. Podemos compreender que tais experiências corporais não atraem e até afastam os homens idosos desse espaço, em contraposição à vivência da caminhada, que é apresentada como preferencial pelos homens.

Assim, podemos identificar as associações feitas sobre a ginástica, os exercícios de alongamento, a dança e a caminhada com os modelos de feminilidades e masculinidades normalizadas culturalmente. Tais vivências são direcionadas aos indivíduos como pano de fundo das diferenciações de gênero e podem ser consideradas como ritos de passagem na construção de feminilidades e masculinidades normalizadas e aceitas culturalmente (LOVISI; MOURÃO, 2012; GOELLNER, 2011).

Ao pensarmos o distanciamento dos homens idosos nesse espaço, é necessário compreender o caráter generificado e generificador das vivências corporais realizadas pelas mulheres do PVA, que não seriam lócus de construção de masculinidade por estarem associadas aos grupos femininos. A caminhada seria, então, “permitida” aos homens idosos, o que não ocorre com as demais vivências, dentre elas a dança.

Eu não participo, eu não levo jeito para dançar não... Nunca gostei de dança não. (...) Antes era umas música melhores... Essas daí não dá não, não é da nossa época. (Fernando, aluno PVA, 73 anos).

A dança não é aceita por nosso interlocutor por dois aspectos: a associação ao universo simbólico das mulheres (LOVISI; MOURÃO, 2013) e o fato de as músicas e ritmos pertencerem a outra unidade geracional.

Outro ponto de reflexão que pode ser sentido pelos homens são as interpretações das interlocutoras sobre a presença reduzida de homens no PVA.

Sim, a gente fica com mais liberdade porque, se tivesse muito homem no meio, de repente não ia ficar tão bom, mas nunca teve muito homem. (Bruna, aluna PVA, 70 anos).

O portão é aberto para todos. Eu acho também que um número de homens maior não faz diferença não. Muito homem também não é bom, homem é meio esquisito (risos). Tira a liberdade da gente. (Mariana, aluna PVA, 63 anos).

Eu acho que não seria bom, seria pior porque, sendo mulher, agente tem mais liberdade. A gente brinca sem problema e ele fica ali no meio, quietinho. Você sabe que os homens têm um jeito de brincar que é diferente do nosso. Com mulher, só mulher, é mais tranquilo, tem mais liberdade. (Renata, 56 anos).

Mais liberdade, com certeza... Elas ficam mais à vontade sim. O senhor Fernando mesmo, o dia que ele falta, elas falam uma gracinha e dizem: “Hoje a gente pode falar, o senhor Fernando não está aí”. (Ana Paula, professora PVA, 42 anos).

O fato de a presença dos homens desencadear perda da “liberdade” remete a significados construídos em suas trajetórias de vida sobre a separação entre homens e mulheres nos momentos de lazer. “Ter liberdade”, para o grupo, significa não se preocupar com a avaliação e os olhares coercitivos dos homens aos seus comportamentos e formas de se relacionar.

Tal visão tem desdobramentos na medida em que não há um maior incentivo e convencimento dessas mulheres para a participação de seus parceiros no PVA, configurando-se como momento de sociabilidade entre mulheres, e o grupo de interlocutoras constrói inúmeras estratégias de resistência para que esse espaço seja desfrutado por mulheres.

O senhor Fernando está sempre aí com a gente. Mas eu acho que os homens são muito machistas e não concordam de fazer exercício no meio de uma turma de mulheres, e o senhor Fernando não tem esse preconceito. Ele está sempre ali com a gente, se precisar de uma ajuda pra fazer alguma coisa, ele ajuda. Em uma época, a tomada era muito alta para as meninas ligarem o som e era ele quem ligava o som pra gente. Ele era o altão da turma, então ele nunca teve preconceito. Ele sempre vem com a esposa dele. Eu acho que os homens têm um pouquinho de vergonha de participar junto com a gente (...). Ele participa normalmente e sempre é muito atencioso e muito respeitoso. Fica sempre no cantinho dele lá, calado. Mesmo quando as mulheres soltam alguma piadinha, que sempre soltam, ele fica na dele. (Bruna, aluna PVA, 70 anos).

Fernando é, portanto, o único homem que tem permissão do grupo para partilhar desse espaço. O grupo compreende ser esse interlocutor “desprovido de preconceitos” com as mulheres idosas, e o termo “respeitador” ratifica essa conduta.

Outro aspecto exposto por nossas interlocutoras é a continuidade da ligação de seus parceiros com o universo do trabalho no espaço público.

Os homens trabalham. Meu marido, por exemplo, trabalha. Ele tem setenta anos e continua trabalhando. Trabalha no Núcleo do Câncer, de porteiro... serviço leve (...). Mas a aposentaria de hoje, se for olhar, não dá não, porque ele aposentou com dois salários... Hoje ele não recebe mais do que um... Vai perdendo o valor e a gente vai ficando mais idoso, vai precisando mais de um remédio... Aí, pra aguentar, tem que trabalhar. (Leandra, aluna PVA, 70 anos).

Este horário eu já deixo livre mesmo. Eu trabalho em casa assim, quando minha mulher pega uns almoços para fazer e eu ajudo ela. Ela coloca pra assar e eu ajudo. (Fernando, aluno PVA, 73 anos).

A necessidade em continuar trabalhando no espaço público passa pela necessidade financeira e pelos modos de subjetivação sofridos pelos homens dessa unidade geracional, em que o valor “trabalho” é simbolicamente central em suas constituições identitárias (VENSON; PEDRO, 2012).

As mulheres desta pesquisa sempre trabalharam no espaço privado, e a participação no PVA é contingenciada por negociações para adequar o trabalho doméstico ao tempo de lazer nas vivências corporais no PVA.

É tranquilo, o dia todo eu fico só aqui, e eu arrumo minha casa, eu lavo minha roupa, eu faço tudo sozinha. Vou organizando, agora primeiro eu faço o almoço, depois então é que eu vou cuidar de arrumar a casa, lavar uma roupa que o almoço tem que ser na hora certa que ele vem almoçar né. Vêm almoçar meu marido e um filho, porque a esposa dele trabalha fora também, aí ele almoça aqui. (Leandra, aluna PVA, 71 anos).

Ultimamente eu faço assim: deu a hora de fazer meu exercício, eu deixo pra lá e venho. Na hora que volto eu faço o que eu dou conta. Se eu canso, eu deito. Eu organizo meu tempo. E depois, o João, meu marido, vai todo dia cedo pra roça. Ele já leva o almoço dele e não tenho preocupação com almoço para ele. Faço só para mim, mesmo. Então, graças a Deus minha vida é tranquila mesmo. Eu mesma cuido do meu serviço. Eu não pago a ninguém para me ajudar. É igual, eles falam assim: “A senhora precisa de uma máquina”. Eu tenho tanquinho, mas eu tenho que fazer exercício para meus braços ainda, porque eu sei que eu tenho meus ossos fracos, se eu não fizer exercício, daqui uns dias eu estou parada. (Bruna, aluna PVA, 70 anos).

Eu acordo mais cedo, cozinha batata, feijão e deixo mais ou menos pronto. Daí a hora que eu chego já esta mais ou menos no jeito. (Mariana, aluna PVA, 63 anos).

Eu já deixo organizado. Eu deixo o feijão cozido. Tudo meio pronto porque meu filho almoça em casa. Aí que já deixo prontinho. Eu chego lá e já vou organizando para dar tudo certo. Aí de manhã, se eu levanto mais cedo e dá tempo de arrumar o meu quarto eu arrumo. Se eu acordei mais tarde um pouco e tenho que vir para cá eu deixo para lá. Faço depois. (Renata. 56 anos).

A categoria “autonomia na realização do trabalho doméstico” é ressaltada nos relatos em que tais interlocutoras expõem as estratégias em participar do PVA e continuar mantendo os cuidados com seus familiares. A organização das tarefas é constantemente planejada para que as ausências nos momentos das vivências corporais não comprometam os cuidados com os integrantes dos grupos familiares. Essa negociação é realizada por elas e expõe o valor simbólico que a família ocupa na trajetória dessas mulheres.

Formas e relações de poder ficam expostas no processo de gerenciamento desse paradoxo, em que os espaços privado e público deixam de ser conflitantes e passam a fazer parte do cotidiano dessas mulheres de forma ressignificada. Cabe, pois, expor

alguns aspectos dessas relações de poder e do valor que a família ocupa nas trajetórias de vida dessas mulheres.

### **5.3. Mulheres empoderadas? Valor família e as feminilidades em construção**

O conceito de poder utilizado neste estudo será o elaborado por Foucault (1992), que concebe o poder como inerente das relações sociais dos sujeitos. Micropoderes difusos e diluídos, constantemente subvertidos e alternados. Dessa forma, nenhum poder exerce tão alto grau de coerção que não abra espaço para subversões cotidianas e alternâncias desse mesmo poder (FOUCAULT, 1992).

A partir desse conceito, podemos pensar o conceito de empoderamento, que pode ser definido como “os mecanismos pelos quais os sujeitos tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomam consciência de suas habilidades e competências para produzir, criar e gerir” (COSTA, 1998, p. 7).

Assim, uma de nossas interlocutoras expõe as redes de poder e estratégias de resistência constituídas em suas experiências no PVA.

É, eu acho que as mulheres deveriam participar, porque é muito bom para a saúde e aprende mais a viver. Agora tem muita gente que tem preconceito, que fala que agente não está se comportando bem porque tá saindo, tá dançando, tá pulando... Tem muito preconceito. Falam: “Não sei para que essas velhas estão indo dançar e pular”. As dança de hoje é quase tudo requebrar, rebolar, estas coisas, não é do nosso tempo... Aí é onde eu falo que a dança da estagiária é mais pra jovem, não é pra gente idoso igual a gente... Na hora da dança fica pouca gente, vai tudo embora por causa do tipo de dança dela. (Leandra, aluna PVA, 71 anos).

Os conflitos geracionais, a partir das conexões geracionais dos sujeitos no PVA, foram problematizados e ficam evidentes no relato exposto. No entanto, o que nos chama a atenção é a percepção dos processos discriminatórios que ocorrem a partir das escolhas da interlocutora em participar desse espaço de sociabilidade.

A categoria “preconceito” expõe a construção de uma estratégia de resistência e subversão dos poderes e ingerências que esse processo traz. Apesar de existirem forças contrárias a essa construção de feminilidade na velhice, nossa interlocutora expõe as rupturas e a afirmação de seu desejo em compartilhar os prazeres e conflitos neste espaço.

Sobre os processos de alternâncias de poder e construção de feminilidades na velhice, outra interlocutora nos traz:

Mudou muito, eu vejo assim na televisão... Eu vou para a praia, lá tem alongamento e eu entro no meio. Lá as mulheres estão dançando, tem um forrozinho... Ai eu pulo a corda e entro no meio com elas. É os mesmos exercícios que a gente faz aqui. Toda cidade tem, então mudou muito... As pessoas parecem que estão vivendo hoje mais alegres... Esquecem um pouco os problemas. Inclusive lá na praia uma mulher falou comigo: “Eu aqui esqueço meus problemas porque eu sinto isso, sinto aquilo, sinto outro e, estando aqui, eu esqueço”. Esquece mesmo, aqui vamos dançar, vamos distrair, a gente acha os exercícios de ginástica uma coisa muito boa. (Renata, 56 anos, aluna PVA).

Elas renovaram, mudou... É uma alegria. Elas não querem mais ficar em casa pelejando com o serviço, de ficar triste, ficar pensando, porque está na terceira idade vai morrer. Aí renova, vai renovando. (Mariana, aluna PVA, 63 anos).

Tais feminilidades passam pela negação da solidão imposta pelos processos de alterações das estruturas familiares, e da tristeza, caracterizada como típica da feminilidade imposta culturalmente às mulheres que envelhecem. A busca por essas experiências de prazer emerge e torna-se central na visão de mundo dessas mulheres.

Em seu estudo antropológico sobre os bailes de dança de salão no Rio de Janeiro, Alves (2004) expõe um contexto cultural de predominância e protagonismo feminino na velhice. Tais espaços são tidos como contextos culturais de ampliação das redes de sociabilidade e vivência de lazer.

Segundo a autora, há uma liberação por esse público específico de mulheres, que conquistam novos tempos de lazer e convivência a partir da rearticulação dos papéis de mães, avós, esposas, viúvas e dançarinas de dança de salão. Essa articulação, muitas vezes, não é vivenciada pelos homens, visto que, por fatores culturais de gênero, eles não são impelidos culturalmente a se permitir as vivências de tais práticas corporais (ALVES, 2004).

As mulheres parecem ter tomado a frente das mudanças mais relevantes sobre a interpretação da velhice na atualidade. “As idosas têm sido as grandes promotoras do discurso da terceira idade” (MORAES, 2011, p. 450), na medida em que reivindicam a apropriação do espaço público para vivências ligadas ao lazer da busca de ampliação dos laços de sociabilidade.

Nesse sentido, nossas interlocutoras expõem aspectos das relações estabelecidas em seus grupos familiares e o processo de busca por novos projetos individuais,<sup>50</sup> a partir de sua participação nas vivências corporais em grupo.

---

<sup>50</sup> O projeto é a antecipação no futuro das trajetórias e biografias dos sujeitos, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização de meios através dos quais eles poderão ser atingidos. “São visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o

O pessoal está sempre aqui, toda semana eles vêm aqui, os netos vêm também. Eu tenho minhas noras e genros como filhos. A família cresceu, eu tenho 5 netos, tenho netos casados, tenho uma neta também, que já está com 27 anos, o Alison 22, Rafael 18, e tenho uma nora com 2 (...) Eles acham que é muito bom fazer exercício, porque eu faço exercício e não sinto dor nenhuma graças a Deus. Só que a gente não tem mais aquele pique, aquela esperteza que tinha antigamente. Isso vai acabando com o tempo, mesmo com saúde. (Leandra, aluna PVA, 71 anos).

Graças a Deus, é uma relação boa. Eu tenho 8 filhos, eram 9 filhos, mas agora só tenho oito. A minha relação com eles é muito boa, são muito amigos. Hoje, nenhum deles mora na minha casa. Tem um que mora em uma casa encima da minha, e os outros moram fora. Graças a Deus, minha família é uma maravilha. Chega dia de domingo, tá todos mundo lá em casa (...). Eles apoiam que eu faça exercício, falam que eu não devo parar não...Se eu estou bem, é por causa disso. Eu tenho 71, mas eu não tomo remédio nenhum ainda, graças a Deus. (Bruna, aluna PVA, 70 anos).

É uma relação muito boa. Eles me mandam vir, o dia que não tem e eu fico deitada até mais tarde. Meu menino fala: “Mãe, como é que é? Vai para a ginástica”. Eles não gostam não, eles gostam que eu venha. (Mariana, aluna PVA, 63 anos).

Minha família? Eles me incentivam. A minha irmã faz hidroginástica, ela não vem aqui porque ela trabalha. A outra não vem porque não aguenta, tem artrose nas pernas, tem problemas de pressão. Minha irmã frequentou muito aqui também. Nós somos muito unidas, graças a Deus. Nós somos 7 irmãos muito unidos. (Renata, aluna PVA, 56 anos).

Vale demarcar que a categoria “família” apresenta-se com valor simbólico central na construção de feminilidades dessas mulheres. O espaço doméstico é lócus de modos de subjetivação para esse grupo, que orienta suas ações com referência nesse espaço de sociabilidade.

Ao discutir aspectos das subjetividades de mulheres de camadas populares, Gouveia (2008) aponta serem:

As imagens que apresentam e definem estas mulheres encontram-se sempre atreladas ao cotidiano da casa, da família e, em menor escala, da vizinhança. Ainda hoje, assiste-se a certo “confinamento simbólico” das pessoas femininas ao domínio doméstico, circunscrita à tarefa de cuidar menos de si e mais dos outros. (GOUVEIA, 2008, p. 28).

Assim, nossas interlocutoras vivenciam um paradoxo em suas relações, que estão divididas entre o espaço doméstico e o PVA, o qual se apresenta como uma apropriação de um espaço público de sociabilidade. Essas vivências balizam e redirecionam seus projetos e trajetórias de vida.

---

significado de suas ações dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória,” (VELHO, 2013, p. 65).

O valor “família” se apresenta e, nesses momentos de suas vidas, divide relevância simbólica com o PVA. Nota-se que, nessa trama, as negociações são constantes e as alternâncias de poder ocorrem. Tais mulheres demonstram que, a partir de sua inserção nesse espaço público de sociabilidade, novos modos de se relacionar em família são construídos, nos quais suas feminilidades são reconstruídas de forma a possibilitarem novas decisões individuais.

Entretanto, as alternâncias de poder e as dinâmicas hierarquizadas no espaço privado em que tais mulheres estão inseridas não estão acabadas e sim em constante reconstrução. Logo, este processo de empoderamento é um exercício cotidiano de se posicionar e expor suas demandas e vontades pessoais, que passa pela construção de novos projetos individuais. Essa posição é compartilhada pelo grupo e expõe formas de feminilidade na velhice.

#### **5.4. Considerações finais**

Os relatos de nossas interlocutoras expõem a complexidade, instabilidade e dinamismo das construções de gênero e das relações de poder no contexto do PVA. A construção de feminilidades passa pela adoção do PVA como espaço simbólico de sociabilidade do grupo, com trânsito restrito para homens idosos, que são vistos como limitadores da “liberdade” e “autonomia” conquistada pelo grupo mulheres nesse espaço de sociabilidade.

Ao vivenciarem seus poderes em restringir a participação masculina, tais mulheres reafirmam um projeto coletivo de busca de outras feminilidades, que passa pela apropriação e gestão desse espaço público.

Nesse sentido, os aspectos generificados das vivências corporais são expostos cotidianamente, uma vez que os homens idosos não concebem esse espaço como local para vivência de suas masculinidades. Nosso interlocutor tenciona esse processo e aponta aspectos de sua trajetória de vida que o aproximam desse espaço de sociabilidade feminizado, apesar de sua participação ser permitida pelo grupo de mulheres.

O valor “família” ocupa centralidade simbólica nas trajetórias de vida dessas mulheres, expressa pelos cuidados com os integrantes do grupo familiar. Assim, diversas estratégias são colocadas em prática para gerir o paradoxo entre o espaço doméstico e a apropriação de espaços públicos de sociabilidade.

Um processo de empoderamento feminino é percebido à medida que há uma reorganização da lógica privada a partir de seus desejos em permanecer no PVA. Campos simbólicos que pareciam ser contraditórios demonstram-se complementares na construção de feminilidades dessas mulheres.

Dessa forma, as categorias “geração” e “gênero” apresentam-se indissociáveis, sendo fecundas na compreensão das relações tecidas pelos sujeitos em uma determinada cultura. A apropriação dessa rede simbólica se faz necessária na busca da construção de propostas pedagógicas que deem protagonismo às experiências e relações dos sujeitos, ampliando uma visão funcionalista das vivências corporais que norteiam boa parte das intervenções nesse campo.

### 5.5. Referências Bibliográficas

ALVES, A. M. Diferenças geracionais, gênero e sexualidade. STREY, M. N. et al. **Gênero e ciclos vitais: desafios, problematizações e perspectivas.** Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

\_\_\_\_\_. **A dama e o cavaleiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALVES JÚNIOR, E. D. Lazer, idosos e aposentados: o projeto prev-quebras. In: MELO, V.A.; ALVES JÚNIOR, E. D.; BRÊTAS, A. (Orgs.). **Lazer e cidade: reflexões sobre o Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Shape, 2008. p.149-162.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 3-26.

\_\_\_\_\_. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, A. A. **As donas no poder: mulher e política na Bahia.** Salvador: NEIM/UFBA e Assembleia Legislativa da Bahia, 1998.

DAMATTA, R. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

DEBERT, G. G. Gênero e terceira idade. **Revista Estudos Feministas**, v. 2, n. 3, 1994. Disponível em: <[www.periodicos.ufsc.br](http://www.periodicos.ufsc.br)>. Acesso em: 14 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. A invenção da terceira idade e a articulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, n. 34, 1997. Disponível em <[www.anpocs.org.br/portal/publicacoes](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes)>. Acesso em: 15 maio 2012.

\_\_\_\_\_. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp, 2012.

\_\_\_\_\_. Problemas relativos à história de vida e história oral. In CARDOSO, R. (Org.). **A aventura antropológica. Teoria e pesquisa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 141-156.

FERRARI, A. (Org.). **A potencialidade do conceito de experiência para a educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

\_\_\_\_\_. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 33-141.

GOELLNER, S. et al. Políticas de esporte e lazer de inclusão social. In: ISAYAMA, H. F. et al. (Orgs.). **Gestão de políticas de esporte e lazer**: experiências, inovações, potencialidades e desafios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

\_\_\_\_\_. **Gênero e raça**: inclusão no esporte e lazer. Porto Alegre: Ministério do Esporte e UFRGS, 2009.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC 1988.

HENNING, C. E. “**Meu tempo é agora!**” e “**No meu tempo, antigamente...**” - Temporalidades e sensibilidades geracionais entre homens maduros com práticas sexuais homoeróticas na cidade de São Paulo. 37º Encontro Anual da ANPOCS, 2013.

IBGE Cidades. **Brasil**. Disponível em: <[www.ibge.gov.br/cidades](http://www.ibge.gov.br/cidades)>. Acesso em: 15 out. 2013.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

\_\_\_\_\_. (Org.). **O corpo sexuado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOVISI, A.; MOURÃO, L. Corpo e gênero: na tela com Billy Elliot. In: FERRARI, A.; CASTRO, R.P. (Orgs.). **Política e poética das imagens como processos educativos**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, v. 32, 2009.

\_\_\_\_\_. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.

\_\_\_\_\_. O velho e bom caderno de campo. **Sexta Feira**, São Paulo, n.1, 1997.

MANNHEIM, K. O problema sociológico das gerações. In: FORACHI, M. M. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1982.

\_\_\_\_\_. El problema de las generaciones. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, n. 62, 1993.

MANSANO, S. R. V. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 8, n. 2, 2009.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo, 2005.

MOURÃO, L. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas. In: SIMÕES, A. C. (Org.). **Mulher e esporte: mitos e verdades**. Rio de Janeiro: Manole, 2003.

MORAES, A. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In: PRIORE, M. D.; AMANTINO, M. **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 427-452.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, Ed. UFSC, v. 8, n. 2, 2000.

NOVAES, J. V. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. In: PRIORE, M. D.; AMANTINO, M. **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 477-506.

ORTNER, Sherry B. Entrevista com Sherry Ortner. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 27, 2006.

PEREIRA, V. L. Gênero: dilemas de um conceito. STREY, M. N. et al. (Orgs.). **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: Ed. PUC RS, 2004.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n. 2, 1999.

SCHIEBENGER, L. **O Feminismo mudou a ciência?** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SILVA, P. G. Grupos populares, gênero e valor família: marcas sociais e experiências femininas. TEIXEIRA; K. M. D.; SILVA, P. G. (Orgs.) **Tudo em família: textos, temáticas, discussões**. Viçosa: Ed. UFV, 2008.

SILVA, V. G. **O antropólogo e sua magia:** trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

VELHO, G. **Um antropólogo na cidade:** ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. **Individualismo e cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **A utopia urbana:** um estudo de antropologia social. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. **Projeto e metamorfose:** antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VIANNA, A. J. C.; MOURÃO, L. Ritual e permanência de meninas que jogam bola em instituição pública de lazer. In: ALMEIDA et al. (Orgs). **Política, lazer e formação.** Brasília: Thesaurus, 2010.

VENSON, A. M.; PEDRO, J. M. Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia. **História Oral**, v.15, n. 2, 2012.

## 6. CONCLUSÕES

As experiências no envelhecimento nos remetem ao título deste estudo, que apresenta o sabor “doce amargo” da velhice como metáfora dos prazeres e estigmas presentes na vida dos sujeitos que envelhecem. As relações estabelecidas por nossas interlocutoras expõem a complexidade, a polissemia e a diversidade dos modos de envelhecer na contemporaneidade.

Nesse sentido, a compreensão, mesmo que limitada, das trajetórias de vida das interlocutoras evidencia a relevância cultural das vivências corporais vivenciadas em grupo para esses sujeitos. O PVA se torna, nesse processo, um espaço de sociabilidade central para o encontro e o estabelecimento das redes de sociabilidade desses sujeitos.

Os projetos individuais, que até então eram construídos primordialmente por um projeto familiar, são dinamicamente alterados e mediados pelas sensações de prazer que tais relações sociais proporcionam. Não se pretende aqui negar os conflitos existentes no interior do grupo, mas compreender que até mesmo eles são propulsores dessas relações e dos encontros entre os sujeitos.

Quando pensamos as motivações para a continuidade dessas vivências corporais em grupo, apesar de todos os contratempos e processos contrários, fica claro que os laços de reciprocidade, sejam eles dentro ou fora do espaço do PVA, apresenta-se como motivação central para esse grupo.

Dessa forma, a PVA se apresenta também como lócus privilegiado para as relações geracionais vivenciadas por sujeitos em múltiplas unidades geracionais. Conflitos e partilhas são categorias marcantes e demonstram modos de subjetivação em que esses sujeitos vêm se constituindo constantemente.

As categorias “terceira idade” e “melhor idade”, presente no discurso institucional, expõe uma apropriação reflexiva do discurso gerontológico do envelhecimento ativo, que direciona as ações pedagógicas nesse contexto. Apesar da força simbólica desses discursos, tais classificações são construídas socialmente de forma arbitrária. Os conceitos, palavras e outros componentes discursivos devem ser historicamente situados, e seus aspectos transitórios, expostos.

Nessa trama cultural, aspectos simbólicos ligados ao cuidado de si emergem mediante os cuidados com a saúde, pelo investimento nos corpos para atenuar e ocultar

as marcas do envelhecimento que, segundo as interlocutoras, apresenta-se como momento complexo e propenso à experiência da solidão.

Os relatos de nossas interlocutoras expõem a complexidade, instabilidade e dinamismo das construções de gênero e das relações de poder no contexto do PVA. A construção de feminilidades passa pela adoção do PVA como espaço simbólico de sociabilidade do grupo, em que os homens idosos têm trânsito restrito, uma vez que são vistos como limitadores da “liberdade” e “autonomia” conquistada pelo grupo mulheres nesse espaço de sociabilidade.

Ao vivenciarem seus poderes em restringir a participação masculina tais mulheres reafirmam um projeto coletivo de busca de outras feminilidades que passa pela apropriação e gestão deste espaço público.

Nesse sentido, os aspectos generificados das vivências corporais são expostos cotidianamente na medida em que os homens idosos não concebem esse espaço como um local para vivência de suas masculinidades. Nosso interlocutor tenciona esse processo e aponta aspectos de sua trajetória de vida que o aproximam desse espaço de sociabilidade feminizado, apesar de sua participação ser permitida pelo grupo de mulheres.

O valor “família” ocupa centralidade simbólica nas trajetórias de vida dessas mulheres, expressa pelos cuidados com os integrantes do grupo familiar. Assim, diversas estratégias são colocadas em prática para gerir o paradoxo entre o espaço doméstico e a apropriação de espaços públicos de sociabilidade.

Um processo de empoderamento feminino é percebido à medida que ocorre uma reorganização da lógica privada a partir de seus desejos em permanecer no PVA. Campos simbólicos que pareciam ser contraditórios demonstram-se complementares na construção de feminilidades dessas mulheres.

Dessa forma, as categorias “geração” e “gênero” apresentam-se indissociáveis, sendo fecundas na compreensão das relações tecidas pelos sujeitos em uma determinada cultura. A apropriação dessa rede simbólica se faz necessária na busca da construção de propostas pedagógicas que deem protagonismo às experiências e relações dos sujeitos, ampliando uma visão funcionalista das vivências corporais que norteiam boa parte das intervenções nesse campo – o que suscita a emergente necessidade da ampliação dos estudos que busquem captar a complexidade das experiências sociais dos sujeitos idosos em seus espaços de sociabilidade.

## 7. ANEXOS

### ANEXO I

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP/UFJF

36036-900 JUIZ DE FORA - MG – BRASIL

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada (o), como voluntária (o), a participar da pesquisa: **O Doce Amargo Sabor do Envelhecimento: experiências corporais, geracionais e de gênero**. Este estudo pretende identificar e analisar as motivações para a permanência das alunas no Projeto Vida Ativa e as consequências dessa permanência em suas relações sociais.

O motivo que nos leva a estudar a temática é a percepção de lacunas existentes nas pesquisas sobre a inserção e permanência de mulheres em projetos de atividades física e como essas vivências impactam suas trajetórias de vidas.

Para esse estudo, será adotado o método qualitativo de observação participante de cunho etnográfico, que prevê a inserção do pesquisador no campo pesquisado. As técnicas de coleta de dados serão as entrevistas de grupo focal e individual.

Para participar desse estudo, você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em relação a qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, podendo retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. Sua participação é voluntária e sua recusa não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma como é atendido (a) pelo pesquisador.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Seu nome não será liberado sem prévia autorização.

Trata-se de um estudo com **risco mínimo**, ou seja, o mesmo risco que se tem em atividades rotineiras, como conversar, ler, caminhar, etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo, serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, \_\_\_\_\_,  
portador (a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_, fui informado (a) dos objetivos desse estudo de maneira clara e tive esclarecidas as minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido o qual pude ler a fim de esclarecer minhas dúvidas.

Juiz de Fora, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

---

Assinatura da Participante

Assinatura do Pesquisador

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

**Pesquisadores Responsáveis:**

Ludmila Mourão

Telefone: (21) 8169-8117

E-mail: ludmila.mourao@terra.com.br

João Paulo Fernandes Soares

Telefone: (32) 8812 8767

E-mail: joaopaulosoaresufjf@gmail.com

**CEP (Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos)**

Pró-Reitoria de Pesquisa – UFJF

Dias de atendimento: de segunda-feira às sextas-feiras.

Horário de Atendimento: de 9 h às 12 h, e de 13 h às 17 h.

E-mail: [cep.propesq@ufjf.edu.br](mailto:cep.propesq@ufjf.edu.br)

Telefone: (32) 2102-3788

Endereço: Universidade Federal de Juiz de Fora, Rua José Lourenço Kelmer, s/n - Campus Universitário, Bairro São Pedro - CEP: 36036-900 - Juiz de Fora – MG.

## ANEXO II

### ROTEIRO DE ENTREVISTA TEMÁTICA INDIVIDUAL ALUNAS PVA

Data da entrevista: \_\_\_/\_\_\_/ 2013

Horário da entrevista (início): \_\_\_ : \_\_\_

Horário da entrevista (término): \_\_\_ : \_\_\_

Nome:

Número do informante:

Data de nascimento:

Idade:

Telefone fixo:

Telefone celular:

Endereço:

Bairro:

Estado civil:

Tem filhos? ( ) sim ( ) não. Quantos?

Grau de escolaridade:

Profissão ou ocupação:

Tempo que está matriculada e frequente no PVA:

#### **BLOCO I: Motivações para a inserção e permanência no PELC / PVA e os desdobramentos nas relações sociais**

- 1) Há quanto tempo você frequenta as aulas de ginástica no PELC / PVA?
- 2) Conte-me o que o/a motivou a começar a participar do PELC / PVA.
- 3) Houve alguma dificuldade para sua entrada no PELC / PVA?
- 4) Como foi para você a transição do PELC para o PVA?
- 5) Quais são as maiores dificuldades e prazeres em permanecer frequente atualmente às aulas do PVA?
- 6) Você já havia feito exercícios físicos em alguma fase de sua vida?

#### **BLOCO II: Sociabilidade produzida no contexto do PVA a partir dos marcadores identitários: classe social, gênero e geração**

- 1) Fale de sua relação com as outras alunas do PVA. (Existem outros espaços de encontro fora do PVA? Foram feitas novas amizades?).
- 2) Fale de sua relação com a professora do PVA.
- 3) Fale de sua relação com os estagiários do PVA.
- 4) Eu percebo que o grupo é bem diversificado com relação à idade. O que você pensa sobre as diferenças de idade das alunas do PVA?
- 5) No PVA, existem 31 mulheres e 1 homem matriculados. Para você, por que existe uma diferença tão grande no número de mulheres e homens no PVA?
- 6) Você gostaria que existisse um número maior de homens matriculados no PVA?
- 7) O que o envelhecimento representa para você?

#### **BLOCO III: Relações de gênero, construção de feminilidades e empoderamento feminino.**

- 1) Como é sua relação com seus familiares?
- 2) O que sua família acha de você praticar exercícios físicos no PVA?
- 3) Como você organiza as tarefas domésticas e sua relação com os familiares para conseguir frequentar o PVA?
- 4) O que a participação no PVA representa na sua vida?
- 5) Para você, o que mudou na vida das mulheres na sociedade atual?

### ANEXO III

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA TEMÁTICA INDIVIDUAL PROFESSORA PVA

Data da entrevista: \_\_\_/\_\_\_/ 2013

Horário da entrevista (início): \_\_\_ : \_\_\_

Horário da entrevista (término): \_\_\_ : \_\_\_

Nome:

Número do informante:

Data de nascimento:

Idade:

Telefone fixo:

Telefone celular:

Endereço:

Bairro:

Profissão:

Tempo de profissão:

Cargo e função que desempenha no PVA:

Tempo que atua no PVA:

#### **BLOCO ÚNICO: Discursos que embasam as intervenções pedagógicas no contexto do PVA**

- 1) Como se deu o início de sua atuação profissional no PELC-PVA?
- 2) Como foi para você o processo de transição do PELC para o PVA?
- 3) Quais as alunas que estão no PVA vieram do PELC?
- 4) Em sua opinião, o que fez esse grupo permanecer no PVA?
- 5) Como foi a participação das idosas atendidas pelo PELC nessa transição?
- 6) Quantas alunas estão hoje matriculadas e presentes nas aulas do PVA?
- 7) Quais os motivos para trabalhar a ginástica, a dança e os exercícios de alongamento como os conteúdos eleitos para o trabalho com esse grupo?
- 8) O que você pensa da presença de pessoas de várias faixas etárias (gerações no PVA)?
- 9) Quais são os maiores prazeres presentes no seu trabalho no PVA?
- 10) Quais os problemas e limitações presentes no seu trabalho no PVA?
- 11) O que você diz sobre a presença de apenas um homem no PVA?
- 12) Você percebe algum tipo de conflito entre as alunas do PVA? (classe social, geração e gênero).
- 13) Para você, o que é envelhecimento?

## ANEXO IV

### ROTEIRO DE ENTREVISTA TEMÁTICA INDIVIDUAL ESTAGIÁRIA PVA

Data da entrevista: \_\_\_/\_\_\_/ 2013  
Horário da entrevista (início): \_\_\_ : \_\_\_  
Horário da entrevista (término): \_\_\_ : \_\_\_  
Nome:  
Número do informante:  
Data de nascimento:  
Idade:  
Telefone fixo:  
Telefone celular:  
Endereço:  
Bairro:  
Tempo de profissão (de curso):  
Cargo e função que desempenha no PVA:  
Tempo que atua no PVA:

#### **BLOCO I: Discursos que embasam as intervenções pedagógicas no contexto do PVA**

- 1) Como se deu o início de sua atuação profissional no PVA? Você já havia trabalhado com idosos antes?
- 2) Quais os motivos para trabalhar a dança e os exercícios de alongamento com esse grupo?
- 3) O que você pensa sobre as aulas de dança e quais as dificuldades encontradas no trabalho?
- 4) Gostaria que você falasse sobre o processo de planejamento das aulas de dança. Como é feita a escolha dos ritmos e das coreografias?
- 5) Eu noto que o número de alunas na aula de dança é menor. O que você pensa sobre isso? Quais seriam os motivos?

#### **BLOCO 2 – Relações geracionais e de gênero no PVA**

- 6) Fale sobre sua relação com as alunas do PVA.
- 7) Você percebe algum tipo de conflito entre as alunas do PVA? (classe social, geração e gênero).
- 8) Quais são os maiores prazeres presentes no seu trabalho com as idosas no PVA?
- 9) Quais os problemas e limitações presentes no seu trabalho no PVA?
- 10) O que você pensa da presença de pessoas de várias faixas etárias (gerações no PVA)?
- 11) Você é de uma geração diferente das alunas. Você acredita que isso interfira no seu trabalho com as alunas?
- 12) O que você diz sobre a presença de apenas um homem no PVA?
- 13) Em sua opinião, o que faz esse grupo permanecer há tanto tempo no PVA?
- 14) Para você, o que é envelhecimento?

## ANEXO V

### TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS TEMÁTICAS INDIVIDUAIS

#### TRANSCRIÇÃO: ENTREVISTA 1

**NOME: ANA PAULA – PROFESSORA PVA**

**IDADE: 42 ANOS - 1971**

**DATA: 30 / AGOSTO / 2013**

**HORÁRIO: 10h40**

**LOCAL: DIVISÃO DE ESPORTE DA PMU**

**JP – Ana Paula, como se deu o início da sua atuação no PELC e, depois, no Projeto Vida Ativa? Gostaria que você falasse um pouco sobre essa trajetória no início do projeto.**

**Ana Paula:** Eu ainda estava me graduando em Educação Física e participei do processo seletivo para atuar no PELC como agente. Comecei lá, no bairro Industrial, em 2010. A gente trabalhava não só com alongamento e atividades para a melhor idade, mas também com as atividades para crianças e, durante aquele ano de 2010, eu permaneci no PELC. Depois, o projeto teve seu término. Eu e um amigo trabalhávamos juntos e resolvemos manter a melhor idade, o alongamento e, na época, a dança também. Então, foi uma iniciativa nossa e delas também, porque elas contribuíaam às vezes com alguma coisa para o nosso transporte. Nós levamos o ano de 2011 todo assim, e depois é que passou a ser um projeto da Prefeitura.

**JP – Ana Paula, gostaria que você falasse um pouco sobre o processo de transição do PELC para o PVA.**

**Ana Paula:** Então, quando o PELC acabou, eu me lembro de que nós fomos, na tentativa, até na prefeitura, para tentar, com o prefeito, um projeto para manter a melhor idade. Era um grupo de várias pessoas, com um número grande de participantes e, na época, o prefeito nos atendeu e falou: “Olha, os objetivos desses projetos que vêm para a cidade é justamente implantar a ideia da atividade física na comunidade. Quando o projeto acaba, seria interessante para a comunidade se ela mesma mantivesse essa ideia e procurasse algum recurso”. Então, ele falou: “No momento, não tem, mas vamos ver para frente”. Quando eu saí dali e comuniquei para elas, elas mesmas tiveram a ideia: e se nós ajudássemos você com um valor de transporte para vocês continuarem vindo aqui três vezes na semana, dar aula pra gente e tal. Então, durante esse tempo, era dessa forma... Foi um pouco difícil, porque às vezes o valor que eles pagavam era mesmo do transporte. Então, quer dizer que era quase que a gente trabalhava como voluntário. Mas a satisfação de estar lá era o que fazia que a gente levantasse da cama e trabalhasse,

porque a gente recebia muito mais em troca, porque elas são super carinhosas... Elas te veem assim como uma pessoa importante na vida delas, por conta não só da atividade física, mas também pelo fato social, que muitas ali precisam desse contato, de estarem umas com as outras. Este período, nós seguramos dessa forma e o que me fez segurar esse tempo lá foi o fato do prazer, do amor que elas tinham por aquele momento que, para elas, significava muito. E quando você vê a resposta disso, a gente cresce como profissional.

**JP – Ana Paula, quantas e quais as alunas que estão hoje no PVA vieram do PELC?**

**Valéria:** Olha, temos um grupo de 7 alunas, e também o senhor Fernando, que vieram do PELC. Boa parte do grupo é novata, veio já no PVA. Estamos hoje com aproximadamente 32 alunas cadastradas.

**JP – Ana Paula, em sua opinião, o que fez com que esse grupo permanecesse unido e continuasse no PVA?**

**Ana Paula:** Olha, muitas ali, quando precisam faltar uma semana, se você pergunta, elas falam: “Nossa, senti falta demais, meu corpo sentiu falta, minha cabeça sentiu falta da atividade física. Então, eu acho que é isso, elas gostam, se sentem bem, já sentiram que a atividade física faz falta para elas. Mas o que eu escuto delas é que aquilo ali é uma terapia para elas... Aquele momento é uma terapia, é um momento em que elas saem de casa, é um momento em que elas encontram umas com as outras... Então, eu acho que essa parte é que fala bem alto.

**JP – O PVA surgiu e teve sua expansão. Ele está presente hoje em outros bairros, além do industrial?**

**Ana Paula:** Ele está em outros bairros – em mais 9 bairros, com grupos de melhor idade. Em alguns bairros nós fizemos uma parceria com os CRAS da cidade, então funciona dentro dos CRAS. Tem bairros que estão até com duas turmas, porque uma turma ficou muito cheia e tivemos que dividir.

**JP – Ana Paula, gostaria que você falasse um pouco dos motivos que a levaram a trabalhar a ginástica, os exercícios de alongamento e, depois, a incorporação da dança. Por que esses conteúdos foram escolhidos no trabalho do PVA?**

**Ana Paula:** Quando o PELC iniciou, ele já tinha dentro do cronograma dele as atividades para a melhor idade. Desde que eu comecei a faculdade, para mim, a melhor

idade sempre foi a menina dos meus olhos. Já entrei com aquela vontade imensa de desenvolver este trabalho com elas e encontrei o Guilherme, que dava aulas de dança e também focava muito na melhor idade, na dança para a melhor idade. Então, essa parceria deu certo. Eu, com o alongamento e a ginástica; ele, com a dança. Mas sempre gostei de trabalhar com a melhor idade, já entrei na faculdade com esse foco.

**JP – Ana Paula, outro ponto: eu vi nas observações que o PVA tem pessoas de várias faixas etárias. Gostaria que você falasse sobre a presença das mais variadas faixas etárias.**

**Ana Paula:** Ali tem pessoas na faixa dos 40, 50 anos. São mulheres que não têm tempo de ir para uma academia, trabalham muito e são da região. Assim, fica pertinho, e elas podem ir, é rápido e no período da manhã, bem cedinho e também é uma questão de ser gratuito, elas não têm que dispor de nenhum dinheiro pra fazer essa aula de ginástica... Por ser muito cedo, algumas nessa faixa etária conseguem ir, porque a maior parte está trabalhando e às vezes algumas saem dali às 7h50 para poder chegar no trabalho.

**JP – Existem pontos positivos, pois existem trocas entre elas, não é?**

**Ana Paula:** Sim... Na verdade, algumas pensam assim: é um alongamento para a melhor idade, mas tem pessoas mais novas também e eu tento colocar atividade pra elas de uma forma que atenda a todas: as de quarenta, as mais velhas, para ter essa integração entre elas.

**JP – Ana Paula, gostaria que você falasse sobre os maiores prazeres presentes no seu trabalho no PVA. O que te move para continuar atuando com esse grupo?**

**Ana Paula:** Esse grupo é o nascimento do Vida Ativa. Foi a partir dele que veio a ideia de colocar os alongamentos em outros bairros. Então, eu fico muito feliz de saber que, dentro do nosso município, hoje, tem dez bairros atendendo as pessoas com atividade física. Eram bairros que não tinham isso alguns anos atrás. Se hoje esse projeto, vamos supor, não tiver mais como ficar pela prefeitura ou por outro motivo, a comunidade ali, talvez, já tenha uma ideia de continuar de alguma forma, seja chamar uma pessoa, um educador físico e pagar um valor baixinho para manter mesmo as atividades físicas no bairro. Eu acho isso muito importante, mas prazer para mim é – como eu te falei – a menina dos meus olhos é a melhor idade e, porque eu sempre achei assim, eu percebi assim, como minha avó, as pessoas mais velhas chegavam numa certa idade e aposentavam ou ficavam sós dentro de casa, vendo uma televisão ou naquela expectativa de esperar um filho ou um parente buscar para dar uma voltinha. Eu sempre achei isso muito triste, porque a pessoa vai ficando mais velha, não quer dizer que ela não tenha condições de ir e vir, e uma aula dessas estimula não só aquele momento ali,

mas outros, porque a partir daquele momento ali elas começam também a ter grupos, combinam entre elas, até mesmo para ir a uma missa. Outro dia uma delas fez um café e chamou uma turma na casa dela. Uma fica às vezes com problema de saúde todas ali se unem para fazer uma visita. Tem festa no bairro e aquela comunicação é maior e, assim, o fator social para essa turma melhora demais.

**JP – Gostaria que você falasse de problemas e limitações no seu trabalho no PVA.**

**Ana Paula:** Em alguns bairros, os estagiários chegaram e começaram a dar uma aula de alongamento e ginástica muito forçada, meio pesada para a turma. Tanto que eu tive uma dificuldade com eles no início e tive de mostrar para eles que a aula tem que ser coletiva e que tem pessoas de várias idades. Eles têm que atender a todos. Então, você não pode passar para uma resistência maior, mesmo que alguma aluna lá tenha uma condição melhor: você tem que manter a aula para o foco da melhor idade. Eu tive que passar para eles alguns exercícios e pedir para tirar outros, para respeitar a individualidade deles, só que focando mais na melhor idade.

**JP – Ana Paula, o que eu pude notar através das observações no Projeto é que temos um homem, um único homem no núcleo do bairro Industrial. O que você sobre essa questão? Por que você acha que o número de homens se exercitando é tão pequeno? Você acha que é mais difícil trazer os homens para o Projeto?**

**Ana Paula:** É, é mais difícil sim. O homem às vezes acha que participar de uma aula dessa é coisa de mulher... Tem um pouco de machismo nisso, mas em outros bairros nós temos outros homens participantes. Ali, só temos um, que é o senhor Alaor, que vai com a esposa. A esposa às vezes não vai e ele vai... Ele não falta. Eu acho que é um pouco da cultura mesmo, de que alongamento é coisa só para mulher... Acho que é um pouco isso. Já nos CRAS, onde acontecem os alongamentos, nós temos mais homens. Eu acho que o trabalho do CRAS já é uma coisa que eles procuram também para outras questões, então fica mais fácil. Acho que é mesmo um pouco de machismo ainda, de achar: “eu sou o super-homem”.

**JP – Ana Paula, eu não sei bem se é dessa forma, mas o que eu pude observar é que, talvez, para elas também, não haver muitos homens seria interessante para elas terem mais liberdade. O que você acha?**

**Ana Paula:** Mais liberdade, com certeza... Elas ficam mais à vontade sim. O senhor Fernando mesmo, o dia que ele falta, elas falam uma gracinha e dizem: “Hoje a gente pode falar, o senhor Alaor não está ai...” Realmente acontece isso.

**JP – Você percebe algum tipo de conflito entre as alunas, com relação a alguma diferença que possa haver de classe social e de geração, das alunas mais jovens com as alunas mais velhas?**

**Ana Paula:** Não, não existe. Em questão de classe social, não vejo conflito nenhum. Elas se dão muito bem. Para falar a verdade, eu acho que ali elas se conhecem, então elas têm um respeito muito grande uma pela outra, em qualquer situação. Em agosto, nós perdemos uma aluna, que veio a falecer, então elas se juntaram e foram no velório e, antes do alongamento, uma sempre fala: “Vamos fazer uma oração pra dona Nadir”. Não acredito nem que, com relação à faixa etária; nesse grupo não acontece. Agora, já me relataram que em outros bairros existem conflitos. Nós temos alguns bairros que têm um público maior de alunas mais jovens, e tivemos que separar a turma por conta disso, porque algumas alunas mais velhas não estavam se sentindo bem com um grupo maior de pessoas mais jovens. Eu orientei a estagiária para separar as turmas... Então, tem duas turmas, uma mais cedo um pouquinho e outra depois, porque neste grupo realmente aconteceu isso. Já no grupo que vem desde a época do PELC, não vejo isso.

**JP – Ana Paula gostaria que você falasse sobre o que é envelhecimento para você?**

**Ana Paula:** Eu acho que, desde o dia em que nós nascemos, já começamos o processo de envelhecimento de nossa vida. A partir daí, já vamos a cada dia envelhecendo um pouquinho. Às vezes a gente pensa: “Ah, estou com dez anos, eu estou jovem, sim, estou jovem com dez anos, com dezoito nós estamos jovens”. Mas a cada dia que passa estamos no processo, estamos na direção do nosso envelhecimento. E eu acho que a gente tem que saber envelhecer. Tem muitas pessoas que tinham a ideia: envelhecer acabou minha vida e olham uma pessoa mais jovem e pensam: “Por que eu não posso voltar ao meu tempo? Eu queria ter essa idade”. Tem que colocar na cabeça das pessoas que toda idade tem a sua beleza. Não importa que seja quarenta, cinquenta, todos nós temos que passar por ela. Então, eu vejo o envelhecimento como uma vitória. Uma vitória, pois quantas pessoas não conseguem envelhecer e acabam com a vida, de uma forma ruim, às vezes por falta de cuidado ou por se envolver em questões de violência ou com drogas. Então, eu vejo isso, envelhecer pra mim é uma vitória.

**JP – Ana Paula, o roteiro de questões está encerrado. Eu queria apenas algumas informações sobre o PVA. Eu gostaria de saber sobre a estrutura do PVA, porque até quando eu comecei a investigar, nós tínhamos uma visão de que ele era restrito ao bairro Industrial e eu vi que ele se expandiu. Você teria essas informações para nos passar, sobre quais são os bairros, o número de estagiários e de pessoas que hoje estão matriculadas?**

**Ana Paula:** No Vida Ativa, hoje, nós temos em torno de 300 a 350 pessoas dentro do projeto. Estou te dando esse número porque pode ser que hoje já entre outra pessoa. Então é um número que varia. E os bairros, você quer anotar os bairros?

**JP = Queria sim, pode falar.**

**Ana Paula:** Temos o Industrial, o bairro Meu Sonho, que é próximo à Ponte Preta. Agrocerees. Bairro São João... Santa Edwiges... São Domingos... Eldorado... Temos na Praça Francisco Parma, que é próxima também ao Industrial, mas é uma turma à tarde... O Tanquinho – eu estou para fazer uma visita para observar por que não estamos conseguindo ter um público lá. Se é pela pessoa que está administrando ou se é pelo fato de estar funcionando dentro da escola. Assim, no Tanquinho estamos com uma interrogação... Estou esquecendo algum, João Paulo?

**JP – E os estagiários, hoje quantos trabalham no PVA?**

**Ana Paula:** No Industrial, é só a Camila.

**JP = Uma dúvida. O PELC, antes do PVA trabalhava com pessoas das mais variadas faixas etárias, e o Vida Ativa veio com foco no público de adultos e idosos. Então hoje, na divisão de esporte, esse é o projeto carro chefe?**

**Ana Paula:** É... Porque esse projeto é um projeto do município hoje. Tem outros projetos, mas os que vêm do Ministério do Esporte, como o Segundo Tempo, o Minas Olímpica. Mas, dentro do município, dentro do esporte e do lazer, o Rua de Lazer e CRAS na comunidade que funcionam aos finais de semana, cada dia num bairro. Mas agora, estão para entrar agora projetos de incentivo ao esporte de rendimento. Estão criando oficinas de esporte, que já estão em andamento também, que vão fazer parte agora um projeto de caminhada também, caminhada aos fins de semana. Tem um projeto para acontecer sábado ou domingo para reunir justamente os bairros que têm os alongamentos.

**JP – Há outro ponto que eu gostaria de perguntar. Você falou que o grupo de idosas que vieram do PECL e continuaram no PVA está em torno de sete pessoas. Dessas, você poderia elencar para mim um grupo de alunas que você diria: estas aqui eu acredito que têm muito a falar da história do PELC, da transição para o PVA. Estas aqui foram protagonistas na transição e exercem uma liderança no grupo. Você poderia identificá-las para que eu possa agendar as entrevistas?**

**Ana Paula:** Eu sei, às vezes o nome... o primeiro... sim, mas eu tenho ali a lista. Se você quiser eu pego e dou o nome para você. *(pausa de três minutos)*.

Então, vamos lá: a dona Leandra, a Bruna, a Renata, Mariana, a Adriana. O senhor Fernando também pode pôr neste grupo. A dona Fernanda faleceu em abril, ela também estava no grupo. Dos que eu me lembre, são esses.

**JP: Eu me recordo de duas alunas, inclusive eu estou com um CD que tenho que devolver a ela.**

**Ana Paula:** É a dona Leandra... Então, a dona Leandra está parada no alongamento esses dias por pedido médico, ela tá com algum problema de saúde... É uma pressão, mas o nome dela completo está aqui... Leandra Fernandes da Silva. Ela parou tem uns quinze dias que ela parou de ir. Agora ela até vai lá, dá uma voltinha, observa. Mas ainda não faz a aula.

**JP – Ana Paula, gostaria de agradecer muito por sua entrevista. Ela foi excelente e vai nos ajudar muito na pesquisa. Parabéns pelo trabalho no PVA.**

**Ana Paula:** Obrigada, é interessante falar que hoje o custo do Vida Ativa é o custo dos estagiários, já tem o estagiário da educação física e tem uns cinco, seis anos já que tem a bolsa para os estagiários. Então, quando eu percebi eu disse: olha, se eles podem estar na escola, se eu tirar duas horas deles por semana na escola, aquele que mora próximo ao São Domingos, aquele que mora próximo... Todos que tão ai dando aula nestes bairros é a maior parte deles e porque mora próximo do bairro. Então eles já conhecem um pouco as pessoas e, também é assim, é pertinho, não precisa ficar deslocando. Uma hora está na escola, outra hora está no alongamento... Assim, o custo já existia dentro do município, dentro da Prefeitura... Então, eu tirei, de cada um, duas horas da semana nas escolas... Esses que estão participando do projeto, eu passei a colocar no alongamento.

**JP – Houve recentemente uma alteração de Secretaria, correto? Você está saindo do Desenvolvimento Social e indo para a Educação?**

**Ana Paula:** É, agora nós estamos indo para a Educação... Agora é a Secretaria de Educação. Quando você começou, realmente nós estávamos no Desenvolvimento Social, mas agora estamos na Educação.

**JP: Muito obrigado pela sua entrevista. Eu espero poder contar novamente com sua ajuda no período das entrevistas, porque elas já a conhecem há mais tempo.**

**Ana Paula:** Às ordens. Nós podemos marcar com elas... Você quer entrevistar uma a uma ou vai reunir?

**JP:** Eu quero continuar observando as aulas, mas quero fazer as aulas também, porque eu acho que isso é importante. Eu quero agendar as entrevistas individuais, com calma, para que eu possa ter mais tempo para conhecê-las. Como eu ainda tenho um pequeno grau de intimidade com elas, quero ampliar isso antes das entrevistas.

**Valéria:** Esse trabalho seu vai até o fim do ano?

**JP:** Eu estou com a previsão de terminar a parte das entrevistas, no máximo, até outubro. Vou trabalhar nisso durante todo o mês de setembro. Já o trabalho, eu tenho até março do ano que vem para finalizá-lo.

**Ana Paula:** Em novembro, nós teremos uma confraternização do Vida Ativa, que vai reunir todos os bairros na AABB. Nós vamos montar atividades recreativas para elas. Então, é um evento interessante para você.

**JP – Eu posso finalizar as entrevistas e seguro a entrega para acompanhar o evento também.**

**Ana Paula:** O evento está marcado para o dia 28 de novembro, para fechar o ano... Depois passamos por um período de férias, porque os estagiários têm férias, então a gente finaliza com uma festinha para elas.

**JP – Ótimo, estarei lá. Novamente, obrigado.**

**Ana Paula:** De nada, João Paulo, disponha.

**FIM DA ENTREVISTA**

## **TRANSCRIÇÃO: ENTREVISTA 2**

**NOME: LEANDRA – ALUNA PVA**

**IDADE: 71 ANOS - 1942**

**DATA: 30 / SETEMBRO / 2013**

**HORÁRIO: 8:10**

**LOCAL: RESIDÊNCIA DA INTERLOCUTORA**

**JP – Dona Leandra, há quanto tempo a senhora frequenta as aulas de ginástica nos projetos, primeiro no PELC e depois no PVA?**

**Leandra -** Uns 4 a 5 anos.

**JP – Gostaria que a senhora me contasse o que a motivou a começar a participar do projeto de ginástica.**

**Leandra -** Algumas amigas me convidaram para ir e disseram que era muito bom. Daí, eu comecei e gostei, e continuo até hoje. No início, fomos eu e meu marido, só que ele arranhou um emprego e teve que parar de ir. Eu continuei até hoje.

**JP – Houve alguma dificuldade em sua entrada no projeto? A senhora teve que reorganizar alguma tarefa aqui na sua casa?**

**Leandra –** Não, eu levanto e saio mesmo. Eu gosto de participar.

**JP – Como foi para a senhora a mudança do PELC para o outro projeto, o PVA?**

**Leandra –** Nos primeiros dias, a gente achava meio diferente, pois o jeito de ensinar era diferente; mas, com o tempo, a gente se acostumou.

**JP – A professora foi sempre a Ana Paula?**

**Leandra –** Não, teve outras... Eu esqueci o nome da outra agora...

**JP = Não tem problema. Mas eu fiquei sabendo que teve uma época em que o projeto ficou parado, não foi? Conte como foi para a senhora.**

**Leandra –** Com a mudança de professor, muitas alunas pararam de vir e depois começaram novamente... Elas pensaram que não ia ter mais... Depois, foi aumentando o número de novo.

**JP – Eu fiquei sabendo que teve uma época em que vocês se organizaram pelo projeto, se uniram. Como foi esse período?**

**Leandra –** Foi na época em que acabou o contrato da professora. Mas nós não queríamos que parasse a aula, então cada um contribuiu um pouquinho, para ela continuar, até ela formalizar outro contrato.

**JP – Gostaria que a senhora falasse sobre os prazeres de continuar nas aulas do projeto. O que isso traz de bom na vida da senhora?**

**Leandra –** É bom para o físico da gente, e também porque a gente se encontra com as amigas, com as colegas. A gente gosta de uma prosa, de contar caso...

**JP – A senhora já tinha feito exercício físico em outra fase da sua vida, antes de participar do projeto?**

**Leandra –** Não, foi a primeira vez. O exercício que eu fazia quando era jovem era trabalhar na roça. Capinava, plantava, colhia... essa era minha atividade. Não tinha exercício, nem escola. Eu entrei na escola e fiquei lá só um ano e pouco. O meu pai me ensinou a escrever e ler alguma coisa, então eu já entrei no terceiro ano, e depois sai, porque não tinha mais como estudar. Já estava com quinze anos, fiquei trabalhando na roça. Depois eu me casei e vim para a cidade, onde estou até hoje. Vai fazer 50 anos em maio.

**JP – Eu gostaria que a senhora falasse sobre sua relação com as outras alunas do projeto. Como é a relação entre vocês: é boa ou tem discussões de vez em quando?**

**Leandra –** Não tem nada, somos todas amigas mesmo... Todas gostam de brincar uma com a outra. A gente passa umas horas agradáveis.

**JP – Gostaria que a senhora falasse sobre a relação com a professora do projeto.**

**Leandra –** Com ela também é a mesma relação. Não tem separação entre ela e as alunas.

**JP – E a relação com a estagiária, como é?**

**Leandra –** A relação com ela funciona muito bem. Essa estagiária dá aula de dança também. Mas a dança dela não serve pra nós, não. Ela é muito jovem, nós somos muito

idosos. Então, nós não temos o pique que ela tem... Aí fica difícil. Não dá pra acompanhar a aula de dança dela.

**JP – Outro fato que eu percebo é que o grupo é diversificado, tem pessoas de idades diferentes. O que a senhora pensa sobre essas diferenças.**

**Leandra** – Eu acho positivo, porque a gente deve começar desde cedo, e eu que não tive essa oportunidade.

**JP – E a relação com as mulheres mais jovens, como é?**

**Leandra** – É boa, é a mesma coisa.

**JP – Eu percebi que tem trinta e nove mulheres e apenas um homem matriculado. O que a senhora pensa sobre essa diferença tão grande na quantidade de homens e mulheres?**

**Leandra** – É porque tem homem que não gosta de se misturar com as mulheres... Eles têm vergonha. E outros trabalham; meu marido, por exemplo, trabalha. Ele tem 70 anos e continua trabalhando, no Núcleo do Câncer, como porteiro – serviço leve... Mas eu acho que os homens deveriam participar também, pelo mesmos aqueles que não trabalham mais fora...

**JP – As pessoas às vezes pensam que quem se aposentou deixa de trabalhar. Não é bem assim...**

**Leandra** – Mas a aposentaria de hoje não dá... Ele se aposentou com dois salários, mas hoje ele não recebe mais do que um... Vai perdendo o valor, e a gente vai ficando mais idoso, vai precisando mais de um remédio... E pra aguentar tem que trabalhar.

**JP – Para a senhora, o que é o envelhecimento?**

**Leandra** – Enquanto a gente está com saúde, está muito bom... É melhor envelhecer, ficar velha e idosa do que morrer cedo igual a muitos jovens que estão morrendo aí, não chegam nem na metade do que eu estou.

**JP – Para a senhora, o que tem de mais positivo e negativo no envelhecimento?**

**Leandra** – Cada dia que passa é um dia de vida que não volta mais. A saúde é uma das coisas positivas. Envelhecer com saúde é muito bom... Agora, se ficar inválido... eu prefiro a morte. É porque eu sei que a gente fica sofrendo e também sofre quem está tomando conta.

**JP – Os seus filhos moram aqui a senhora?**

**Leandra** – Não, nenhum mora aqui, não. Eles moram aqui perto.

**JP – Dona Leandra, gostaria que a senhora falasse de sua relação com seus familiares.**

**Leandra** – O pessoal está sempre aqui. Toda semana eles vêm, e os netos também. Eu considero minhas noras e genros como filhos. A família cresceu, eu tenho cinco netos, tenho netos casados, tenho uma neta também, que já está com 27 anos, o Alison tem 22, Rafael, 18 e tenho uma neta com 2 anos.

**JP – O que a sua família acha de a senhora praticar exercício no Projeto?**

**Leandra** – Eles acham que é muito bom. porque eu faço exercício e não sinto dor nenhuma, graças a Deus. Só que agente não tem mais aquele pique, aquela esperteza que tinha antigamente. Isso vai acabando com o tempo, mesmo com saúde.

**JP – Como a senhora organiza suas tarefas domésticas e suas obrigações para frequentar o projeto?**

**Leandra** – É tranquilo, o dia todo eu fico só aqui, e eu arrumo minha casa, eu lavo minha roupa, eu faço tudo sozinha. Vou organizando, primeiro eu faço o almoço, depois eu vou cuidar de arrumar a casa, lavar uma roupa. O almoço tem que ser na hora certa, porque meu marido vem almoçar. Meu filho também almoça aqui, porque a esposa dele trabalha fora.

**JP – Gostaria que a senhora falasse sobre o que significa na sua vida participar do projeto. O que mudou na sua vida, ao começar a participar do projeto?**

**Leandra** – A saúde... Antes de eu entrar nesse projeto, eu fazia caminhada. Acho que por isso eu estou em pé até hoje (risos).

**JP – Na visão da senhora, o que mudou na vida das mulheres idosas em nossa sociedade? Existem ainda preconceitos?**

**Leandra** – Eu acho que as mulheres deveriam participar, porque é muito bom para a saúde e a gente aprende a viver. Mas tem muita gente que tem preconceito, que fala que a gente não está se comportando bem porque está saindo, dançando, pulando... Tem muito preconceito. Eles falam: “Não sei pra que essas velhas estão indo dançar e pular...” Nas danças de hoje tem que requebrar, rebolar, essas coisas, que não são do nosso tempo. Por isso é que eu falo que a dança da estagiária é mais para jovens, não é para idosos como nós. Na hora da dança fica pouca gente, vai tudo embora, por causa do tipo de dança dela.

**JP – Esses preconceitos geralmente vêm de pessoas mais velhas ou mais jovens?**

**Leandra** – Varia. Tem senhoras mais jovens que eu, que gostam também das músicas antigas. Elas não gostam dessas músicas de hoje, modernas.

**JP – As pessoas costumam se encontrar depois do horário do projeto para fazer alguma coisa juntas? Alguma festa, algum encontro para comer algo?**

**Leandra** – Todo ano a gente faz uma confraternização. Quando é aniversário da professora, a gente também faz alguma coisa. Costumamos fazer de duas a três vezes no ano e cada um participa com um prato.

**JP – Fora do projeto, o que a senhora pensa sobre os preconceitos com as pessoas idosas? A senhora acha que está mudando alguma coisa?**

**Leandra** – Eu acho que está mudando um pouco, mas ainda existe muito. Tem muitas pessoas que ainda maltratam os idosos. Mas também tem aqueles que são muito educados com os idosos.

**JP – Dona Leandra, para encerrar, gostaria que a senhora falasse por que acha que o pessoal está há tanto tempo no projeto de ginástica?**

**Leandra** – Eles estão se sentindo bem, como eu. Estão gostando, estão se sentindo bem de saúde. A questão das amizades ajuda, também. Eu conheci tanta gente ali depois que eu entrei... Quando tem eventos nas praças, a gente vai junto com outros grupos, ganha mais conhecimento. É muito bom.

**JP – Gostaria de agradecer a entrevista.**

**Leandra – De nada meu filho.**

**FIM DA ENTREVISTA**

### **TRANSCRIÇÃO: ENTREVISTA 3**

**NOME: FERNANDO – ALUNO PVA**

**IDADE: 73 ANOS - 1940**

**DATA: 16 / OUTUBRO / 2013**

**HORÁRIO: 8h00**

**LOCAL: SALA DE MATERIAIS DO PVA – CAMPO DO CLUBE INDUSTRIAL**

**JP – Senhor Fernando, há quanto tempo o senhor participa do projeto de ginástica?**

**Fernando** – Desde quando começou. Eu não me lembro muito bem, mas acho que tem uns 5 a 6 anos. Foi desde que começou.

**JP – Gostaria que o senhor me falasse o que o motivou a entrar no projeto de ginástica.**

**Fernando** – Por causa da idade, eu comecei a fazer umas caminhadas. Foi assim que começou. Aí apareceu esse alongamento, e disseram que era bom para a saúde da gente. Para mim foi bom... A pressão controlou.

**JP – Houve alguma dificuldade na entrada do senhor no projeto?**

**Fernando** – É, de vez em quando me dá uma vontade de parar, mas depois “apanhei” gosto.

**JP – O senhor entrou em outro projeto, no PELC. Como foi para o senhor essa transição entre o PELC e o PVA?**

**Fernando** – A gente já estava entrosado com os meninos, e não foi difícil não, graças a Deus. Teve uma época que ficaram as meninas do posto, até que vieram outras pessoas. A gente continuou a fazer os alongamentos. Foi uma época meio difícil, porque não tinha o professor.

**JP – Quais são as maiores dificuldades para o senhor permanecer no projeto hoje?**

**Fernando** – Tem dia que a gente fica meio desanimado mas a gente continua.

**JP – Para o senhor, quais são os maiores prazeres em continuar aqui no projeto?**

**Fernando** – É o contato com os colegas. É uma gente muito boa, que anima a gente a continuar.

**JP – O senhor já tinha feito exercício em outra época da sua vida?**

**Fernando –** Não, nunca fiz... Eu jogava bola, mas não era igual aqui, não.

**JP – Gostaria que o senhor falasse sobre sua relação com as outras alunas. Fora daqui, o pessoal costuma se encontrar?**

**Fernando –** Não, é só aqui mesmo... Às vezes a gente se encontra na rua, mas é só isso.

**JP – E a relação com a professora, como é?**

**Fernando –** Muito boa. Boa demais.

**JP – Eu percebo que o grupo é bem diferente com relação à idade. O que o senhor acha disso? Esse fato interfere de alguma forma na relação entre vocês?**

**Fernando –** Não, não tem nenhuma diferença, não. É normal, não faz diferença.

**JP – Senhor Fernando, eu notei que aqui, no núcleo do Bairro Industrial do projeto, temos 31 mulheres e só o senhor de homem. Por que o senhor acha que essa diferença é tão grande e não temos mais homens matriculados?**

**Fernando –** Não sei bem por que os homens não vêm... De repente é porque tem muita mulher aqui... Eu, mesmo, sempre trabalhei no meio de mulher e eu acostumei... Eu trabalhava em escola, e lá só tinha mulher, e só eu de homem... Eu fui acostumando... Eu trabalhei 30 anos na escola.

**JP – O senhor gostaria que tivesse um número maior de homens matriculados?**

**Fernando –** Seria bom... Mas não adianta, eles não vêm.

**JP – O senhor me falou que tem uma filha. Gostaria que o senhor falasse como é a sua relação com seus familiares?**

**Fernando –** Boa demais... O que sinto é que ela se preocupa muito com a gente. Acho que se preocupar demais não é bom...

**JP – O senhor tem netos?**

**Fernando –** Não, ela é solteira.

**JP – O que a sua família acha do senhor praticar exercícios aqui no Projeto?**

**Fernando** – Eles acham que é bom... Eu finjo que esqueço, e ela diz: “Olha lá, pai, hoje é dia de ir...”.

**JP – O senhor tem que organizar seu horário em casa para participar do projeto?**

**Fernando** – Esse horário que já deixo livre mesmo. Eu trabalho em casa quando minha mulher pega encomenda de almoço e eu ajudo. Ela coloca pra assar e eu ajudo.

**JP – Gostaria que o senhor falasse o que a participação no projeto de ginástica representa na vida do senhor.**

**Fernando** – Pra mim representa tudo... Amizade, é bom pra saúde... Pra mim tudo é bom demais.

**JP – O senhor acha que mudou algo na vida das pessoas idosas no Brasil?**

**Fernando** – Mudou sim. Agora o pessoal está respeitando mais. Mas ainda tem gente que não respeita.

**JP – O que o senhor acha que faz com que o pessoal esteja aqui no projeto há tanto tempo?**

**Fernando** – Acho que a amizade, a convivência, é isso que faz agente continuar. E porque é bom pra saúde.

**JP – Agora que acabou a aula de ginástica, está acontecendo a aula de dança lá embaixo. O senhor não participa dessa aula?**

**Fernando** – Eu não participo, não levo jeito para dançar, não... Nunca gostei de dança...

**JP – O senhor nunca participou?**

**Fernando** – Eu já participei, mas parei. Quando era com o Guilherme, as músicas eram melhores... Essas daí “não dá”, não são da nossa época.

**JP – Senhor Fernando, gostaria que o senhor falasse o que é o envelhecimento para o senhor.**

**Fernando** – Eu estou me sentindo normal, feliz por estar com saúde. Quantos já se foram antes de mim, e eu estou aqui, com saúde, graças a Deus.

**FIM DA ENTREVISTA**

## **TRANSCRIÇÃO: ENTREVISTA 4**

**NOME: BRUNA – ALUNA PVA**

**IDADE: 70 ANOS - 1943**

**DATA: 16 / OUTUBRO / 2013**

**HORÁRIO: 8h30**

**LOCAL: SALA DE MATERIAIS DO PVA – CAMPO DO CLUBE INDUSTRIAL**

**JP - Dona Bruna, há quanto tempo a senhora frequenta as aulas de ginástica nos projetos, primeiro no PELC e depois no PVA?**

**Bruna** – Deve ter... muito tempo mesmo. Foi desde a época em que começou aqui no campo do Industrial, deve ter uns 6 a 7 anos. Já passaram muitos professores por aqui. Já passou o Vinícius... Já passou o Guilherme. Já passou uma outra moça – eu não me lembro do nome dela –, que trabalhou no Santa Bernadete... Eu comecei aqui e continuo, porque eu tenho problema de osteoporose. Sentia muita dor, e depois que eu comecei a fazer exercício melhorei muito, por isso eu estou continuando.

**JP – O que motivou a senhora a começar a participar do projeto?**

**Bruna** – Foi o problema de saúde e o problema de ficar muito sozinha também... Aqui a gente sempre encontra com alguém... É bom...

**JP – O marido da senhora está aposentado ou ainda trabalha?**

**Bruna** – Ele está aposentado, mas vai para a roça todo dia.

**JP – Houve alguma dificuldade em sua entrada no projeto de ginástica?**

**Bruna** - Não, eles só me pediram o atestado médico. Eu trouxe e comecei.

**JP – Gostaria que a senhora falasse como foi passar do PELC para o PVA? Como foi essa época de mudança?**

**Bruna** – Eu acho que agora está melhor... Eu acho que os exercícios agora são melhores. Na época em que eu comecei aqui, eram as meninas do posto de saúde que davam aula. Elas faziam os exercícios com a gente, só que eram mais fracas. Agora o exercício é melhor.

**JP – Depois dessa época, a Ana Paula entrou para o projeto. Como foi aquela época em que vocês ficaram sem professor?**

**Bruna** – Vinham algumas meninas, que ficavam lá na frente marcando os exercícios pra gente. Eram as meninas do próprio grupo que davam aula, para a gente não parar. A gente esperou até voltarem os professores. Quando um professor saía, a gente ficava uns dois, três meses sem professor. Teve uma época que ficou o fim do ano todo, e a gente continuou ali. Daí a pouco apareceu a Valéria, que já tá com a gente há um bom tempo.

**JP** – **Essa época em que vocês assumiram as aulas durou muito tempo?**

**Bruna** – Eu acho que durou quase um ano. A gente vinha, caminhava e fazia, mas as meninas do posto sempre davam assistência... Não deixamos acabar: quando elas não vinham, a gente mesmo fazia... E quando era folga de professor, a gente vinha e fazia também.

**JP** – **Gostaria que a senhora falasse se existe alguma dificuldade em continuar no projeto de ginástica.**

**Bruna** – Pra mim não tem dificuldade, não. Eu levanto e venho. Eu moro muito pertinho daqui, e eu gosto de vir aqui.

**JP** - **Gostaria que a senhora falasse sobre os prazeres de continuar nas aulas do projeto?**

**Bruna** – A gente encontra com as colegas, conversa. Uma hora que a gente passa assim, a gente desliga da casa da gente, do dia a dia, da rotina. Eu acho que o importante pra gente é isso... Só de vir aqui e conversar um pouquinho... Se a gente está com a cabeça ruim, a gente melhora... É isso. A gente tem muito mais saúde quando faz o exercício. Veja aquela senhora, de cabeça branquinha... Ela chegou aqui andando de bengala, com a filha segurando o braço dela. Agora ela faz todos os exercícios. Ela é um exemplo pra gente, ela tem mais de oitenta anos e é exemplo, ela não falha. Ela só não participa da dança, mas você pode prestar atenção na ginástica que ela faz todos os exercícios. Ela chegou aqui andando com uma bengalinha, e não estava conseguindo nem andar direito. Hoje em dia, ela caminha sozinha de um lado para outro aqui, enquanto a Valéria não vem, e participa. É muito bom exemplo.

**JP** – **A senhora já havia feito exercícios em outra fase de sua vida?**

**Bruna** – Eu fazia hidroginástica na época que o médico mandou fazer, lá na Praça de Esportes.

**JP** – **Mas, antes, em outra fase da vida, a senhora já havia feito exercícios?**

**Bruna** – Não, nunca. Minha vida de mocinha foi só trabalhar... E depois casei, muito nova. Quando ainda estava com minha mãe, eu trabalhava na roça em serviço de casa...

Depois, me puseram em casa de família para trabalhar. Então, eu não tive tempo para ir à aula, eu não estudei... Eu leio hoje, graças a Deus, e assino meu nome, mas aprendi sozinha. Eu não tive oportunidade... Mas isso aí faz muita falta pra gente... E não tive coragem de ir à aula depois de velha, porque eu ficava com vergonha. Poderia ter ido... É um incentivo também procurar uma escola agora, depois de adulto, sair de casa, mas eu nunca tive coragem. Eu sempre tive vontade de saber ler e escrever, porque, se você sabe escrever, você passa um bilheteinho pra alguém, manda uma mensagem, mas eu não aprendi, não. Não tive essa oportunidade.

**JP – Gostaria que a senhora falasse de sua relação com as outras alunas. Como é essa relação? O pessoal se encontra em outros locais fora das aulas?**

**Bruna** – Eu me encontro com algumas alunas que até já se afastaram... Tem uma reunião que eu vou toda segunda feira, das legionárias. Muitas já se afastaram daqui. Agora eu também estou indo pra hidroginástica e ficando até mais tarde... Eu tenho contato com elas. A relação com as outras alunas é boa. Ninguém nunca criticou ninguém, todo mundo é amigo... A gente sempre encontra todo mundo alegre... É bom mesmo.

**JP – Como é a relação com a professora Ana Paula?**

**Bruna** – A Ana Paula toda vida foi muito boa, muito amiga da gente. Dá muita atenção pra todo mundo, não separa ninguém. A gente vê que ela trata todo mundo de um jeito só. Ela é uma excelente professora.

**JP – Dona Bruna, eu percebi que o grupo é bem diversificado e, com relação a idade, tem mulheres mais jovens e mais velhas. A senhora percebe algum conflito ou diferenciação por conta da idade das alunas?**

**Bruna** – Aqui eu acho que todo mundo é igual. Para mim, não tem diferença, não. Convivo tanto com as mais novas quanto com as mais velhas. É uma relação boa.

**JP – Outro ponto que eu notei é que temos 31 mulheres matriculadas e só 1 homem, o senhor Fernando. Por que a senhora acha que tem uma diferença tão grande no número de homens e mulheres no projeto?**

**Bruna** – O senhor Fernando está sempre aí com a gente. Mas eu acho que os homens são muito machistas, eles não concordam em fazer exercício no meio de uma turma de mulheres. Mas o senhor Fernando não tem esse preconceito, ele está sempre ali com a gente, se precisar de uma ajuda pra fazer alguma coisa. Teve uma época em que a

tomada era muito alta para a menina ligar o som, e era ele que ligava o som pra gente. Ele era o altão da turma... Ele nunca teve preconceito e sempre vem com a esposa também. Eu acho que os homens têm um pouquinho de vergonha de participar junto com a gente.

**JP – A senhora acha que, por ter mais mulheres, vocês têm mais liberdade no projeto?**

**Bruna** – Sim, a gente fica com mais liberdade. Se tivesse muito homem no meio, não ia ficar tão bom, mas nunca teve muito homem.

**JP – A senhora gostaria que tivesse um número maior de homens matriculados?**

**Bruna** – Para mim tanto faz. Eu chego e fico no meu canto. Eu quero fazer meu exercício.

**JP – O senhor Fernando participa normalmente de todos os exercícios ou tem alguns que ele não faz?**

**Bruna** – Ele participa normalmente e sempre é muito atencioso e muito respeitoso. Fica sempre no cantinho dele lá, calado. Mesmo quando as mulheres soltam alguma piadinha, ele fica “na dele”.

**JP – Dona Bruna, para a senhora, o que é o envelhecimento?**

**Bruna** – A gente não pode se entregar muito. Tem que estar sempre procurando alguma coisa pra fazer, porque se a gente se entregar e ficar quietinha dentro de casa, quem vai ficar na solidão é a gente... Eu já me sinto assim, mais solitária, porque não gosto muito de sair, então eu me sinto solitária. A gente vai envelhecendo e vai sentindo que vai ficando mais sozinho.

**JP – Gostaria que a senhora falasse como é a sua relação com seus familiares.**

**Bruna** – Graças a Deus, é uma relação boa. Eu tenho oito filhos, eram nove, mas agora só tenho oito. A minha relação com eles é muito boa, são muito amigos. Hoje, nenhum deles mora na minha casa. Tem um que mora em uma casa acima da minha e os outros moram fora. Graças a Deus, minha família é uma maravilha. Domingo estão todos lá em casa.

**JP – O que os seus familiares acham da senhora participar do projeto?**

**Bruna** – Eles apoiam, falam que eu não devo parar... Se eu estou bem, é por causa disso. Eu tenho 70, mas eu não tomo remédio nenhum ainda, graças a Deus.

**JP – Como a senhora organiza suas tarefas em casa para poder participar do projeto?**

**Bruna** – Ultimamente, eu faço assim: deu a hora de eu fazer meu exercício, eu venho. Quando volto, eu faço o que eu dou conta. Se eu me canso, eu deito (risos). Eu organizo meu tempo. Luiz, meu marido, vai todo dia cedo pra roça... Ele já leva o almoço dele e eu não tenho preocupação com almoço pra ele. Faço só pra mim, mesmo. Graças a Deus, minha vida é tranquila mesmo. Eu mesma cuido do meu serviço. Eu não pago a ninguém para me ajudar. Eu tenho tanquinho, mas eu tenho que fazer exercício para meus braços ainda, porque eu sei que eu tenho meus ossos fracos. Se eu não fizer exercício, daqui a uns dias eu estou parada.

**JP - O que a participação no projeto, se exercitar no projeto, representa na vida da senhora?**

**Bruna** – Mudou pra melhor. Eu gosto mesmo de vir aqui. Melhorou muito, eu melhorei muito. Eu tinha medo de atravessar a rua, porque eu tinha muita dificuldade e não tinha confiança nas pernas. Está sendo uma maravilha...

**JP – O que a senhora acha que mudou com relação às mulheres idosas na nossa sociedade?**

**Bruna** – Eu acho que melhorou... Mas podiam fazer mais aqui pra gente, no nosso bairro. Por exemplo, se tivesse uma piscina pra o pessoal fazer uma hidroginástica, ia ser bom. Aqui no nosso bairro não tem nada pra gente. Se a gente quiser, tem que ir lá na cidade. Tem que pagar caro pra ir. Aqui é um bairro mais afastado. Eu gostaria que a prefeitura pusesse uma piscina aqui pra gente, porque poderia melhorar a situação de todo mundo.

**FIM DA ENTREVISTA**

## **TRANSCRIÇÃO - ENTREVISTA 5**

**NOME: CAMILA – ESTAGIÁRIA PVA**

**IDADE: 20 ANOS - 1993**

**DATA: 18 / OUTUBRO / 2013**

**HORÁRIO: 8h50**

**LOCAL: ARQUIBANCADA – CAMPO DO CLUBE INDUSTRIAL**

**JP – Camila gostaria que você expusesse como se deu o início de sua atuação no PVA. Você já havia trabalhado com pessoas idosas antes?**

**Camila** – Com idosos, não, mas com empresa. Eu trabalhei no SESI primeiramente. Meu primeiro estágio foi no SESI, trabalhando com um público de fábrica; trabalhei como secretária dentro da fábrica também. Primeiramente, com oitenta pessoas, só que foi aumentando, foi a cento e dez e chegou a duzentas pessoas para fazer o alongamento da ginástica laboral. Depois do SESI, eu consegui o estágio na prefeitura, fiz o concurso, passei e consegui a vaga. Comecei primeiramente na escolinha e depois foram me colocando dentro do alongamento. Agora eu consigo dar aula lá no CRAS, no bairro São João, e estou dando aula aqui também para idosos.

**JP – Há quanto tempo você está trabalhando com os grupos de idosos?**

**Camila** – Com os idosos, desde setembro do ano passado.

**JP – Quais os motivos para a escolha da dança, do alongamento e da ginástica para serem trabalhados com esses grupos?**

**Camila** – Foi o foco no que eles mais gostam. Optei pela dança, porque muitas pessoas lá gostam – forró, axé –, umas para poderem emagrecer, praticar atividade física e tudo. O alongamento, porque eu já trabalhava no projeto. A Valéria juntou as duas partes e me colocou lá, porque eu já tinha uma vivência.

**JP – Gostaria que você falasse das dificuldades encontradas no trabalho com a dança, quando você compara o seu trabalho nos dois núcleos, o São João e o Industrial.**

**Camila** – A coordenação motora é muito mais lenta, é óbvio, pois com o tempo vai passando a coordenação, vai tendo um déficit, mas também a atenção, que tem vários estímulos, principalmente aqui. Às vezes eu estou dançando e eles estão olhando para outro lado... Lá no CRAS, como o ambiente é fechado, a dança apresenta uma concentração bem melhor que aqui, mas lá também tem esse problema de coordenação,

mas não de atenção sabe... Já tem uma evolução lá, aqui eu estou começando; lá é “melhorzinho”, e aqui está começando a melhorar.

**JP – Gostaria que você falasse sobre o seu planejamento. Como são feitas as escolhas de ritmos, movimentos, coreografias?**

**Camila** – As músicas sou eu mesma quem escolhe. Lá no CRAS, eu tenho um tipo de plano de aula; aqui, eu tenho outro tipo de plano de aula. Lá tem tanto terceira idade como meia idade. Aí eu diferencio: a primeira turma é a terceira idade e a segunda turma é a meia idade. Com a terceira idade, eu foco muito no forró, porque sempre pedem o forró; já a meia idade faz ginástica aeróbica, um axé, uma aula mais movimentada, porque elas falam que gostam de suar. Eu dou umas atividades para elas lá; aqui é mais movimentos repetidos. Lá eu posso variar os movimentos, porque elas gostam de movimento; aqui, não, aqui é mais repetição de movimentos. Quando mais movimentos repetidos para elas aqui, melhor. Elas gostam demais do forró. Agora eu estou buscando outros tipos de dança. Elas estão “mais pra lá do que pra cá”, mas estão aceitando aos poucos. Algumas já estão dançando, é só colocar a música e elas já começam a dançar, porque já sabem o ritmo... Mas é tranquilo.

**JP – Durante as observações das aulas, eu noto que o número de alunas diminui bastante da aula de ginástica para a aula de dança, que vem logo a seguir. Por que você acha que acontece essa diminuição do público?**

**Camila** – Muitas aqui falam que é porque trabalham, e eu sei que trabalham mesmo, por fora. O trabalho doméstico, cuidar de criança... Já outras dizem assim: “Eu não consigo pegar o mesmo ritmo, então eu não vou participar”. Enquanto elas estão movimentando os braços para cima, eu estou pensando na perna ainda, então eu não vou nem fazer. Ai quando eu busco o forró ai vem aquela tropa pra poder fazer o forró do dois pra lá dois pra cá. E, mesmo assim, se eu for fazer o forró e quiser ensinar uns passos diferentes, elas já não querem o passo, elas querem dançar o forró do jeito delas, sabe... Mas um dos motivos para não vir é por causa do foco do trabalho. Elas têm horário marcado, e antes até de começar a aula, elas já falam, e também por motivo de não conseguir acompanhar. Elas ficam se sentindo excluídas, por mais que eu tente buscar e fique até do lado da pessoa. Eu me esforço, mas não dá, porque eu tenho que ficar na frente delas também.

**JP = Gostaria que você falasse sobre sua relação com as alunas do bairro Industrial.**

**Camila** - No início foi bem difícil, porque todo mundo estranha uma professora novinha. Elas diziam: “É muito novinha, não vai dar certo”. Aí, o tempo foi passando e

eu fui buscando novos estilos de música para dar aula de dança. Deu uma briga danada, porque eu queria mostrar outros tipos de dança que não fosse só o forró, e elas brigaram comigo, falaram que não era para mudar, porque elas estavam acostumadas com outro professor que só trabalhava o forró. Eu não, eu estou buscando outros estilos de música, não só forró, porque forró elas já sabem, outros estilos de músicas que elas não sabem, mas também não tirando o forró. Eu não tiro. Aqui eu sempre dou as aulas com as mesmas músicas para poder sempre trabalhar a mesma coordenação motora até eu ver que melhorou. Ai eu mudo as músicas para trabalhar com outros estilos, sempre monto dessa forma. Sobre a companhia delas, é como eu falei: conforme o tempo foi passando, elas foram abrindo o rosto, foram me conhecendo e agora está supertranquilo, elas brincam comigo, falam assim: “Juízo, hein, quando for voltar para casa. É pra casa, hein... Tô de olho...” (risos). É assim a relação, bem legal.

**JP - Você consegue perceber algum conflito entre as alunas aqui no PVA, em termos de diferenças de classe social e geração?**

**Camila** – É tranquilo, é bem tranquilo. Aqui tem meia idade e terceira idade, e é supertranquilo.

**JP – Tem alguma diferença do outro bairro em que você trabalha?**

**Camila** – Tem sim, tem bastante, porque a segunda turma tem um pouco de terceira idade, tem assim, umas cinco alunas de terceira idade, e o resto é tudo de meia idade. A mais nova tem dezoito anos. Tem exercícios que dá para todo mundo fazer, que é possível adaptar para todo mundo. Mas, como a terceira idade tem uma dificuldade maior, no caso da idade também, eu estou sempre ali perto e vejo o cansaço quando elas executam o movimento, e eu falo assim: “Vão descansar”. Aí tem que ter um tempo para ver que chegou no normal dela, eu vou lá e pergunto. Eu converso muito para saber como é que está a terceira idade, não deixando a meia idade de lado também, mas dá muito conflito, porque a meia idade fala: “Eu estou perdendo tempo, não tá dando aula e tá conversando”. Não, eu não estou conversando, eu estou dando orientação, vendo como está a pessoa, porque eu não posso dar aula só para elas, sendo que a terceira idade está “morrendo” ali do lado. Então, fica sempre aquele conflito... Lá é muito mais tenso, ou eu forço a barra ali. É bem difícil, eu passo aperto lá no CRAS.

**JP – Gostaria que você falasse sobre os maiores prazeres presentes no seu trabalho junto ao grupo de alunas do PVA. O que lhe traz satisfação no trabalho?**

**Camila** – Nossa, elas são muito carinhosas. Elas me tratam como se eu fosse filha, sabe? O carinho, o afeto, o valor que elas têm sobre o professor, a professora... Acabei fazendo amizade com o pessoal de lá. Eles me veem na rua e falam: “Oi, professora! Oi, tia!” Mesmo sendo da terceira idade, algumas me chamam de tia por brincar, sempre ficam brincando na sala de aula. Então, foi bem interessante, não só por trabalhar, mas

também fiz muitas amizades lá, é muito legal. Por exemplo, uma vez eu passei mal, muito mal, eu quase desmaiei na aula, porque saí de casa com pressa e nem tomei café, e fui correndo para lá, porque eu estava atrasada. Chegando lá eu fiz a aula, era uma aula de dança, eu passei mal, minha pressão baixou, ficou muito baixa, eu fiquei mais branca do que eu já sou. Daí elas foram correndo ao segundo andar e pegaram suco, café, leite, biscoito, banana e foram colocando tudo “encima de mim”. Eu disse que não queria comer, porque eu estava enjoada, sabe? Me levaram ao posto de saúde, ligaram pro meu pai, pegaram meu celular e procuraram o número do meu pai e falaram com ele. Ele me buscou. Depois me ligaram perguntando como é que eu estava. Nesse dia eu até faltei na escolinha. Eu disse a mesma coisa, que eu estava passando mal. No final do dia, eles me ligaram para saber como é que eu estava. Então, tem essa amizade, esse contato, que eu acho muito interessante.

**JP – Aqui no núcleo do bairro Industrial, como é essa relação?**

**Camila** – Essa relação aqui ainda tem dificuldade. Amizade de conversar já tem, mas a parte de cuidar, igual acontece lá no CRAS, ainda não existe. Mas eu acho que, conforme o tempo for passando, pode ter como pode não ter.

**JP – Gostaria que você falasse das questões que limitam o seu trabalho aqui não núcleo do PVA do bairro Industrial.**

**Camila** – A coordenação dificulta bastante. Mas a dificuldade também é do ambiente, tem muito risco aqui. Então, quando eu faço atividades, eu pego a parte que está ali que não tem buraco. Como você pode ver, tem muito buraco aqui. Por ter mais pessoas de terceira idade, tanto no alongamento quanto na aula de dança, elas podem cair a qualquer momento em algum buraco que tem aqui. É um problema sério, porque todo movimento que vai para um lado, para o outro. Vai que ela está indo para um lado e cai... O risco vai ser dela, mas a responsabilidade cai em mim por eu estar ali. Então, é muito difícil, muito complicado.

**JP – O que você pensa sobre a presença de pessoas das mais variadas faixas etárias no PVA?**

**Camila** – Aí assim, eu acho interessante Quer dizer que elas estão buscando qualidade de vida e eu acho bem interessante, eu gosto, acho bem legal. Apesar de que hoje elas comentaram comigo que a mais velha está hoje no hospital, torcendo para que ela melhore. É a que tinha mais idade, oitenta e cinco, oitenta e sete anos. Ela falava assim: “Eu sou a melhor, eu não sinto dor”, e fazia do jeito dela, falando que estava certo. Ela não aceitava correções, mas era a única que tinha essa porção de problemas. Eu não cheguei a conversar muito com ela, mas o ambiente o pessoal aqui já conhecia.

**JP – Teve uma aluna que faleceu recentemente. Como esse falecimento interferiu na rotina do grupo aqui no PVA?**

**Camila** – Abaixou o ânimo demais... Toda vez que eu dava aula, eu tentava animar a turma para descontrair, mesmo tendo aquele sentimento ruim, por eu ter perdido uma aluna e elas terem perdido uma colega de tempos. Dava para observar a face de cada um, com a tristeza de cada um e tal. Quando chegava uma foto, parava a aula e iam todos ver. É igual às crianças que eu dou aula: passou um passarinho, elas olham, e acabou a aula por causa do passarinho. Elas dispersavam bastante, por isso naquela época era bem difícil, bem difícil.

**JP – Você é de uma geração diferente das alunas. Você acredita que isso interfere de alguma forma no seu trabalho?**

**Camila** – Agora você me apertou... (risos) Eu acho que ajuda, porque eu consigo observar o ponto de vista do outro público, de terceira idade, que já tem uma vivência maior que a minha, já tem uma noção maior e tal. Eu tento participar também dessa visão, um pouquinho daquilo ali e coloco no meu conhecimento, eu também tiro a opinião delas, para poder melhorar o meu lado também. Essa parte positiva eu acho que é bom pra mim; já a parte negativa de trabalhar é que é muito complicado, não tem como agradar todo mundo, nem Jesus Cristo agradou todo mundo... Sempre tem essa dificuldade de agradar. Sempre tem uma que fala mal, que vira a cara... Mas a parte positiva é que eu consigo, sabe? É, eu estou junto, ali, sempre. É muito bom, eu gosto demais.

**JP – O que você pensa sobre a presença de apenas um homem no PVA, aqui no bairro Industrial? Por que parece ser tão difícil trazer os homens para participar do projeto?**

**Camila** – Aqui, observando o senhor que faz a aula de alongamento, eu não tenho muito contato com ele, só quando eu pego ali, no final do alongamento. Eu não sei como explicar o motivo, não. Deve ser por causa do trabalho. Algumas mulheres trabalham, mesmo sendo da terceira idade, têm um bico. Eu vejo muitos homens idosos, de terceira idade ou de meia idade, que vão pra praça, ou outros lugares, e não têm aquele costume da prática, têm preguiça de vir. Com a mulher, é diferente. É lógico que tem as mulheres preguiçosas também, mas as mulheres daqui estão mais ativas, elas querem sempre ficar com o corpo bonito, melhorar. O homem já é mais relaxado – na minha opinião (risos) – mais tranquilo. Já o senhor que vem aqui é a esposa que puxa... Lá no CRAS, são quarenta mulheres e três homens. Lá eu comecei só com mulheres, depois veio um homem, que ficou bastante tempo e depois saiu, algum tempo depois voltou de novo, e trouxe mais dois. Eu disse: “Que beleza, continue assim!” Depois apareceu mais um, que está até hoje, mas sempre com a esposa. O único que não

vem com a esposa é um senhor que vem com a irmã e com a sobrinha. A mulher traz, ou irmã e sobrinha, vai todo mundo junto. É família, tem muita família nas minhas aulas. Vai sogra com a nora, vem a mãe com a filha, é assim.

**JP – Tem um grupo de alunas aqui, no bairro Industrial, que já estão se exercitando há aproximadamente cinco anos, desde o antigo PELC. Em sua opinião, por que esse grupo permanece unido há tanto tempo?**

**Camila** – Elas gostam muito do alongamento, da dança, mas eu observo que elas vêm para interagir uma com a outra. Eu vejo muita conversa uma com a outra, bate papo. Tem pessoas que vêm do bairro Olaria, tem pessoas que vêm lá de cima, dos bairros Coparma, Santa Bernadete, Industrial e se juntam, porque no dia a dia não têm esse contato. Mas chegando aqui elas falam: “Tenho que contar uma coisa para a minha colega do alongamento, mas não vou lá no bairro Olaria porque é muito longe; ela vem aqui e eu converso com ela aqui”. Tem essa parte de contato, mas elas sempre tentarem se reunir para continuar eu acho que é porque elas gostam muito, já é uma rotina para elas, sempre faz parte da rotina. Além das aulas, tem as festas que a gente faz aqui no projeto, e eu acho que elas também se encontram fora das aulas do projeto. Algumas alunas que moram perto umas das outras se encontram sim, têm este contato sim.

**JP – Camila, para você, o que é o envelhecimento?**

**Camila** – Pra mim envelhecimento é psicológico, a idade não tem nada a ver com isso. Cada um pensa da forma que age. Eu acho que é psicológico, porque eu tenho vários exemplos, tem uma tia minha que é bastante velha e tem um pique que coloca menina de vinte anos no chinelo... A minha avó, por exemplo, que Deus a tenha no céu, ela tinha sessenta e nove anos quando faleceu e parecia ter oitenta, mas ela também tinha problema de Alzheimer. Isso só vai diminuindo, conforme o tempo vai passando só vai diminuindo. Aí, a pessoa que está ativa não liga para esse negócio de envelhecimento. Envelhecer todo mundo vai envelhecer mesmo, não adianta, não tem que ter esta pretensão. Você nasce, você cresce, vira adulto e é óbvio que você vai envelhecer. Às vezes a pessoa fala: “Eu estou velha...” Eu digo: “Você não está velha, sabe, você tem que saber viver, vai vivendo”. Pra mim é isso, eu acho que é psicológico, eu penso dessa forma. Cada um vive de uma forma, tem muito a ver com a motivação pra fazer a atividade física, a pessoa até esquece, se ela tiver ocupada com outras coisas ela esquece, ela se sente mais importante e vai vivendo; quando ela vê, já está velha e não está nem aí, está curtindo, como dizem minhas alunas: vida loca (risos).

**JP – Você tem um público de meia idade no outro núcleo. Esse grupo se preocupa com o envelhecimento?**

**Camila** – Sim, lá elas dizem assim: “Quero fazer o exercício para emagrecer, quero ficar bonita, quero ter o corpo bonito porque, quando eu ficar velhinha, eu quero ficar no estilo (risos), com ‘tudo em pé’ (risos), ‘tudo chique’”.

**JP – Gostaria de agradecer a entrevista. Caso você queira falar mais sobre algum ponto, fique à vontade.**

**Camila** – Quando eu comecei aqui, eu ia sair do CRAS pra poder trabalhar aqui, só aqui. Aí eu comentei: eu vou sair do CRAS não sei que dia, mas vai ter uma outra pessoa aqui. Eu até comentei que seria o Luís Carlos. Ai, elas perguntaram quem era o Luís Carlos. Eu disse que era um amigo meu que dá aula de dança, dá aula de alongamento, supertranquilo, que elas podiam ficar tranquilas, que estariam em boas mãos, pois tenho toda confiança nele. Ai elas falaram: “Não queremos o Renato, não; queremos você (risos). Se você sair, nós vamos lá na Prefeitura brigar (risos)”. Eu disse: “Calma! Calma!” Mas elas fizeram um “fuzuê danado”, querendo falar com a Ana Paula para eu não sair. Foi engraçado. Daí, eu continuei no CRAS do bairro São João.

**JP – Obrigado pela entrevista, Camila.**

**Cynara** – De nada.

**FIM DA ENTREVISTA**

## **TRANSCRIÇÃO: ENTREVISTA 6**

**NOME: MARIANA – ALUNA PVA**

**IDADE: 63 ANOS - 1950**

**DATA: 25 / OUTUBRO / 2013**

**HORÁRIO: 7h40**

**LOCAL: SALA DE MATERIAIS – CAMPO DO CLUBE INDUSTRIAL**

**JP – Há quanto tempo você frequenta as aulas do projeto de ginástica?**

**Mariana**– Já tem muito tempo, eu acho que uns cinco a seis anos. Eu estou desde o início do projeto.

**JP – O que motivou a senhora a começar a participar do projeto?**

**Mariana** - Eu vim e comecei porque é muito bom para a saúde. Depois que eu comecei eu melhorei muito mesmo, sabe? Melhorou meu modo de conviver com as pessoas. A gente fica muito mais popular.

**JP – A senhora comentou que tem filhos; eles moram com a senhora?**

**Mariana** – Só um. O outro é casado.

**JP – O marido da senhora é aposentado?**

**Mariana** – Não, ele trabalha ainda. Ele é eletricista.

**JP – Houve alguma dificuldade na época para a entrada da senhora no projeto de ginástica?**

**Mariana** – Não, não houve, foi bem tranquilo.

**JP – Gostaria que a senhora falasse quais são os maiores prazeres que a senhora tem em participar das aulas do projeto de ginástica.**

**Mariana** – Eu tenho prazer de vir aqui porque na hora que saio daqui já estou melhor, mais animada. Você chega em casa mais animada. Eu venho todos os dias.

**JP – A senhora já tinha feito exercício físico em outra fase de sua vida?**

**Mariana** – Não. Comecei a fazer depois que eu aposentei.

**JP – Gostaria que a senhora falasse como é sua relação com as outras alunas do projeto.**

**Mariana** – É uma relação muito boa, a gente brinca muito, ri muito, sabe? E a gente tem muito amor uma com a outra. Muita amizade.

**JP – Gostaria que a senhora falasse sobre a relação com a professora Ana Paula.**

**Mariana** – A relação é ótima, ela é muito boa, atenciosa. É paciente, tem paciência com os mais velhos e atenção, muita atenção.

**JP – Como foi para a senhora a época da transição entre o PELC e o PVA?**

**Mariana** – Foi uma época meio entranha, porque a gente já estava acostumada com um, aí entrou o outro, mas o outro é bom também. Todos foram bons, todos são bons. Então, a gente sentiu a falta de alguns, mas foi a mesma coisa, porque são todos iguais. Teve uma época que a gente ficou um tempo sem professor, tinha dia que o professor não vinha, aí a gente mesmo juntava e ia, fazia, caminhava, a gente inventava a ginástica, fazia ginástica.

**JP – Eu percebo que aqui há uma diferença de idade entre as alunas. O que a senhora pensa sobre isso?**

**Mariana** – É, eu acho bom; esta diferença de idade não faz diferença, não.

**JP – Eu vi que aqui no projeto temos trinta e uma mulheres e um homem matriculado. Por que a senhora pensa que tem essa diferença no número de mulheres e homens no projeto de ginástica?**

**Mariana** – Porque os homens são muito desanimados! Eles ficam caminhando aí, ao invés de vir, ficam caminhando ali. Tinha que vir pra cá. Hoje tinha um vizinho meu ali e eu disse: “Vem pra cá desenferujar”. Ele diz: “Uma hora eu vou...”, e não vem nada. O portão é aberto para todos. Eu acho também que um número de homens maior não faz diferença, não. Muito homem também não é bom, homem é meio esquisito... (risos). Tira a liberdade da gente.

**JP – Para a senhora, o que é o envelhecimento?**

**Mariana** – Este projeto de ginástica é muito bom porque a gente renova, entendeu? A gente fica pra baixo e aí a gente renova, sabe? Então é muito bom.

**JP – Para a senhora, quais seriam os pontos positivos e negativos de envelhecer?**

**Mariana** – O negócio é viver; morrer é que não pode (risos).

**JP – Gostaria que a senhora falasse como é a relação com seus familiares. Eles a incentivam a participar do projeto?**

**Mariana** – É uma relação muito boa. Eles me mandam vir, o dia que não tem e eu fico deitada até mais tarde, meu menino fala: “Ô mãe, como é que é? Vai para a ginástica”. Eles não gostam não, eles gostam quando eu venho.

**JP – Como a senhora organiza suas tarefas em casa para participar do projeto?**

**Mariana** – Eu acordo mais cedo, cozinha batata, feijão e deixo mais ou menos pronto. Daí, na hora em que eu chego já está mais ou menos no jeito.

**JP – O que representa para a senhora fazer parte desse grupo de alunas do projeto?**

**Mariana** – Representa reviver, renovar, entendeu? É renovar, eu renovo, sabe? Eu gostei muito porque as tristezas saem fora, é muito bom. A gente tem amizade, a gente conta caso, ri, então estão todos unidos. A gente marca de encontrar em outros lugares, é muito bom. Tem vez que não tem a ginástica e a gente se encontra aqui para caminhar.

**JP – O que a senhora acha que mudou na vida das mulheres idosas em nossa sociedade?**

**Mariana** – Elas renovaram, mudaram... É uma alegria. Elas não querem mais ficar em casa pelejando com o serviço, nem ficar triste, ficar pensando que porque estão na terceira idade vão morrer. Aí renova, vai renovando.

**FIM DA ENTREVISTA.**

## **TRANSCRIÇÃO - ENTREVISTA 7**

**NOME: RENATA – ALUNA PVA**

**IDADE: 56 ANOS - 1957**

**DATA: 30 / OUTUBRO / 2013**

**HORÁRIO: 8h10**

**LOCAL: SALA DE MATERIAIS – CAMPO DO CLUBE INDUSTRIAL**

**JP – Dona Renata, há quanto tempo a senhora frequenta o projeto de ginástica?**

**Renata** – Mais ou menos uns cinco anos.

**JP – Gostaria que a senhora falasse para mim o que a motivou a começar a participar do projeto de ginástica?**

**Renata** – O que motivou foi que, às vezes, a gente ficava desaminada em casa. Eu dei uns tempos a ficar com depressão, então os médicos passaram para eu começar a fazer atividade, o alongamento, que melhora a mente da gente. Porque era bom, e realmente foi bom mesmo.

**JP – Como é a organização da sua família?**

**Renata** – Lá em casa somos eu, meu esposo e meu filho. Eu não tenho netos. Meu filho ainda está com vinte e três anos. Tem que deixar para mais tarde, ele está estudando, fazendo faculdade.

**JP – Houve alguma dificuldade para sua entrada no projeto de ginástica?**

**Renata** – Não, eu fui ao médico e ele me deu o atestado. Eles exigiam o atestado. Ele me deu o atestado e falou o que eu podia fazer. Tem uns tipos de abdominal que eu não posso porque eu tenho artrose na nuca e ele me proibiu de fazer. Os tipos de exercício que eu via que me prejudicavam, eu não fazia.

**JP – Como foi para você a transição entre o PELC e o PVA?**

**Renata** – Quando parou, a gente mesmo continuava aqui dando alongamento uma para a outra. A gente segurou, a gente mesmo chegava, alongava e passava para as outras. Realmente eu dei alongamento várias vezes aqui. Eu falava: assim gente, vamos fazer, vamos embora e a gente ia, fazia um (exercício), fazia outro (exercício) até acabar o horário.

**JP – Então, independentemente de ter professor ou não, o pessoal não faltava.**

**Renata** – Não, quando o professor não vinha, a gente pegava, eu e a outra, que também era animada, e fazia também. A Leandra também fazia. Ela também ajudou a fazer alongamento. Ela também ajudava. Quando não era eu era ela, depois uma outra, e fomos levando. Uma ajudava a outra a lembrar: nós fizemos esta ginástica assim, a outra lembrava também, entendeu? Quando não tinha professor.

**JP – Depois que a Ana Paula entrou, não trocou mais de professora, correto?**

**Renata** – É, a Ana Paula entrou no alongamento. Tinha a aula de dança, mas não tinha o professor, a gente trazia o CD de casa, uma trazia, outra trazia e a gente dançava, fazia uma aula de dança. Eu cheguei a trazer um radinho meu e coloquei para o pessoal dançar.

**JP – Gostaria que você falasse se existe alguma dificuldade em permanecer no projeto de ginástica.**

**Renata** – Não. Minhas obrigações de casa eu deixo pra lá, na parte da tarde eu faço. Só não venho se eu estiver passando mal ou tiver um médico marcado. Sexta feira eu não vim porque eu fui na reunião no posto perto da minha casa. Então vai ter reunião hoje, vai ter palestra com médico. E minha glicose também, às vezes a glicose passa de cem... Eu não sou diabética, mas tenho que ficar de olho. Minha pressão, tudo eu olho.

**JP – Quais as maiores satisfações e prazeres que você acha que tem em participar do projeto de ginástica?**

**Renata** – É muito bom... Quando a gente está aqui, a gente não está lembrando de nada, de problema nenhum... Quando a gente está aqui, a gente conversa com as colegas, a gente ri. A mente da gente não pensa em nada... Eu pelo menos sou assim... Quando eu estou aqui no projeto, é uma maravilha, a gente brinca, conversa, é uma atividade muito boa.

**JP – Eu noto que você também participa da dança, fica até o fim.**

**Renata** – Se tem dança, eu fico sim... Tem dança, eu fico até o final. Eu gosto muito da dança. Eu falo assim: vamos fazer um forró para essas mulheres animarem mais. Vai gente embora porque ficam só aquelas músicas novas... Eu falo com ela (estagiária): “Vamos botar uns forrós”. Eu digo: “E vou trazer um CD de forró para o pessoal animar

mais, para elas ficarem. Fica pouca gente na aula de dança porque não tem forró. Se tivesse forró, muita gente ficava, porque já está acostumada. São as músicas de forró que nós, mais idosas, gostamos... Somos mais idosas, porque passamos de cinquenta (anos) e já não gostamos desse negócio de músicas novas que tocam em festas. Eu e minha família vamos a muito aniversário que tem uns forrós, e a gente dança. Agora, esse negócio de funk ou esses outros sertanejos, é só a minha sobrinha que dança, que pula lá no meio. O pessoal aqui quer outras músicas.

**JP – Você já tinha feito exercícios em outra fase de sua vida?**

**Renata** – Não, quando eu era mais nova e morava na roça, o exercício nosso era puxar enxada, nosso exercício era esse. Esses exercícios que fazem hoje não existiam na roça não, essas ginásticas que tem hoje. A gente brincava, ia numa reza, mas esse tipo de exercício não tinha.

**JP – Com é sua relação com as outras alunas?**

**Renata** – Graças a Deus, é uma relação muito boa. A gente encontra depois daqui... Eu tenho muitas amigas, graças a Deus, muitas amigas... Às vezes tem algumas na ginástica que são meio sistemáticas, mas deixa pra lá. Se falar alguma coisa que não agradou, eu não debato com ninguém, cada um na sua.

**JP – E a relação com a professora, como é?**

**Renata** – É uma relação boa, ela junta a turma mesmo.

**JP – E com a estagiária, como é essa relação?**

**Renata** – É uma relação muito boa, a gente brinca muito com ela e ela com a gente.

**JP – Eu percebi que o grupo é diferente com relação a idade. Você acredita que isso interfere de alguma forma nas relações do grupo?**

**Renata** – Aqui tem pessoas idosas e até gente de quarenta e poucos anos. Aqui não tem problema não, ninguém reclama, não tem nada a ver não. Só o tipo da dança... Tem umas mais novas que já gostam dessas músicas mais agitadas, nós já gostamos do forró. Da minha idade pra cá, sessenta e poucos anos. Tem uma aqui de oitenta. Aquela senhora ali tem oitenta anos; ela não gosta dessas coisas, não. A filha dela é que gosta...

Agora, se fosse um forrozinho, ela já dançaria um pouco. Por exemplo, a dona Nadir, que faleceu, gostava de dançar um forró.

**JP – Eu notei que aqui no PVA temos 31 mulheres e apenas 1 homem. Por que você acha que tem uma diferença tão grande entre o número de homens e mulheres no projeto?**

**Renata** – Porque os homens são desanimados, por exemplo, esses homens que caminham aqui no bairro eles não têm coragem de chegar aqui na ginástica e no alongamento. Eles já preferem caminhar no campo. O senhor Fernando é o único que fica sozinho aqui no meio das mulheres. Ele é gente boa demais. Ele fica aí e não desanima não. Ele está vendo que a atividade é boa para ele. Aqui ele se sente bem. Se ele não se sentisse bem ele não estava no meio de nós. Ele está aqui desde que a gente começou. O senhor Alaor já está há um bom tempo.

**JP – O que você pensa sobre a possibilidade da entrada de mais homens no projeto?**

**Renata** – Eu acho que não seria bom, seria pior, porque a gente, sendo mulher, tem mais liberdade. A gente brinca sem problema e ele fica ali no meio de nós, quietinho. Você sabe que os homens têm um jeito de brincar que é diferente do nosso. Com mulher, só mulher, é mais tranquilo, tem mais liberdade.

**JP – Gostaria que a senhora falasse o que o envelhecimento representa para você.**

**Renata** – A gente vai envelhecendo, mas, se a mente estiver bem, a gente não está envelhecendo, a gente está se motivando. Porque agente não sente que está envelhecendo. Eu, por exemplo, às vezes olho e digo: “Estou com cinquenta e seis anos, mas na minha mente eu não sinto que eu estou velha não...” A gente não sente que está envelhecendo.

**JP – Como é a sua relação com seus familiares?**

**Renata** – Minha família? Eles me incentivam. A minha irmã faz hidroginástica, ela não vem aqui porque ela trabalha. A outra não vem porque não aguenta, ela tem artrose nas pernas, tem problemas de pressão. Minha irmã frequentou muito aqui também. Nós somos muito unidas, graças a Deus. Nós somos sete irmãos muito unidos.

**JP – Como a senhora organiza as tarefas domésticas para estar aqui no projeto?**

**Renata** – Eu já deixo organizado. Eu deixo o feijão cozido. Tudo meio pronto, porque meu filho almoça em casa. Eu já deixo prontinho. Eu chego lá e já vou organizando para dar tudo certo. Aí, de manhã, se eu levanto mais cedo e dá tempo de arrumar o meu quarto, eu arrumo. Se eu acordei mais tarde um pouco e tenho que vir para cá, eu deixo para lá. Faço depois.

**JP – O que participar aqui no projeto representa na sua vida?**

**Renata** – Mudou muita coisa, eu me sinto melhor, o corpo mais leve. Antigamente, quando eu andava, dava aquela canseira, as pernas doendo, os nervos todos duros. Agora a gente vem, aguenta subir um morro sem cansar. As amizades também que a gente faz. Quando eu não venho, eu sinto falta. Quando falam que esta semana não vai ter, a gente sente muita falta daquela atividade em que a gente vem e conversa com as amigas. Porque, geralmente, o pessoal que está aqui eu conheço todo mundo, mora todo mundo aqui no bairro

**JP – A senhora acha que mudou algo na vida das mulheres na sociedade brasileira?**

**Renata** – Mudou muito, eu vejo assim na televisão... Eu vou para a praia, lá tem alongamento e eu entro no meio. Lá as mulheres estão dançando, tem um forrozinho... Lá no Espírito Santo tem, você sabe que tem, na beirada do mar. Aí eu pulo a corda e entro no meio com elas. São os mesmos exercícios que a gente faz aqui. Toda cidade tem, então mudou muito...Aas pessoas parece que estão vivendo hoje mais alegres, esquecem um pouco os problemas. Inclusive lá na praia uma mulher falou comigo: “Estando aqui, eu esqueço meus problemas, porque eu sinto isso, sinto aquilo, sinto outro. Esqueço mesmo, aqui vamos dançar, vamos distrair, quando a gente acha os exercícios de ginástica uma coisa muito boa”.

**JP – Obrigado pela entrevista.**

**Renata** – De nada. Até mais.

**FIM DA ENTREVISTA**

## **TRANSCRIÇÃO - ENTREVISTA 8**

**NOME: ADRIANA**

**NOME: 67 ANOS - 1946**

**DATA: 01 / NOVEMBRO / 2013**

**HORÁRIO: 7h30**

**LOCAL: SALA DE MATERIAIS – CAMPO DO CLUBE INDUSTRIAL**

**JP – Há quanto tempo a senhora frequenta as aulas de ginástica do projeto?**

**Adriana** – Tem uns três anos. Só que este ano eu fiquei parada quase o ano todo. Agora é que eu comecei a vir de novo. Tem umas cinco vezes que eu vim agora.

**JP – A senhora ficou parada esse tempo por quê?**

**Adriana** – Por preguiça (risos). Quando eu comecei já tinha este projeto aqui.

**JP – O que motivou a senhora a começar a participar do projeto?**

**Adriana** – É que eu estava sentindo muita dor, aí eu passei no médico e ele falou para eu fazer hidroginástica ou fazer uma coisa física. Aí, como a minha cunhada faz, eu comecei a vir. Só que eu comecei a fazer e a fazer, eu fiz mais ou menos um ano, mas eu faltava bastante, depois eu voltei e fiz mais um tempo... Aí eu parei de novo. Agora eu comecei de novo e quero ver se eu vou ficar firme.

**JP – Como foi a época da transição do PELC para o atual PVA?**

**Adriana** – Eu acho que foi nessa época que eu não estava vindo. Na época que eu voltei já era a Valéria como professora. Já comecei com ela, mesmo.

**JP – Quais são os maiores prazeres presentes aqui no projeto para a senhora?**

**Adriana** – Eu acho muito bom, porque eu estava sentindo muita dor nos braços, nas pernas. Eu já estava assim meio sem querer andar. Aí comecei a fazer e comecei a me sentir bem. Eu me senti ótima, graças a Deus.

**JP – A senhora já tinha feito exercício em outra fase da vida da senhora?**

**Adriana** – É a primeira vez. Antes, o meu exercício era trabalhar na roça.

**JP – Como é a sua relação com as outras alunas? O pessoal se encontra fora daqui?**

**Adriana** – A relação é boa. Eu só encontro com elas aqui na ginástica.

**JP – Como é a relação com a professora?**

**Adriana** – É uma relação ótima. A Valéria é ótima. A relação com a estagiária também é boa.

**JP – A senhora frequenta a aula de ginástica e a aula de dança?**

**Adriana** – Eu faço a aula de ginástica; na de dança eu não fico, porque, quando era o Guilherme que dava aula no projeto, eu fui um dia, mas eu não gostei muito, e não fui mais, não voltei mais, não.

**JP – O que a senhora pensa sobre as diferenças de idade dentro do grupo da ginástica?**

**Adriana** – Eu acho que não tem nada a ver não, eu acho que não tem nada diferente.

**JP – O que você acha de termos trinta e uma mulheres e um homem no projeto? Por que os homens não se matriculam?**

**Adriana** – É, os homens também podiam vir, meu marido, por exemplo, eu chamo direto, e ele diz: “Eu não vou não, lá não tem homem..”. Eu digo que tem sim, tem um, agora tem dois com você; aí ele fala: “Deixa ver, se aumentar mais eu vou”. Quer dizer que acha chato ter muita mulher e um, dois homens só. Podia ter mais homens, seria melhor.

**JP – Na visão da senhora, o que é o envelhecimento?**

**Adriana** – Eu acho que a gente vai ficando mais velho, a gente não tem mais animação de fazer as coisas, por exemplo, a ginástica, tem dia que a gente sente dificuldade para vir. Eu acho que as pessoas mais novas têm mais força, gente mais velha está sem força. Tem dia que eu fazia a ginástica e quando ia fazer os trabalhos da casa eu estava toda doendo, depois melhorou, normalizando... Mas parece que é mais por causa da idade da gente. Porque eu acho que os novos vêm e não sentem. Eu mesma, quando era mais nova, podia andar daqui até o Santa Isabel que eu não sentia nada, dor nas pernas, não sentia nada. Aí, quando eu começo, eu sinto dor nas pernas, depois vai melhorando. Eu

acho que a gente vai ficando velha e muda tudo. Você trabalha e rapidinho já está cansada, sentindo cansaça. Quando você está novo é diferente, você trabalha, trabalha e trabalha e não sente que está cansado; a gente, na velhice, sente geralmente muita cansaça.

**JP – Como é sua relação com os familiares? O que eles acham de você se exercitar aqui no projeto?**

**Adriana** – É uma relação ótima. Eles apoiam, meu filho briga comigo para eu voltar a fazer ginástica. Ele esteve aqui em junho e até foi lá para eu começar a fazer nataçaõ e eu, desanimada, não fui. Ele perguntou se eu comecei a fazer e eu disse que ainda não: vou voltar agora, eu vou começar a fazer. Aí eu voltei a fazer aqui. Eles falam direto que é muito bom e geralmente é bom mesmo.

**JP – Como a senhora organiza seus serviços de casa para participar aqui do projeto?**

**Adriana** – Eu mesma que organizo, eu faço tudo em casa.

**JP – O que participar o projeto representa para a senhora?**

**Adriana** – Eu acho muito bom, porque geralmente você está no meio da turma e você conversa. Eu às vezes venho para cá meio enrolada... Aqui você conversa, e vai embora mais leve. A gente sente a diferença.

**FIM DA ENTREVISTA**

**ANEXO VI**  
**FICHA DE OBSERVAÇÃO – CADERNO DE CAMPO**

**FICHA DE OBSERVAÇÃO - 1**

<b>Observador: João Paulo Fernandes Soares</b>	
<b>Local: Projeto Vida Ativa (PVA) – Campo do Clube Industrial</b>	
<b>Professora: Ana Carolina</b> <b>Estagiária: Camila</b>	
<b>Data: 04/março/2013</b>	<b>5) Local da aula: espaço interno – parte superior das arquibancadas</b>
<b>Horário Início: 7h00</b>	<b>7) Horário Término: 9h00</b>
<b>Conteúdos da(s) aula(s): ginástica localizada / alongamento e dança</b>	

A primeira inserção no campo de nossa pesquisa inicia-se com minha chegada ao local onde são desenvolvidas as atividades do PVA no bairro Industrial, no município de Ubá. Esse bairro de classes populares fica localizado próximo a uma avenida central da cidade, de grande movimento, a Beira-Rio, e tem, como característica, o elevado número de estabelecimentos comerciais e de fábricas de móveis.

As aulas do PVA são realizadas na parte interior de um clube de futebol amador da cidade, o Industrial. O local é amplo e tem um espaço acima das arquibancadas, na lateral do campo de futebol, e um galpão. As aulas são alternadas nesses dois espaços, de acordo com as condições climáticas do dia. O espaço superior das arquibancadas fica ao ar livre, e algumas árvores encobrem parcialmente a luz solar. O galpão é coberto e geralmente é utilizado quando a temperatura está muito elevada ou em dias de chuva.

As aulas são realizadas no piso superior das arquibancadas, abaixo de uma árvore frondosa que cobre parcialmente o espaço. Há ainda um espaço paralelo, com acesso por uma escadaria, onde são armazenados os materiais utilizados no PVA. No local, há um sanitário e uma mesa, onde são empilhados aproximadamente 50 colchonetes. As garrafas pet de 600 ml e os bastões de madeira ficam na lateral dessa mesa, encostados na parede.

O local é desorganizado, com vários materiais de pintura espalhados pelo chão. A umidade, reflexo das infiltrações nas paredes, também é um ponto que chama a atenção.

Segundo a professora, tal local será alterado em breve, para armazenar os materiais novos que foram solicitados à Secretaria de Desenvolvimento Social da PMU, à qual são vinculados a Divisão de Esportes e o PVA.

Chego às 7h10, horário em que as atividades já haviam iniciado. A professora Valéria está desenvolvendo uma aula de ginástica localizada, utilizando materiais adaptados – colchonetes, garradas pet de 600 ml preenchidas com água (que fazem a função de halteres) e cabos de madeira de 1 metro cada – para apoio em exercícios, como agachamento.

O público presente é de 32 pessoas, sendo 31 mulheres e 1 homem. As idades dessas mulheres são variadas, indo desde uma criança de 8 anos a idosas de 81 anos. As idades ainda não foram averiguadas nas fichas de inscrição com a professora, no entanto, pode-se notar uma amplitude geracional entre adultas e idosas.

## **A AULA DE GINÁSTICA**

A aula de ginástica teve duração de 1 hora, e diversos exercícios foram realizados. Dentre as 32 alunas, 8 realizaram seus exercícios de pé, sendo que estes foram adaptados pela professora. O restante da turma realizou os exercícios sobre os colchonetes. A professora explicava verbalmente a execução dos exercícios, alertando para possíveis erros. Em determinados momentos, ela demonstrava o exercício. Em seguida, iniciava a contagem, que ia de 1 a 20. Após um período de aproximadamente 1 minuto de descanso, novo exercício era iniciado.

Apesar da contagem, boa parte da turma realizava o exercício em seu próprio ritmo e sem um padrão de movimento. As correções eram realizadas pela professora em algumas situações.

Sobre esse ponto, em conversa após a aula, a professora me confirmou que evita correções de movimentos das alunas, devido às limitações motoras que cada uma possui. Esse fato se dá para evitar possíveis evasões por conta da insistência na correção.

“Olha, eu não gosto de ficar insistindo na correção das alunas. Geralmente eu vou lá, mostro o exercício e inicio a contagem. Correção demais faz com que algumas

alunas fiquem desconfortáveis, e algumas podem até ficar desmotivadas com a aula.” (Ana Carolina, professora PVA).

Noto que, apesar das contagens, ocorrem conversas paralelas sobre os mais diversos temas. As que pude ouvir eram sobre a ausência de duas alunas em uma festa no fim de semana e dores no punho de outra aluna.

“Tem gente que faltou na festa da igreja no fim de semana. Foi a Maria e a Teresa. Alguém saber por quê?” (Aluna 1)

“Acho que elas estão doentes, com gripe. Tem que ficar atento com essa gripe, que está pegando todo mundo.” (Aluna 2)

Percebo que existem outros desdobramentos do contato entre as alunas. São marcados encontros em locais diversificados, como a casa de algumas alunas, da professora, festas na igreja do bairro. Esses locais são referenciados e constantemente ocupados pelas alunas em seus momentos de lazer, constituindo espaços de sociabilidade diversificados e relevantes para o grupo, além das aulas do PVA.

Dessa forma, a criação de laços entre as alunas prevê um processo de reciprocidade com o grupo no que se refere à presença e à contribuição individual para a realização dessas festividades. A ausência é notada, e o sujeito ausente precisa expor seus motivos, o que podemos notar no diálogo acima, em que a aluna 2 já tinha as informações sobre os motivos da ausência da colega.

A professora faz brincadeiras discretas com algumas alunas, sempre chamadas pelo nome. Algumas dessas brincadeiras provocam risos em boa parte das outras alunas: “Tem gente cansada demais hoje, hein... Olha lá essa preguiça... O que vocês andaram aprontando no fim de semana?” (Ana Carolina, professora PVA)

Para encerrar sua aula, a professora realiza um breve alongamento e finaliza com movimentos de massagem em duplas, que são formadas a partir da proximidade no espaço e afinidade.

Noto que a escolha para montar as parcerias na finalização da aula expõe as relações de afinidade no interior do grupo. Algumas alunas mais antigas se agrupam, demonstrando cumplicidade em sua relação. Percebo, pois, que as alunas de idade mediana se diluem no grupo das alunas mais velhas.

Após a finalização da aula, a professora pede atenção e me apresenta para a turma. Exponho os objetivos de minha presença e da pesquisa que desenvolvo, bem como o tempo que ficarei com eles.

## A AULA DE DANÇA

Após esse momento, 17 alunas e o aluno se retiram. Este, ao que tudo indica, se exercita com sua esposa, pois sai de mãos dadas com uma aluna.

Chega uma estagiária do curso de Educação Física, chamada Camila, a qual irá ministrar a aula de dança.

Ficam para essa aula 14 alunas, dentre elas, duas senhoras, uma de 81 e outra de 80 anos, e a criança de 8 anos. As outras alunas têm idades variadas. O restante da turma não participa, segundo a professora, devido a compromissos familiares, como fazer o almoço e cuidar de netos.

É importante notar o processo e negociação de suas obrigações familiares para poderem participar das aulas. As responsabilidades domésticas com as atividades do cuidado com os parentes são centrais nas obrigações sociais dessas mulheres.

A aula se inicia e várias músicas são tocadas. Os ritmos são o sertanejo universitário e as músicas tipo *dance*. A estagiária faz as coreografias e as alunas tentam repetir, quase sempre sem sucesso. Nos momentos do ritmo forró, há uma maior adesão, ficando as duplas formadas por mulheres. Duas alunas apenas assistem à aula e uma delas dança apenas duas músicas.

Nesse momento, o sol já incomoda boa parte da turma. A aula é encerrada com uma música *dance*. Durante vários momentos, percebe-se demora na entrada de outras músicas, devido ao fato de estar em *pen drive* e pela dificuldade em localizar as pastas.

Assim que é finalizada a aula, algumas alunas se vangloriam de, apesar de serem mais velhas, conseguiram realizar as duas aulas. “Vocês estão vendo? A velha aqui ainda tem muita lenha para queimar! Estamos melhor que muita menina nova por aí.” (Aluna 3).

Elas se despedem e saem rapidamente do espaço. Eu fico em companhia da estagiária e de uma aluna, Lenir, responsável por guardar a caixa de som, o aparelho micro system em sua casa, que fica na rua paralela ao campo. Caminhamos até a casa da aluna, onde deixo a aparelhagem, próximo à entrada da casa. Pergunto seu nome e me despeço das duas.

## FATOS RELEVANTES

Existe apenas um homem no grupo.

A aluna Bruna, em conversa informal no momento da aula de dança, expôs que é uma das alunas mais antigas, ainda do período do PELC, e tem preocupações de que o grupo fique de novo sem professor. Ela alega que, em um período atrás, o projeto foi ameaçado pela falta de professores e uma aluna assumiu, em conjunto com outras alunas, a tarefa de dar aula. Elas ficaram um período nessa situação e atribuem a isso a continuidade do Projeto.

A aluna Leandra, responsável por guardar a aparelhagem de som, expôs que houve um mutirão de contribuições para comprar a cobertura de um local para que elas se exercitassem. Não sendo possível, a professora Valéria utilizou o recurso para comprar a aparelhagem de som.

Ela reclama que as músicas da aula são de “jovem”, e as alunas não conseguem acompanhar o ritmo. Ela me diz ter um CD com músicas boas, da época dela no som, mas não é utilizado. “Eu não gosto dessas músicas não. Não tem nada a ver com a aula da professora, mas é que são umas músicas barulhentas, de jovem, né. Eu prefiro as músicas mais antigas, os sertanejos. Essas sim eram boas.” (Leandra, aluna PVA)

A música se apresenta como fator que pertence aos aspectos simbólicos representativos de sujeitos em posições geracionais diferenciadas. A estagiária, a partir de sua referência geracional, traz esses aspectos simbólicos e os transmite através das conexões geracionais realizadas no PVA. Tal conexão gera conflitos a partir do momento em que tal referência não é compartilhada por alguns sujeitos com referenciais geracionais diferenciados, que buscam rememorar momentos sociais relevantes através das músicas representativas em suas trajetórias. Nota-se que a aluna Marina – a partir da posição de poder que assume no grupo, conquistada a partir de seu tempo de inserção no grupo, de aproximadamente quatro anos e o fato de ser a guardiã do aparelho de som – consegue, em determinadas circunstâncias, impor sua referência musical, que é representada pelo chamado “sertanejo de raiz”. Essa situação ocorre constantemente no início da aula e permaneceu em algumas situações, durante toda a aula inicial de ginástica, com a professora Ana Carolina.

A afinidade por esse estilo musical não é compartilhada pelo grupo de forma consensual, sendo que algumas alunas mais jovens, e mesmo algumas alunas mais

velhas, expõem gostarem das músicas chamadas “mais novas” ou “de jovens”, o que aponta para uma incorporação de aspectos simbólicos de outra geração. Essa percepção demonstra – como expõe Karl Mannheim – que as gerações são instáveis, dinâmicas e constantemente reelaboradas pela entrada de novos sujeitos e pela incorporação de outros aspectos culturais.

**ANEXO VII**  
**PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA (CEP/UFJF)**